

Iranáia Barretto Alves

A Rua  
das Flores  
e outros contos



Editora da UESC



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

---

**DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA

**Conselho Editorial:**

Alexandre Munhoz

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Décio Tosta Santana

Dorival de Freitas

Roque Pinto da Silva Santos

Fernando Rios do Nascimento

Francolino Neto

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo dos Santos Terra

Reinaldo da Silva Gramacho

Jaênes Miranda Alves

Samuel Leandro Mattos

---

Iranaia Barretto Alves

**A RUA DAS FLORES**  
e outros contos

Ilhéus - Bahia  
2006

  
Editora da UESC

©2006 by IRANAIA BARRETTO ALVES  
1ª edição: 2006

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

### PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

### REVISÃO

Maria Luiza Nora  
Aline Nascimento

### FOTO DA CAPA

Nilton Borges de Oliveira

### EQUIPE EDITUS

**Direção de Política Editorial:** Jorge Moreno; **Revisão:** Maria Luiza Nora,  
Aline Nascimento; **Supervisão de Produção:** Maria Schaun; **Coord. de  
Diagramação:** Adriano Lemos; **Designer Gráfico:** Alencar Júnior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A474 Alves, Iranaia Barretto.  
A rua das flores e outros contos / Iranaia Barretto Alves.-  
Ilhéus : Editus, 2006.  
216p.

ISBN: 85-7455-118-X

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD – B869.9301

---

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

## AO LEITOR

Imagino os meus contos sendo lidos ao entardecer... O leitor, a quem amo sem conhecer – amor virtual sem imagem corporal – confortavelmente assentado, tendo à frente, talvez, uma xícara de chá ou de café fumegante, degustando-o lentamente com biscoitos amanteigados, no entardecer frio que pede aconchego e recolhimento. Terá este, enquanto isto, sob os olhos, este livro. Deixar correrem soltas pelas páginas as emoções que forem surgindo a partir do texto, na alma.

Seguindo as pegadas de personagens fictícios, viajar através do imaginário... e encontrar-se no que de si sugere o livro!

Se quente, no entanto, estiver o tempo, sem importar o momento, podem ser lidos em qualquer lugar, contanto que valdia esteja a alma para encontrar nas páginas diversão e emoção!

*A autora*

# SUMÁRIO

9	A RUA DAS FLORES
17	O ANIVERSÁRIO
43	A PROMESSA
47	FILHA DOS VENTOS
65	ARAÇÁS-MIRINS
69	O JARDIM SECRETO
79	PALAVRA DE VIDENTE
89	O SÓTÃO
97	O CASAMENTO
105	UM ESTRANHO ENCONTRO
113	CAÇA AO LADRÃO
117	A CARÊNCIA FECUNDA
149	À SOMBRA DA ESPATÓDEA
161	O <i>OUTDOOR</i>
177	O <i>NIGHTCLUB</i>
185	DEZ ANOS!!!
195	LILI DA ESTAÇÃO



## A RUA DAS FLORES

Maior rua da cidadezinha, qual cinto largo em cintura fina, não recebeu o carinho merecido do lugarejo que escolheu para abraçar. Fora destaque no passado, é verdade, quando cobriram-lhe a nudez parda com veste cinza de pedrarias de nome tão grande quanto ela: paralelepípedos!

Inaugurada com faixas e bandas, discursos de políticos e foguetório, recebeu o nome de *Rua das Flores*, pois a pretendiam bela que nem um jardim.

Programa obrigatório aos domingos passou a ser percorrê-la em toda a sua extensão, com passadas comedidas, com ar de excelência e troca de cumprimentos. Cavalheiros havia – figuras ilustres do lugar – que nessas ocasiões trajavam suas melhores roupas brancas, engomadas, sapatos brancos de biqueira marrom, chapéu e bengala. Não que necessitassem do auxílio desta, mas a usavam como paramento substituto do cetro, talvez...

As damas, de saias longas, com cinturas finas apertadas em espartilhos, blusas bordadas e justas, meias finas sob botinas de salto alto, sombrinhas de renda a proteger-lhes o rosto pálido, desfilavam elegância de braços dados aos senhores maridos, pais de família e coronéis de honra ilibada. Ainda que corresse à boca-pequena boatos sobre amantes, quando grã-finas, e amanhecidas, quando mulheres mais humildes de ponta de rua.

Meninas com laços de fitas nas tranças, corriam em brincadeiras nas calçadas; meninos jogavam bola, alguns passeavam de patinete.

A Rua das Flores, a única rua calçada da cidade, passou a ser morada de rico, endereço que orgulhava. Ali os coronéis mandaram construir seus casarões, verdadeiros palacetes! Logo, logo, o prefeito, que também morava nela, criou a função de gari, então chamada de varredor de rua, a quem cabia varrer a Rua das Flores todos os dias, recolhendo as migalhas que por acaso ali houvesse, embora as demais ruas, sujas e fétidas, jamais fossem saneadas.

Essa fora a realidade, até o dia em que forasteiros descobriram um manancial econômico na região. Então, numa pressa vertiginosa, instalaram comarca, delegacia, bancos, edifícios, hotéis, bispado, estradas... A cidade, que não havia se preparado para crescer, espalhou-se para as bandas do ocidente, dividiu-se em bairros, esgarçou-se em ruas esburacadas, espichou-se a ponto de não mais poder ser percorrida a pé. Surgiram os ônibus urbanos atravancando o tráfego, soltando fuligem, dando à cidade o ar poluído da civilização; avenidas asfaltadas surgiram da noite para o dia, movimentadas, barulhentas, enfeitadas com fachadas iluminadas, anúncios, mão e contra-mão.

Excluíram a Rua das Flores que passou a ser periferia e, como tudo que é excluído, passou a ser problema: “submundo”, “rua de vida livre”, “antro de prostituição”, “morada de mulher da vida”, “zona de meretrício”, e outras tantas denominações de mais baixo calão classificaram a rua como lugar proibido a pessoas decentes.

Os casarões, motivo de orgulho dos coronéis, tornaram-se bordéis, bares e pensões suspeitas. Um mercadinho, de prateleiras empoeiradas e mercadorias de segunda categoria, garantia a subsistência de sua população, forma implícita de proibi-la de

sair dos limites da rua para abastecer-se lá fora. Em suas calçadas, crianças não mais brincavam, não mais se escutavam vozes cantando às janelas; postes sem lâmpadas garantiam a escuridão nas noites de pecado.

Na Rua das Flores não havia flores, não havia crianças, não havia igreja nem escola, não havia risos nem alegria nos bacanais com cheiro de bebida, danças em que corpos se invadiam ao som de boleros e tangos que cantavam amores trágicos com gosto de sangue. Nos lábios carmesins, as “mulheres da vida” amargavam o gosto acre da vida sem dignidade!

Nessa rua uma criança nasceu...

A prostituta, sobrinha do cáften que a explorava, pariu em noite de lua cheia, única luz sem preconceito. Ante as súplicas da mãe e a beleza da menina, o homem, proprietário do estabelecimento, aceitou a permanência da criança desde que não interferisse no funcionamento da casa nem na vida de frete da mulher. Promessa feita e cuidados tomados, ali foi vivendo a menina. A mãe a ocultava de todos, não querendo macular-lhe a inocência. Às escondidas, conseguiu padre e madrinha para batizá-la, deu-lhe o nome de Maria, pois a queria pura e protegida pela mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo; ensinou-lhe a rezar, a ler e a escrever.

A menina cresceu nos fundos do bordel. Mimada pelas mulheres da casa que, tanto quanto a mãe, a protegiam, guardou a inocência na boniteza virgem que despontava. Tornou-se jovem de beleza rara na pele alva e olhar azul, nos cabelos acobreados e lisos, na silhueta esguia de curvas acentuadas, feminilidade exuberante no corpo e na alma!

Um dia, a santa mãe morreu. Como puta, teve enterro sem pompas, numa vala rasa no fundo do cemitério. A proteção das mulheres não seria suficiente para impedir que o “tio” cáften ex-

pusesse em seus salões a jóia rara que tinha nas mãos: ia oferecê-la em noite de gala, anunciada aos quatro cantos pelo vento que, único a ter liberdade ali, saía da Rua das Flores e chegava como brisa aos ouvidos atentos dos “senhores de respeito”, na cidade.

Um político poderoso, homem de muitos bens e brios – como se dizia ele –, resolveu que aquela seria a noite inaugural do filho: “Rapaz de dezessete anos, o mancebo precisa iniciar-se nos prazeres da carne, provando que é macho e que puxou ao pai – pensava com orgulho –. Assim sendo, nada melhor que aproveitar essa ninfeta para o *debut* do rapaz; a inexperiência dela vai deixá-lo mais à vontade, sem tanto medo de errar!” Deu um jeito de mandar avisar ao cáften que reservasse “a jóia”, não a expusesse, pois ele tinha interesse na “peça”. Na calada da noite, o rapaz chegaria – apesar de o mancebo ser solteiro e desimpedido, o defensor da moral e da ordem era intransigente na manutenção das aparências – levado pelo motorista da família, homem discreto e de confiança comprovada, que o esperaria protegido pelas sombras, na escuridão. Tudo deveria acontecer na surdina, pois ele não era homem de tolerar transgressões; assim, todo cuidado seria pouco!

Tomadas as medidas de precaução, filho conversado e orientado pelo pai que, vaidoso, achava estar cumprindo sua obrigação de macho, lá se foi o donzelo que não tão casto era quanto se imaginava. O motorista parou o carro no meio-fio – conhecia bem o local, às vezes trazia o coronel – sob poste sem iluminação. O jovem, qual sombra esgueirou-se, entre inseguro e excitado, entrando pela porta dos fundos como explicara o pai. A porta que se lhe abriu em silêncio deu acesso ao interior do castelo. A luminosidade do ambiente ofuscava-lhe a vista, e foi piscando os olhos que foi conduzido à ampla e quase suntuosa alcova, decorada com mau gosto e esbanjamento de detalhes.

Perdida em meio a almofadas e cetins, na vasta cama com

colchão de plumas, uma menina-moça trêmula e assustada debulhava-se em lágrimas. Fantasiada que fora de meretriz, mais realçava sua candura, no corpo dobrado ao meio como a proteger o púbis. Ele vacilou, enterneceu-se e quase também chorou...

Horas depois saiu de lá o rapaz ainda donzelo, mas com a alma flechada pelo amor! Coberto pelo manto negro da noite sem luar e sem luz, entrou no automóvel onde o fiel motorista esperava e sumiu.

Passados dois ou três dias, quem sumiu foi Maria, donzela de quinze anos, levando consigo sua virgindade e seu sonho de casar-se na igreja “de véu e grinalda”, como queria a mãe. Dizem que ela fora comprada como se fazia com escravo, pelo coronel, a pedido do filho apaixonado.

Um casebre foi arrumado nas terras do velho, fazenda próxima à cidade; lá foi deixada Maria e sua virgindade. Numa noite de lua cheia, na enxerga de vara e capim, a menina e o mancebo descobriram, um no outro, a trilha e o segredo do amor...

Passava o tempo e o rapaz apaixonado vinha sempre da cidade, com a conivência do pai, desde que fosse respeitada a cláusula do segredo, para os braços da mulher amada. Até que... o rapaz, que sempre ouvia o pai, deixou-se convencer da importância de casar-se com a filha do prefeito, aliança política que dispensava amor. Pensava ele continuar o concubinato feliz, mesmo depois de casado, mas, ao chegar na fazenda a notícia do casamento, sob a proteção de um dia escuro e o silêncio da mata, banhada em lágrimas e nas águas de chuva, desapareceu sem deixar rastro na lama da estrada, Maria e seu sonho de casamento com véu e grinalda...

Anos depois, era prefeito da cidade aquele que fora genro do prefeito. Estando ele certo dia em seu gabinete, foi-lhe anun-

ciada a visita de um desconhecido, homem vindo sabe-se lá de onde, portando carta de recomendação de um senador que solicitava fosse atendido aquele senhor, e levasse em consideração sua proposta. Esta consistia em obter autorização para ser feita a restauração da Rua das Flores, com a ressalva de que o projeto, bem como as despesas, ficariam a cargo “de um interessado que deve permanecer no anonimato” – essa era a exigência explícita.

Considerando, no mínimo, esdrúxula a proposta, pensou, no entanto, o prefeito, não ser conveniente perder a oportunidade de atender a um pedido do senador, ainda mais que não implicaria em mexer nos cofres públicos... Outrossim, seu faro de político dizia-lhe estar ali excelente chance para tirar proveito em bem próprio, já que o anônimo permaneceria anônimo, e o nome que apareceria seria o seu! Foi com um largo sorriso que, sem maiores delongas, empenhou a palavra numa afirmativa enquanto selava o acordo com um aperto de mãos.

Assim que foi possível, deu-se início às obras...

A Rua das Flores floresceu: ganhou escola, farmácia, igreja, posto de saúde, supermercado, cinema, agência de banco, nova iluminação; os casarões, onde ainda funcionam os “castelos” – nome mais bonito para os bordéis de antes – foram restaurados, canteiros foram construídos, flores plantadas. Sob as janelas, foram colocadas floreiras, que dão alegria ao que antes fora lúgubre com invisível tarja de proibição.

Hoje, crianças brincam nas calçadas, mercadores mercam quinquilharias, carros passam, pessoas param para conversar... Hoje, a Rua das Flores é o cartão de visitas da cidade: vem gente de longe, de outros lugares, só para conhecer o meretrício mais bonito do país! A Rua das Flores virou ponto turístico, introduzindo o turismo como fonte de renda para a região, que só então se descobriu bela!

Contam os mais velhos que, no dia da inauguração da rua reformada, o prefeito discursava no palanque armado no meio da rua quando, ao olhar para um lado e pousar os olhos sobre uma dama desconhecida, ricamente vestida e com o rosto velado por abas largas de um elegante chapéu, à distância e encostada num automóvel de luxo que brilhava à luz do sol matinal, ele empalideceu como se vendo fantasma e não mais articulou uma só palavra do seu empolado discurso... Dizem os que gostam de detalhes que, não contendo as lágrimas, ele a viu entrar no automóvel e, dando ordem ao motorista, partir...

Segundo alguns que se dizem bem informados, aquela bela dama se chamava Maria e fora a benfeitora da rua, não se sabe bem o porquê... Nada se pode afirmar, no entanto, uma vez que não se sabe quem era ela, de onde viera e para onde fora... Este segredo, se é que existiu, morreu com o prefeito que – de acordo ainda com os comentários de pessoas da época – após aquele dia foi definhando como se sofresse de mal de amor, até morrer.



## O ANIVERSÁRIO

Oitenta anos... A família, que ia de filhos a bisnetos, resolveu comemorar a data com uma festa para familiares e amigos íntimos. Combinado o bufê e o local – seria no salão de festas do edifício onde morava a filha mais velha – concordaram em contratar garçons, o que os deixaria mais livres para o bate-papo, e um organista que tivesse um repertório de músicas antigas de Orlando Silva, Nelson Gonçalves e Pixinguinha, dentre outros, “músicas do tempo do velho”, diziam, entre si. Calcularam os gastos e o rateio de acordo as posses de cada um. À filha mais velha, coube parcela maior, afinal, era ela a de mais posses e benevolência. No calor da expectativa, entre uma cervejinha e outra, animados como se já em festa, debruçaram-se sobre a mesa para, entre goles e piadas, fazerem a lista de convidados “para que ninguém fosse esquecido”, ainda que com a ressalva de reduzir ao máximo, pois a despesa não deveria ultrapassar o combinado.

A tarde de domingo já ia longe quando se despediram, excitados, prometendo-se falar por telefone durante a semana, dando, cada um, conta do que a si coubera providenciar.

No dia seguinte, tentando dar ordem à sala que se desarrumara com o encontro da família, Heloísa, a filha mais velha, deparou-se com a relação de convidados que fizeram. Cansada, descansou a vassoura num canto e sentou-se na poltrona nova e

macia – no dia anterior não tivera sossego, receando que derramassem cerveja sobre seu acetinado – desfrutando do direito de dona da casa. Enquanto os olhos percorriam os nomes no papel, foi, aos poucos, fechando o cenho, franzindo a testa, até uma lágrima cair dos bondosos olhos... Heloísa percebia agora que, na lista feita por todos, ontem, havia amigos de cada um e, alguns, de todos, mas amigos do pai, nenhum! Seu coração confrangeu-se... Programavam festa, sim, mas cada um para si mesmo! No velho, o aniversariante, ninguém pensara! Com quem se confraternizaria ele?... Com quem brindaria sua nova idade?... Com quem conversaria sobre o passado, recordando fatos, coisas de sua época?... *Aqueles* convidados, ele nem os conhecia!... Diriam “parabéns, felicidades”, mas nada mais que isso... Heloísa felicitou-se por descobrir a tempo tão grande maldade. Amassou o papel que tremia em suas mãos e foi em busca de outro. Sentou-se à mesa, com caneta em punho, e pôs-se a escafandrar a memória em busca de amigos do pai. Só lembrou-se dos que já tinham partido, ninguém ficara para celebrar com ele. Dobrou o papel e desistiu do intento, noutra momento tentaria. Voltou a seus afazeres, mas não mais cantarolou: ficara triste.

A questão não mais saiu de sua cabeça: não tinha coragem de fazer perguntas ao pai, a festa seria surpresa e, além do mais, temia fazê-lo constatar o que ela própria descobrira: que ele não tinha mais amigos.

O dia se aproximava, urgiam as providências... Heloísa finalmente decidiu: poderiam convidar, sim, cada um, seus melhores amigos, mas seu pai teria alguém especial para celebrar, com sentido, seus oitenta anos... Ela iria buscar lá no passado o abraço de quem o conheceu, sabia seu nome e sua história, um abraço personalizado, não pura formalidade de quem nunca o viu...

No salão ornamentado com flores e mesas atalhadas, pessoas desconhecidas, mas sorridentes, entre drinques, parabenizavam-no. No salão, a brisa da noite entrava por janelões abertos, músicas o remetiam ao passado, um bolo grande e glaçado, com oitenta velas, não o deixavam esquecer a idade. No salão, estava ele... vestido num terno escuro de colarinho alvo, como alvos eram seus cabelos ralos; a gravata azul parecia banhada na água dos belos olhos, olhos de velho que reencontraram a candura da criança, olhos marejados, levemente embaçados, brilhando na emoção azul de quem faz oitenta anos...

Ligeiramente fatigado, molhou a garganta com a água de coco que o garçon oferecia, dirigiu-se ao janelão que dava para a rua, talvez em busca de ar fresco ou de solidão, pois solitário estava naquele enorme salão onde pessoas conversavam e riam. Havia os filhos e netos, é verdade, e até bisnetos – estes escolheram brincar sob as toalhas de renda – mas... não raro sentia-se assim em reuniões, já não ouvindo bem as conversas cruzadas e não sendo bem ouvido em seus casos já tantas vezes contados. Com um riso nos lábios e o olhar sempre doce, fingia estar interessado no que diziam, aventurando às vezes um inseguro palpite aqui, outro ali, e com um assentimento de cabeça, ainda que neutro, concordava com todos sem ferir a ninguém; naquela noite, sobretudo, sentia-se grato por tanto amor e atenção! Prometera-se ficar até o fim, até que o último convidado saísse, ainda que provavelmente esquecesse de despedir-se dele... O cantor cantava uma canção romântica de Orlando Silva, desenterrando-lhe lembranças antigas, nostalgia pelo que se foi...

Um automóvel preto, reluzente à luz do poste, parou. O motorista, fardado e curvo, abriu a porta de trás. Uma perna alva, coberta por fina meia transparente, apareceu de sob a saia preta e longa que ela arregaçava... pés delicados, em sapatos pretos de cetim e salto alto, pisaram o meio-fio, faiscando o enfeite

de *strass* sob a luz do poste na noite escura. Era uma dama de rara beleza! O corpete preto e justo deixava à mostra o colo alvo e maduro onde um colar de diamantes repousava, como em cofre seguro. A echarpe, longa e fina compunha o traje e realçava a elegância da divina dama.

Ela subia os degraus, enquanto ele, estático, não acreditava no que via, parecendo-lhe estar sonhando. Como autômato, finalmente dirigiu-se à porta, mas Heloisa antecipara-se, apresentando-se e agradecendo-lhe por ter aceitado o convite... Ele, então, entendeu! A filha lhe dissera pouco antes: “Meu presente ainda vai chegar... o senhor vai ter uma surpresa!”

Com o olhar, Heloísa os aproximou e, solícita, pediu à dama que ficasse à vontade; afastou-se, discreta, deixando-os um frente ao outro. Desenvolta – o desavisado era ele que, no entanto, logo a reconheceu –, ela estendeu-lhe a mão de anéis caros; depois, puxando-o para si, deu-lhe um abraço longo e apertado enquanto sussurrava-lhe ao ouvido:

– Parabéns, Juca! Como permanecem belos os seus olhos!

Juca... nunca ninguém o chamava assim!... Só ela, e há tantas décadas... Mas aquele nome sussurrado... aquela voz aveludada, ali, ao seu ouvido... aquele abraço perfumado... aquela mulher loucamente bela como linda fora no passado... aquela mecha de cabelos roçando sua orelha... aquele hálito feminino há tanto esquecido... aquela canção antiga...

De olhos fechados ele se viu jovem e guapo, valsando com a menina mais linda da cidade, apaixonado! Sem que sentisse, correspondia ao abraço, imprimindo movimento ao corpo na valsa imaginária... Recompôs-se, no entanto, abrindo os olhos e apurando o corpo, folgando o abraço que finalmente se desatou num arriar de braços...

Mas a transformação já acontecera! Havia brilho nas faces flácidas de barba rala; os olhos, desmesuradamente abertos, não

eram mais duas poças d'água, mas lagos profundos, convite a mergulhar... Os músculos, adormecidos, despertaram num *frisson* que o percorreu corpo inteiro, enrijecendo o flácido, agilizando o lento e senil... Joaquim, melhor dizendo, Juca, era outro homem!

Heloísa voltava, preocupação de anfitriã, para conduzir a ilustre convidada a uma mesa à parte onde os dois pudessem conversar sem interrupções... O vozeirão dos demais, o barulho no ar, por certo os atrapalharia no quanto tinham a conversar. Boa filha, Heloísa, proporcionando ao pai uns oitenta anos inesquecíveis! Ele jamais o esqueceria, ela adivinhava isso em seus olhos deslumbrados, olhos abertos e molhados, sorriso a navegar...

– Como estou feliz, Maria Rosa! – falou o óbvio.

– Eu também, em reencontrá-lo! – respondeu, coquete, olhando-o nos olhos que a seduziam.

– Como você soube de mim e do meu aniversário?

– Sua filha Heloísa me ligou...

– Ela não me disse nada... E como ela descobriu seu telefone? – havia curiosidade e ternura na voz.

– Por intermédio de uma neta minha, que é colega de uma neta sua... descobriram um dia, numa conversa casual, que seus avós eram da mesma cidade e que tinham se namorado na juventude...

– Ah!...

– Heloísa sabia sobre mim?!... – falou, com um leve sorriso, entre curiosa e vaidosa, numa interrogação afirmativa que não se completou.

– Sim, todos sabem que antes de me casar tive uma paixão...

– Eu também gostei muito de você, Juca!...

– O que não a impediu de me deixar por outro... – o des-

peito, armazenado, perdera o azedume, mas o orgulho ferido, esse não cicatrizara, apesar do tempo.

– Leviandade de menina! – falou com praticidade e sem remorso. – Mas deu certo para mim e, pelo que sei, para você também... Fomos ambos felizes, não?

– Fui plenamente feliz com minha esposa!... Ainda hoje sofro a perda de minha companheira, após trinta e cinco anos de um casamento feliz!... Minha família é meu único tesouro!

– Também eu fui feliz com meu marido... Ele me deu uma vida plena! Viajei por todo esse mundo, morei no exterior por muitos anos. Sempre tive luxo e todas as comodidades que o dinheiro pode proporcionar. Ele morreu deixando-me economicamente bem, mas sinto muito a sua falta, apesar de não lamentar sua morte, que foi bem-vinda; já não suportava mais vê-lo sofrer, nos últimos dias! Tirando esse tempo difícil, sempre tive vida boa! Minha família é, também, como a sua para você, meu maior tesouro!

– Há quanto tempo não nos vemos?

– Há meio século!

– Tudo isso?

– É... eu tinha dezenove anos quando saí do interior, já noiva, e nunca voltei... De lá para cá nunca mais nos vimos, embora, às vezes, eu soubesse de você.

– Eu também a acompanhei, de longe, através de notícias, inclusive nas colunas sociais...

– Ah!... – disse, vaidosa.

– Você era linda!... A mulher mais linda que já vi!... – falou, com o olhar no passado.

– E agora, não mais? – a feminilidade e poder de sedução a faziam parecer jovem aos sessenta e nove anos.

– Continua... continua... Vê-se que se cuida e que é uma mulher de posses. – Ele sempre acreditou que fora preterido por

ser pobre.

– Não me queixo... – arrematou, com modéstia tardia.

– O que você faz na vida? – ele queria saber...

Entre informações e recordações entremeadas de sedução, passaram a noite toda sem se darem conta. Passariam, ainda, tempo infinito em conversa melosa, olhares lambidos, toques tímidos, sorrisos indefinidos, se possível... Curtiam-se, talvez experimentando ou testando o corpo e a alma, relação sexual virtual, sublimada...

As velas há muito haviam sido apagadas, com a ajuda dela, que fora solicitada – a música antiga emudecera, convidados já não mais havia – alguns saíram sem se despedir do aniversariante, mas isso não tivera a menor importância, sequer fora notado – no salão vazio, só restos de festa e os dois, nos restos de suas vidas...

– Haverá futuro para nós? – perguntou ele, na dúvida.

– Não! – respondeu ela, incisiva. – O hiato, que o tempo abriu entre nós, foi preenchido por coisas que são minhas ou suas, não nossas... Em mim há o Juca, que será sempre meu: no meu primeiro beijo... no despertar do desejo em minha carne virgem... nas danças que dancei conduzida por seus braços viris... no meu olhar que se perdeu em seus olhos azuis... Viajei pelo mundo levando esse Juca comigo, amei meu marido, pari filhos, chorei e sorri sem desvencilhar-me do que de você está em mim. Mais, não é preciso!... Tenho meu mundo, você tem o seu; minhas manias, você as suas; minhas saudades, você, as suas... Não há mais tempo para construirmos algo sobre as ruínas de nossa paixão... ou sobre nossos pilares que vacilam. Se quisermos retomar o caminho interrompido meio século atrás, a partir de nossas lembranças ou do que no passado renunciamos, veremos que nossos fantasmas nos acompanham e que muito do

que achamos sentir um pelo outro não passa de fantasia e ilusão... Assim, vamos guardá-las com carinho, como a um pedaço precioso de nossas vidas, para não correremos o risco de perdê-las para sempre na amargura de dura realidade! Porque, por certo, Juca, você não é mais o Juca que trago em mim... nem eu sou a Maria Rosa que você conheceu. Fiquemos assim... como dois jovens apaixonados... Não convém reatarmos agora, velhos, o que não envelheceu conosco! – E num sorriso, entre triste e resignado, juntou: – Somos dois velhos com seus achaques, birras e chantagens, que a magia dessa noite ocultou...

– Não acha possível, então, o amor na velhice? – ele insistia.

– Acho possível, sim, acredito mesmo e acho necessário! Mas não quero pôr em risco as mais ternas lembranças de minha juventude, tesouro ao qual você está para sempre ligado!...

– Então, ao idoso não resta outra coisa senão viver de lembranças? Não lhe é permitido fazer novas e boas experiências?... – inquiriu timidamente, quase a pedir desculpa.

– Não!... Claro que esse é um direito que se tem!... Fazer novas e boas experiências, sempre, desde que não ameacem as boas e velhas lembranças...

Maria Rosa tinha sua lógica, mas... e ele?

Joaquim vagamente acreditava mais valer uma boa experiência que um punhado de boas lembranças, mas não sabia defender seu ponto de vista. Ao longo do tempo aprendera a ser condescendente, a não contestar para não incomodar. E, agora, aquela mulher saída do passado estava ali, a fazê-lo confrontar-se com seus conceitos – ou com a renúncia a eles – e as estratégias assumidas como defesa... Estava ali a agitar-lhe as águas tranqüilas! Joaquim assustou-se, desmoronou... Sem bem perceber, deixava escapar-lhe por entre os dedos a imprevisível possibilidade de boas e novas experiências. Pobre Joaquim! Deixara, há tempos, escorrer pelos “ralos” da falsa estima, a auto-estima,

moeda de troca por uma pseudo-conquista...

Lá fora a madrugada esfriara a rua deserta, de calçada lavada pela chuva que desabara... O motorista dormia de boca aberta sobre o volante, no confortável banco de couro do automóvel de luxo. O casal quase idoso desceu os poucos degraus trazendo, nas faces iluminadas, imagens do passado. Entre felizes e tristes, apaixonados e nostálgicos, tendo recomeçado o definitivamente acabado, após uma noite insone e de sonhos, acordavam para a realidade fria como a madrugada da rua.

Um beijo grávido de desejo, em faces molhadas... um abraço apertado como a querer guardar um ao outro... um aceno que mais queria chegar que despedir-se... um soluço abafado de quem perde o achado... um piscar de olhos de quem não pode ver...

Passado o aniversário, toda a família, expectante, observava o Joaquim apaixonado... Ele emudecera. O olhar, antes atento no esforço de acompanhar o que se dizia, era, agora, ausente. Suspiros longos e profundos distendiam-lhe o peito arfante, causando dó e preocupação aos familiares que passaram a esforçar-se por tirá-lo daquele estado de prostração. Perdera o apetite e até mesmo o desejo de agradar. Velho apaixonado, revelava-se quase patético na caricaturada adolescência tardia... definhava, enlanguescia.

Antes do aniversário, talvez não considerando a possibilidade de novas emoções e não se sabendo carente por não conhecer seus desejos subjacentes, descansava na placidez gelada de quem já quase morria, sem consciência das chamas que lhe queimavam as entranhas. Revestido de gelo na aparente conformidade às “limitações que a idade traz”, sequer imaginava-se capaz de ainda arder de desejo, queimar-se nas labaredas surgidas das cin-

zas ameaçando incêndio... Assim, a aparente apatia era o recurso extremo para conter a rebeldia, a revolução de sentimentos, impulsos bestiais e ferozes ameaçando explodir. A besta fera estava viva! O calmo e pacato vovô tentava segurar as rédeas, domar o selvagem que teimava em pular os muros do que ele considerava ser conveniência e decência, dignidade e civilidade!

Sem noção dos embates internos que sacudiam o quase ancião, a família preocupava-se com a apatia, sugestiva de depressão. Procurava dar mais assistência e carinho àquele que, antes, nada reivindicava.

Joaquim morava num pequeno apartamento, no centro da cidade. Desde que a esposa falecera e, após resolver a partilha dos bens com os herdeiros, com muita tristeza desfez-se da casa grande onde morara desde o casamento e criara os filhos, mudando-se para aquele espaço exíguo, mas cômodo, que oferecia mais segurança, como afirmavam eles. Na época, o prédio, recém construído, era munido de portaria, novidade que começava a surgir. Além de segurança, oferecia outras vantagens, como “estar perto de tudo, não dependendo tanto de carro”, assim dizia Heloísa. Além do mais, era “lindo, acolhedor e prático, próprio para pessoas que vivem sozinhas”, como seria o seu caso daí por diante. Os filhos contrataram o serviço de uma decoradora que primou pela funcionalidade, sabendo aproveitar cada centímetro do pequeno espaço.

Mas, na hora da mudança, o impasse: onde deixar os móveis antigos e pesados, os tapetes enormes, os quadros e os livros, os enfeites e bibelôs, coisas que amealhara ao longo da vida?... tanta quinquilharia que, se agora se revelava desnecessária, era, no entanto, de estimação. Joaquim, em lágrimas, relutava em desfazer-se das coisas que lhe lembravam “a velha”. Percebendo o quanto lhe era difícil separar-se das coisas que, para ele, “não eram simples coisas, mas pedaços da minha história, lembranças

vivas, memória de um passado feliz...” e atenta em não fazer sangrar as feridas das perdas, Heloisa resolveu, com a sabedoria que lhe era própria, fazer um inventário das coisas e dividi-las entre a família, considerando o espaço de que cada um dispunha.

Joaquim escolheu algumas peças pequenas, telas menores para as paredes estreitas, os livros preferidos e os álbuns de fotografias – fotos esmaecidas em preto e branco retratavam um belo rapaz ao lado de graciosa jovem, em indumentárias e penteados de outras épocas, cercados de crianças, em algumas delas... – e levou-as para a nova morada.

Ali, por algum tempo viveu de recordações até que, acostumando-se à dor da saudade e à solidão, deixou-se reintegrar à vida.

Uma nova empregada chegava pela manhã, limpava a sujeira imaginária, lavava as poucas peças de roupa, preparava o pouco alimento e, à tardinha, voltava para sua casa. – A empregada antiga, resmungona na intimidade conquistada, jamais se acomodaria àquela minúscula cozinha onde não poderia arrastar as chinelas rotas e o corpanzil cansado; a ela fora dada a merecida aposentadoria e uma casinha bem arrumada na periferia.

Joaquim passou a apreciar os finais de tarde quando a doméstica saía e ele se sentia sozinho, sem ninguém por perto... passou a gostar de degustar o café forte e quente que a moça deixava na garrafa térmica, sorvendo-o aos pequenos goles, bebericando-o para prolongar o momento... aspirava com gosto o cheiro do pão torrando na torradeira elétrica, e depois queimava as pontas dos dedos ao passar-lhes a manteiga que se derretia no tostado das fatias... passou a gostar dos quindins amarelos e vitrificados que comprava na Casa de Chá em frente – Heloísa, às vezes, passava por lá para vê-lo, na hora do café, e o acompanhava na refeição leve e saudável, composta de sopa e café acompanhado. Ela adorava, sobretudo, os quindins, razão porque ele

cuidava de sempre os ter “para o caso em que Heloísa apareça”. – Com o tempo, Joaquim chegou a gostar do pequeno apartamento e da vidinha metódica que levava, entre suas paredes.

Não se opunha a comparecer às reuniões da família, aos convites para passar o domingo, ou para um evento qualquer. Nessas ocasiões, fazia questão de demonstrar prazer e boa vontade, mas a verdade é que preferia ficar no seu canto relendo antigos livros, escrevendo poesias – gostava de poetar; filosofava sobre a vida através de poemas que não mostrava a ninguém; era um prazer solitário no qual se punha em contato com seu lado criativo e erudito, não revelado no falar simples de poucas palavras, marcado pela insegurança de frases incompletas em voz gaguejante... Escrevendo poesias, descobria-se sábio, embora lhe faltasse auto-estima para assim revelar-se – lendo mil vezes o jornal do dia e... ensimesmando-se.

Às vezes inventava para si mesmo um motivo para tirar o velho carro da garagem e dirigir pelas adjacências: comprar os brioques da mercearia quadras adiante; repor o estoque de remédios; procurar pelos mercadinhos do bairro as pêras d’água, doces e suculentas como não mais se encontra hoje em dia... Coisas que podia fazer a pé e, às vezes, fazia, mas, como se precisasse provar a si mesmo suas capacidades, não raro impunha-se as provas. No entanto, quando os filhos comentavam a absoluta falta de necessidade de expor-se no trânsito, declarando, explicitamente, sua “natural falta de condição”, aceitava, sem objetar, prometendo, resignadamente, não mais fazê-lo. Fazia-o, todavia, às escondidas, chegando a aliciar a doméstica para que nada falasse sobre isso a seus filhos.

A monotonia protetora fora quebrada por Maria Rosa que, qual fantasma saído das sombras, agora povoava-lhe os sonhos, fazendo-o achar enfadonha a realidade de seus dias... Antigos desejos sepultados, ressuscitaram como por magia a partir da-

quela perna alva saindo de nuvens negras; daquele perfume; daquele abraço; da cócega da mecha de cabelo roçando sua orelha; daquele olhar negro agitando as águas de seus lagos azuis... Joaquim adoecera de paixão, paixão que ameaçava ser fatal.

Os filhos cobravam de Heloísa: “Você é a culpada! Não tinha nada que desenterrar aquela sirigaita! Papai vivia muito bem... agora está aí, com essa paixão ridícula que lhe tira a saúde e a dignidade! Era só o que faltava! Um velho de oitenta anos, apaixonado!” – diziam, com laivos de raiva na voz.

Heloísa sentiu-se pressionada: de um lado, os irmãos a responsabilizá-la; de outro, o pai que definhava. Após um tempo em que se debateu entre preocupações, culpa e dúvidas, decidiu, por fim, que sairia do impasse: telefonou a Maria Rosa pedindo que a recebesse numa visita rápida, queria conversar. Dirigiu-se à mansão onde morava a musa, receosa e com um plano de ação a propor. Saiu minutos depois com um sorriso nos lábios. Não fora difícil sensibilizá-la nem fazê-la cúmplice; percebera-lhe o brilho nos olhos ao ser informada da paixão que motivara, revelara-se vaidosa e consciente do poder de sedução que emanava. “Talvez haja da parte dela algum afeto por ele”, tranquilizava-se Heloísa. De qualquer forma, fazia o que considerava ser melhor naquela circunstância... e entregava os resultados a Deus.

Passados dois ou três dias, tratou de pôr o plano em prática; armada de coragem e agarrada a Deus, pegou o telefone:

– Alô...

– Papai...

– Sim, filha, pode dizer... – a voz não disfarçava o desinteresse.

– Papai, estou com um problema... – fez breve pausa aguardando o interesse do pai, mas, como o silêncio persistisse no outro lado, concluiu: – Amanhã vou ter que fazer uma palestra... – não era novidade nenhuma ela fazer palestras, isso fazia parte

de sua quase rotina de trabalho – só que vou ter que estar acompanhada por alguém da família... como aqui em casa ninguém vai poder me acompanhar, pensei que o senhor talvez pudesse me fazer esse favor...

– Oh, filha... logo eu?... Em que vou poder ajudá-la?

– Olhe, paizinho, o senhor não precisa fazer nada... é só para constar. – Ela tinha pressa em pular esse pedaço, temia que o pai questionasse a impropriedade da exigência –. Serão apenas quinze minutos, garanto não ultrapassar... quero apenas que o senhor capriche na aparência, pois vou apresentá-lo a alguns colegas aos quais eu digo o quanto o senhor é bonito...

– Oh, filha... – contestou, com a mesma indiferença.

Sem dar-lhe tempo para negar “o favor”, Heloísa foi falando como se já contando com a afirmativa:

– Será às dezesseis horas e, como estarei com muita pressa, não vou ter tempo de subir ou de esperá-lo lá em baixo, assim peço que o senhor me espere na Casa de Chá... enquanto chego, peça um quindim para mim e ocupe uma mesa; por mais apressada que esteja, terei um tempinho para comer o doce... Não se atrase... às dezesseis horas esteja lá, vestido naquela calça cinza que lhe dei no aniversário... a camisa, o senhor mesmo escolhe dentre as que também ganhou de presente! Até amanhã, papai, estou com pressa... amanhã conversaremos... E... olhe, muito obrigada pelo favor!... O senhor vai me quebrar um galho! Um beijo! – e desligou sem esperar resposta.

Heloísa tremia. Uma vez dada a cartada, sentiu-se tomada de dúvidas: será que Maria Rosa é mesmo confiável? Ela lhe causara boa impressão ao marejar os olhos ante o sofrimento do “Juca”... era uma mulher vaidosa, sim, mas não parecia insensível... mas, e se o reencontro só aumentasse a nostalgia do pai?... até que ponto a “diva” estava disposta a contribuir?... Essas e outras perguntas martelavam a cabeça da boa filha que tudo fa-

zia para ver o pai feliz! Para protegê-lo, se assim fosse necessário, daria um jeito de estar por perto.

Foi o que fez no dia seguinte: faltando ao trabalho, posicionou-se atrás da banca de revistas, na esquina próxima. Correndo o risco de levantar suspeitas, semi-ocultava-se entre pessoas que paravam para comprar revistas, entre transeuntes, entre revistas penduradas; tentou amansar o olhar feroz do vendedor, comprando-lhe um jornal e inúmeras revistas que, por não ter como segurar, deixou-as empilhadas no chão, a seus pés, sabendo que jamais teria tempo de lê-las, todas... Olhos no relógio e no portão do prédio encheram-se de lágrimas quando, às quinze horas e quarenta e cinco minutos, um senhor, elegantemente vestido, ainda que de semblante triste, atravessou a rua em direção à Casa de Chá...

Com o coração aos saltos, Heloísa segurou-se para não correr ao encontro do pai e, protegendo-o de possíveis dores, revelar sua mentira e tudo o que acordara com a mulher que, a essas alturas, ela não sabia se merecia seu pai. Sentimentos maternos de leoa punham-na feroz e de sobreaviso. Esgueirando-se junto às paredes, aproximou-se da Casa de Chá... O pai amado sentara-se a uma mesa, o olhar distante, vendo nada. A tortura de Heloísa chegou às raias do insuportável ao ver um garçon aproximar-se da mesa, levando, numa bandeja de prata, um pratinho de papel prateado contendo dois quindins, um refrigerante e dois copos... Nesse momento, um carro parou à porta da Casa de Chá; assustada, temendo ser a mulher esperada e não querendo ser vista, deu alguns passos atrás até ter a certeza de estar fora de foco. Mas os olhos permaneceram grudados à porta do estabelecimento.

O desespero agora era a dúvida: ela virá, ou não? Heloísa consultou o relógio; quinze minutos já haviam se passado! E os ponteiros não paravam... a mulher estava atrasada!... Ainda era

tempo de entrar na Casa de Chá, dar uma desculpa qualquer ao pai adorado, tomá-lo pelo braço e levá-lo para casa que era o lugar onde estaria protegido... Heloísa se dizia, sem muito se dar crédito, ser preciso manter a cabeça fria, ser racional, aguardar... mas não se convencia! Com o raciocínio obnubilado, deu dois passos, saindo de seu esconderijo mas... estacou. O automóvel preto, brilhando ao pálido sol outonal, estacionou junto ao meio-fio: uma mulher deslumbrante, vestida num *chemise* cor de rosa, de saltos altos e bolsa de grife, tendo os cabelos charmosamente desalinhados em salão, e a face macia coberta por leve camada de maquiagem, a mulher estonteante, madura e linda, entrou na Casa de Chá, deixando para trás a porta aberta do automóvel que o motorista fardado fechou.

Joaquim consultava o relógio pela centésima vez... Heloísa se atrasava! Quanto lhe custava estar ali “fantasiado” de gente feliz!... Bebera alguns goles do refrigerante, mas nem sentira-lhe o sabor. A filha precisava dele e ele estava para servi-la, mas... sofria por antecipação em ter que ser gentil com desconhecidos, sorrir quando queria chorar, estar entre pessoas quando preferia ficar em casa, sozinho com sua dor, porque dor que dói é a dor de amor... amor sem correspondência e sem esperança... Ele já não tinha tempo para esperar, para viver de ilusão... morreria desiludido! A palavra “desiludido” chamou-lhe a atenção... depois, quase sem perceber, pôs-se a “brincar” com ela, rolando-a como se fosse bola, jogando para lá e para cá na cabeça vazia, até dizer a si mesmo, num sussurro: “Desilusão é não ter ilusão... pobre de mim; sou desiludido!” Imaginava tal significado preso à sua pele, por sob a roupa nova que vestira para agradecer à filha... Ele era desiludido, a desilusão era ele... Distraído com os pensamentos macabúzios não percebeu a proximidade do “sol”, luz que tinha o poder de varrer-lhe as sombras.

Ela chegou de mansinho, sem estardalhaço. Às costas dele, abaixando-se para falar-lhe quase ao ouvido, perguntou:

– Posso sentar-me e comer um quindim?

Se o mundo acabasse naquele momento não o teria surpreendido mais! De um salto levantou-se, gigante e outra vez jovem ante aquela que tinha o dom de devolver-lhe a vida! Sem esperar resposta para a pergunta feita, ela sentou-se, com toda a graciosidade que se sentava com ela. Em estado de choque, ele permanecia de pé com os olhos postos nela, como a querer prendê-la pelo olhar. Brejeira e fingindo indiferença, ela pegou um dos bolinhos, e com os dentes mais alvos do mundo pôs-se a mordiscá-lo, deixando melar-se o lábio cor-de-rosa, o que, perigosamente, aguçou nele o desejo de beijá-la.

Finalmente ele sentou-se. Olhando-o entre divertida e misteriosa ela perguntou:

– Guardava para mim esse bolinho?

Estático, ele ainda não respondeu.

– Você não se importa que eu o coma? Posso comê-lo todo?

Um leve piscar de olhos disse o “sim” que todo o corpo e a alma queriam falar!

– Você esperava por mim, não é?

Foi com cara de bobo que ele falou:

– Não... Estou esperando por minha filha, ela já está atrasada... – enquanto falava, desejava intimamente que a filha não chegasse, seu desejo era tomar a mulher ali à frente pelo braço e sumir com ela para que ninguém a roubasse.

– Heloísa? – perguntou com ar de inocente.

– Sim.

Tendo acabado de comer o bolinho, ela limpou os dedos de unhas também cor de rosa, observando o faiscar de pedras preciosas nos dedos em movimento. Curvando-se, pegou de sob

a mesa as mãos dele, geladas, e, segurando-as entre as suas por sobre a mesa, comentou:

– Você parece abatido, Juca, apesar de muito elegante! Só seus olhos não perdem o brilho... e, como você já deve ter notado pelo quanto de brilho eu uso em anéis, brincos e colares, eu me sinto atraída pela luz!

Maria Rosa surpreendeu-se com o tom cavernoso da voz de um Juca que ela desconhecía:

– Não brinque com meus sentimentos, Maria Rosa! Você já declarou, no meu aniversário, amar uma imagem, imagem do passado e nada mais... Você não me ama e não entende o quanto posso fazê-la feliz! – declarou num soluço.

Enternecida, ela tomou de volta as mãos frias que se tinham desprendido e, acariciando-as, buscou aquecê-las.

Nesse momento, não mais tolerando o desconhecimento do que acontecia lá dentro, Heloísa assomou à porta, disposta a arrebanhar o pai e tirá-lo dali. Pacificada pelo olhar e pelo gesto carinhoso da mulher, de alguma forma soube que ele não corria risco; afastou-se, dirigindo-se ao estacionamento onde deixara o carro, tendo o cuidado de, na passagem, pegar a pilha de revistas que ainda jaziam na calçada e despedir-se do vendedor, de forma bem civilizada, como a afirmar-lhe “eu sou normal!” Voltando para casa, rezou.

Nesse ínterim, na Casa de Chá, Maria Rosa, sem palavras, só com o toque, o roçar de pele em pele, mãos femininas que têm em si o milagroso poder maternal, assim permaneceu até senti-lo desarmado e parcialmente tranqüilo. Então falou:

– Juca, precisamos conversar, conversar muito, mas... não aqui. – Disse, olhando ao redor. – Poderíamos ir para minha casa ou para a sua, mas acho que não devemos... no momento, precisamos de ambiente neutro, impessoal, você não acha?

Ele nada respondeu; não estava em condição de opinar so-

bre qualquer coisa, muito menos sobre o que convinha a eles. Ela percebeu e agiu: levantando-se, pegou a bolsa cara esquecida sobre a cadeira vaga, e com a outra mão segurou-o pelo braço, levantando-o.

– Você já pagou a conta? – Perguntou.

– Já está paga. – Respondeu, levantando-se como se em transe.

– Então, vamos!

Sem sequer olhar, deixaram esquecido sobre a mesa, como algo intolerável, o saboroso quindim, manjar de deuses que deixaria de água na boca qualquer mortal que tivesse um coração mais assossegado. Conduzindo ela, com facilidade, o homem elegante que se movia como sob comando, o belo casal deixou o recinto, parando lá fora junto ao automóvel preto que, qual enorme boca desdentada abrindo-se em riso, escancarou sua porta deixando-os entrar. O motor deu partida e só então ele se deu conta de estar esperando pela filha e, portanto, não poder partir. Maria Rosa o avisou:

– Ela não virá. Depois eu explico tudo...

Seguiram em silêncio. Discreto, o motorista perguntou, sem olhar pelo retrovisor:

– Para onde, senhora?

– Para o parque mais próximo; a essa hora há de estar vazio e sempre haverá um banco à sombra...

O automóvel deslizou macio pelo asfalto, conduzido com segurança pelo moço que, no tráfego congestionado, faria inveja a qualquer motorista. Lá adiante, no entanto, ante um carro que os fechou de chofre, foram jogados um sobre o outro. Excitados e envergonhados ao mesmo tempo, sorriram um riso sem graça enquanto cuidavam de se apurmar. Tão azafamados estavam com suas emoções desarrumadas que nem escutaram as escusas do motorista que justificava a freada inesperada. Após

o susto do impacto, como se algo estivesse emperrado e, com o tombo, se desatravancasse, Joaquim sentiu-se desobstruído para entender que estava com raiva... Raiva, sim, era isso que sentia desde a noite do seu aniversário! Raiva por ter sido pela segunda vez desprezado por aquela mulher que, desde sempre, o atraía! Então... não passava de despeito o que achava ser paixão? O carro deslizava macio, mas o coração de Joaquim estava aos solavancos! “Oh, meu Deus, – pensou – tem graça, um velho como eu, sofrer por não se entender? Tem sentido estar eu, ainda, a confundir as coisas como um jovem imberbe inaugurando o coração?... Mas, afinal, por que estou eu aqui, nesse automóvel de luxo, ao lado dessa linda mulher, sendo conduzido por esse boçal fardado que me leva não sei a onde?...”

Em fração de segundos pensamentos contraditórios riscaram a mente do homem vivido, como de qualquer inexperiente mortal, qual relâmpagos em céu nublado. No entanto, paradoxalmente, havia prazer em aspirar o doce aroma da mulher, alvoroço em olhá-la de soslaio conferindo-lhe o harmonioso perfil, arrepios recorrentes à sensação que perdurava do afago em suas mãos, carícia sobre a mesa na Casa de Chá...

O carro parou, suavemente. À frente, um parque verde no outono indefinido! Folhagem verde-amarela ainda pensando se devia cair... O silêncio era absoluto porque absolutamente vazio. Tanta beleza, luxúria da natureza num quase entardecer... a ninguém! O casal que chegava, únicos habitantes para o paraíso, não estava interessado nas árvores seculares e no que elas tinham a dizer; não sentia a maciez úmida da grama que seus sapatos caros pisavam; não enxergava as flores vestidas das mais variadas cores como se ali ainda fosse primavera; não identificara, no ar que respirava, a sutileza de fragrâncias desprendidas pelo húmus da terra, por troncos enrugados e retorcidos, por raízes que emergiam do solo, por folhas dançantes à brisa, por flores

preparando-se para a toailete noturna, banho de orvalho e de luar... Não, Joaquim e Maria Rosa nada perceberam, tão pouco tinham consciência das razões de uma escolha feita ao acaso!

Sentaram-se. Um banco tosco de madeira, esverdeado de limo, acolheu os corpos de muitos anos, imprimindo-lhes nas vestes elegantes, nódoas perenes, marcas de um momento que tinha como destino, passar...

Conversaram. Maria Rosa narrou a visita de Heloísa e o que ficou combinado. Enquanto escutava, ele ia, mais uma vez, sentindo-se dividido: experimentava gratidão pelos cuidados da filha, mas... também a humilhação de terem sido expostos, sem seu conhecimento, seu sofrimento, sua alma... Não, ninguém tinha o direito de fazê-lo, não sem seu consentimento!

– Então... é por isso que você veio?!... – mais que dúvida, era triste constatação.

– Um “sim” ou um “não”, não dirá toda a verdade! Vim por você, mas, de certa forma, também por mim. Aquele encontro no seu aniversário mexeu comigo. Naquela noite saí dali certa de não mais nos vermos, como foi em todos esses anos que se passaram... mas, quando fui procurada por sua filha, senti que eu também desejava revê-lo!

– Mas, se Heloísa não a procurasse e lhe expusesse minha miséria...

– Oh, Juca... não seja injusto com sua filha que o ama tanto! Você é feliz por ter uma filha tão dedicada e...

– Eu sei, eu sei... – falou, já arrependido.

– Sem a iniciativa dela, talvez eu não o procurasse nunca, mesmo, mas... que importa isso? Eu estou aqui e isso é que interessa!

– Além da *pena* que lhe causei, o que mudou em você, no que diz respeito a mim?

– Ah, Juca... não sei! Não me cobre isso agora!

– O que você espera, melhor dizendo, a que você está disposta no que diz respeito a nós? – ele se surpreendia com o que considerava ousadia, maneira incisiva de falar, coisa que não fazia...

– Boa pergunta; essa eu sei responder! Estou disposta a vê-lo com certa frequência, a sairmos juntos para um teatro, um cinema, um jantar... a nos fazer companhia. É certo que tenho muitos amigos e amigas, tenho vida social intensa e não sofro de solidão, mas, você será uma companhia diferente porque desperta em mim um outro tipo de sedução... Eu gosto de seduzir, você já deve saber disso; a sedução é uma energia que me mobiliza, deixa-me entusiasmada e eu gosto de viver entusiasmadamente!

– Acho estranha essa sua forma de falar... Você não se sente muito madura para querer viver de emoção? Ao contrário, não tem desejo de afeto? Algo que não precise ser conquistado a todo o tempo, mas que nos deixe tranquilos por *já ser* nosso? – surpreso consigo mesmo, Joaquim sentia estar tocando aquela camada mais profunda de seu ser, só extravasada na poesia e desconhecida de todos.

– Ah, Juca... o que seria da vida sem as conquistas de cada dia?

Joaquim calou-se; revestindo-se da indumentária do não contestar, algo que se tornara para ele como uma segunda pele, deixou-a falar e falar. Era bom poder olhar para ela assim de frente, estar tão próximo a ponto de se tocarem, escutar-lhe mesmo que não mais acompanhando a lógica de seu discurso, deixar-se embalar pela voz cantante que tornava graciosa a palavra mais banal... Com olhos semi-cerrados, quase dormentes no encanto do entardecer, Joaquim reconheceu-se irremediavelmente apaixonado! Era ilógico, era ridículo, era patético... mas, para além do permitido, estava apaixonado! Uma alegria que

chegava às raias da euforia o fazia suar a ponto de empapar a camisa nova, num entardecer suave e fresco como no céu... Joaquim sentiu correr a vida em suas veias, e foi com a vitalidade do passado que, interrompendo-a, sem saber do que ela falava, pediu-a em casamento. Apesar de assustada, havia diversão na voz que respondeu:

– Casar, não, Juca... nunca mais! Mas, se você quiser, podemos namorar... afinal, já estamos num jardim, onde se namorava naquela época, lembra-se?

O riso provocante que acompanhou a pergunta trazia, já implícita, a permissão da intimidade própria aos namorados, pelo menos foi assim que ele interpretou. Com o ímpeto do despertar de um instinto adormecido há anos, o *jovem* tomou a amada nos braços e, sem titubear, beijou-a nos lábios. Foi um beijo de degustar, de saciar fome secular, de machucar e sorver, beijo de quase morrer...

A vida tornou-se um parque de diversões e Joaquim, uma criança deslumbrada! À noite, quando Heloísa chegou – foi para conferir –, ele a beijou com olhos umedecidos de gratidão! Ela nada perguntou, ele nada contou. Após quinze a vinte minutos, ela saiu sem nada saber do que acontecera, mas estava aliviada e feliz com o que vira: o pai rejuvenescera anos em poucas horas, os olhos brilhavam feito faróis, ainda que em meio ao sol, pois, nele, tudo estava claro! A pele, naturalmente lisa e rósea, estava translúcida! A filha saiu com uma impressão muito singular: “Meu pai está fluorescente!”

Ele nunca comentou com a família a revolução que acontecia em sua vida; todos respeitaram seu silêncio e, alguns, até preferiram que fosse assim, pois houve quem sofresse de ciúmes e preconceitos...

Heloísa foi, como era natural, a que mais de perto presen-

ciou a metamorfose. Era a ela que o pai consultava sobre “que camisa combina com esta calça? Onde comprar o perfume melhor para homem? Onde está passando um bom filme? Qual o restaurante melhor”...

Agora, os fins de semana em casa dos filhos tornaram-se programa raro, já que, freqüentemente, viajava para lugares próximos, hotéis-fazenda, pousadas...

Entrando na intimidade do casal, entretanto, nem tudo era um mar de rosas. A primeira noite juntos, por exemplo, foi uma amargura de expectativa para ambos que não sabiam como iriam se comportar... Felizmente tiveram o bom senso de, para começar, conformar-se com o que deu: carinhos, afagos, carícias ousadas até, como aquecimento para o motor que há muito estava em desuso. Daí para a frente, controlada a ansiedade e mais íntimos da intimidade, foi possível chegar até o cume da montanha, às vezes, mas nem sempre. A vista de tão bela paisagem, no entanto, compensava o esforço despendido, o resfolegar de cansaço, o breicar antes de chegar...

Outra dificuldade que enfrentavam era o desnível de condição financeira, de exigências e preferências, de escolhas. Esperar até se adaptarem? Acomodarem-se mutuamente? Haveria tempo para reparar o desgaste, compensar as concessões, pedir desculpas e desculpar, dar explicações e entender? Essas são coisas que requerem tempo...

Ele, sobretudo ele, começou a sofrer o impasse de não ter recursos para pagar as contas caras a que ela estava acostumada. Ela insistia em arcar com as despesas dos dois, mas ele considerava vergonhoso uma dama pagar uma conta em sua companhia. Também não achava justo propor-lhe algo inferior...

Quando em companhia de amigos dela, sentia-se deslocado, sem assunto, sem valia; falavam de lugares que ele não conhecia, vinhos que jamais degustara, neve que jamais vira...

Joaquim foi se cansando... Cansando do esforço para o gozo incerto; cansando da preocupação com o guarda-roupa; cansando da “turma de velhotes animados” – assim, ele se referia aos amigos dela – cansando de não ficar mais em casa... cansando do automóvel de luxo com seu motorista fardado, cansando da paixão, cansando do cansaço.

Um Joaquim calmo recolheu-se. Não foi de repente, não. Foi aos poucos, qual chinelo novo que vai tomando a forma do pé... – no caso, era o pé velho que voltava para o chinelo roto, conforto, largueza na intimidade maior do ser só. À medida em que Joaquim voltava para dentro de casa, mais entrava em si e mais se regozijava em encontrar-se. Ah, que delícia não ter que fazer a barba! Como é bom um fim de semana em casa com o livro velho, nunca mais lido, sob cobertores, na cama desfeita! Que gostosura é a cama desfeita! Ah, a novidade velha, de sair com a camisa de colarinho puído, ir comprar o pão na padaria, sem pressa porque não há ninguém por vir... Trazer os quindins deliciosos e degustá-los na cozinha, ao cair da tarde, com a filha amada que voltou a vir! Sair, ainda que escondido, no carro velho que nem ele, sem que um pudesse reclamar do outro pelo ranger das molas ou pelo motor fraco...

Joaquim era, de fato, outro homem! Da Maria Rosa sentia, às vezes, saudade, mas uma saudade sem sofrimento, sem outro desejo que não o de, simplesmente, sentir saudade, embrulhar-se nela e com ela dormir... Nas horas vagas – isto é, quando em meio ao nada fazer, escolhia sentir-se vagabundo – pegava do papel e lápis e punha-se a poetar. Depois, não se sabe o que fazia com suas criações, pois a elas jamais retornava para reler...

Como tudo, também o tempo passou, ele que leva tudo a passar. Em paz, Joaquim vivia o resto de sua vida, tendo degustado tudo que ela tivera para lhe dar.

Numa manhã fria de inverno, estando o dia cinza como

sem coragem de clarear, a doméstica batia repetidas vezes na porta da cozinha. Não sendo atendida, desceu à portaria, pediu ao porteiro para interfonar. Na ausência de resposta, acharam prudente telefonar a um dos filhos. Heloísa já saíra para o trabalho; outro filho foi conectado. Veio correndo como um raio! Todos eles tinham a chave da porta do pai; moça e rapaz subiram o elevador, preocupados. Porta aberta, tudo calmo... no quarto, sob cobertores, ele dormia o sono que não acorda. Sobre a mesinha de cabeceira, num pedaço de papel, um poema:

### A ETERNIDADE

Sinto avizinhar-se...  
Meus pés estacam  
nos umbrais da eternidade.  
Vida que vivi,  
levo-te comigo,  
não morrerei sem ti!  
Mas...  
quem de nós  
morrerá primeiro:  
eu, em quem tu vives,  
ou tu,  
que não vives sem mim?...  
Se me deixas, morro eu;  
Se te deixo, morres tu...  
morrámos juntos,  
tu e eu,  
já que juntos vivemos  
até aqui!



## A PROMESSA

O adolescente, naquela fase em que ainda trazia sinais de espinhas, olhava com duvidoso prazer sua imagem refletida no espelhinho quadrado que ficava pendurado no fim do comprido corredor de sua casa. A cada passada, uma olhada e uma piscada de indecisão. Com dezessete anos, acabara de passar no vestibular, achava que tinha na cabeça inteligente a solução para todos os problemas da humanidade, mas não aprendera ainda a enfrentar os seus. Não era nenhum Apolo, disse ele sabia, mas estaria de bem com a vida não fossem a timidez e o senso de ridículo que o atormentavam, fazendo-o desconfiado e com horror a tudo que o pudesse expor. Seu superego, maior que seu topete, tentava equilibrar-se entre a timidez e a vaidade. Assim vivia o nosso jovem carregando nos ombros ainda em formação o peso de seus contrastes.

Chegando em casa para o almoço, encontrou a mãe cheia de mistérios... Ela o puxou para um canto e declarou: “Você tem que ajudar! Lembra-se da Francisca, aquela comadre minha do interior? Chegou aqui o Bonfimzinho, trazido por um pessoal de lá, e volta amanhã. Francisca mandou-me, junto a uma lata de biscoitos, uma carta pedindo para eu cumprir a promessa que ela fez há doze anos e...” A essas alturas, o adolescente nem queria escutar mais o que a mãe dizia, não entendia nada e,

menos ainda, o que tinha ele a ver com isso? Assim, para não ficar faltando pedaço, a mãe teve que remendar retalhos velhos para tecer o enredo e fazer o filho entender a necessidade de colaborar.

“O menino é vítima de uma promessa feita pela mãe, antes mesmo de nascer: qual Sansão, navalha ou tesoura nenhuma jamais cortariam seus cabelos até a idade de doze anos – número das tribos de Israel. Completada essa idade, deveria ir a pé até o Bonfim fazer uma prece, depois cortar os cabelos em duas tranças e depositá-las na sala de ex-votos.” “Que loucura é essa, mãe?” “Calma, vou contar desde o princípio.” E, sem muita paciência, mas sabendo que precisava conquistar aliado, ela não poupou detalhes na história de Francisca. “Vizinha, na época em que ainda morávamos no interior, era já moça velha quando se casou com Miguel, balconista da farmácia, homem franzino em tudo: do físico ao intelecto, passando pelo financeiro. Logo após a lua-de-mel, que consistiu em dois dias no sítio do patrão, já falavam em ter uma prole. Mas o tempo passava, e nada... O casal já não tinha mais esperanças quando, um dia, Francisca, cheia de júbilo, entrou lá em casa para anunciar que estava grávida e que, desde já, me convidava para madrinha. A partir daí, foi o penar da Francisca para segurar o filho que ameaçava aborto a cada mês, razão pela qual, desesperada, fez a promessa ao Senhor do Bonfim. Não preciso dizer que, ante tal promessa, o menino foi salvo.

De tanto ameaçar abortos, nasceu quase abortada a criança franzina por herança e por direito, recebendo o nome de seu protetor. Francisca dedicou ao filho único todo o amor programado para uma prole, cuidando, sobretudo, de seus cabelos. Obrigava-se, e ao Bonfimzinho, também, o rito de lavá-los no tanque, espumá-los com sabão massa e desembaraçar com pente de osso cada madeixa que se derrama qual cascata até quase

a cintura do menino, no que parece afogá-lo, raquítico que é, como se toda sua força vital fosse abocanhada pelos cabelos que crescem e se enfartam. Agora, chegado o momento de cumprir a promessa, Francisca, viúva, pobre e necessitada, não pode trazer o filho à capital. Aprendeu, no entanto, a ser prática: assou biscoitos, escreveu uma carta reivindicando direitos antigos, e enviou o menino à madrinha que, como tal, tem a obrigação de fazer cumprir a promessa...”

Após tal peroração, o desconfiado adolescente compreendeu que, por tabela, a mãe passava a ele a tarefa. Sem escapatória, num misto de raiva e pena, resolveu desincumbir-se logo do castigo: abreviou o almoço e arrastou Bonfimzinho, se não pelos cabelos, pela mão ossuda, até o ponto de ônibus que os levaria à igreja.

No caminho, Bonfimzinho disse que a mãe avisara que teria que ir a pé, ao que o desconfiado, mas brilhante, adolescente sugeriu que ele fizesse o percurso indo e voltando pelo corredor do ônibus, e estaria assim cumprindo a exigência de ir andando. Para alívio, a vítima, que tinha excesso de cabelos, mas escassez de raciocínio, aceitou a proposta. O adolescente pagou a passagem do menino e sentou-se na última cadeira, fingindo não o conhecer. Bonfimzinho, obediente, andou aos solavancos todo o percurso, desfilando pelo corredor do ônibus sua cabeleira assanhada ao vento, provocando risos e comentários maldosos dos, felizmente, poucos passageiros no calor da hora.

Entraram na igreja vazia onde o menino balbuciou agradecimentos e, convencido o adolescente de que o barbeiro ao lado trabalhava para o Santo, deixou que ele, entre risos e galhofas, emaranhadamente, trançasse as longas madeixas da pobre vítima e as cortasse, sem nenhuma ciência. Ao tosar as tranças, o menino de olhos pequenos os abriu tão desmesuradamente que duas nascentes nasceram em seus olhos, donde pingou água

como de chafariz em praça sertaneja em época de seca. Eram lágrimas genuínas de puro gozo, que só os libertos têm.

Quanto ao adolescente, rubro de vergonha, após ter entre dentes respondido às indagações do barbeiro e dos poucos fregueses presentes, empurrando pelo cangote branco que, ao que parecia, nunca tomara um raio de sol, conduziu o menino até a sala de ex-votos. Mas, em lá chegando, outro contratempo: um funcionário informa que a sala de ex-votos fora fechada por ordem do Sr. Bispo e que as tranças não poderiam ficar lá, teriam que ser levadas de volta. A ponto de explodir, o adolescente desconfiado agarrou mais uma vez o cangote branco de cabelos tosados e, disfarçando, escondeu entre dois bancos o par de tranças malditas que até mesmo o Senhor do Bonfim rejeitou...

Voltou para casa exausto, trazendo, agora sentado junto a si, um frangote mais franguinho que antes, porque destituído do único atributo que a natureza lhe dera, toscamente tosado sem nenhum respeito; qual Sansão, perdera o que de força tinha, mas, quem sabe, descobriria a partir daí um novo jeito de estar no mundo...

Chegando em casa, o desconfiado despojou-se do despojado e, enchendo os bolsos com os deliciosos biscoitos aromatizados e amanteigados, biscoitos que haviam sido cuidadosamente amassados e enrolados pelas calosas e ternas mãos da “comadre” como forma saborosa de agradecer, correu para pegar a última aula, desejando a Bonfimzinho um bom fim, mas longe dali! O nosso adolescente promissor ainda não aprendera a lidar com as ambivalências do ódio e da pena, do trágico e do cômico, a mistura que permeia as coisas e as faz ser...



## FILHA DOS VENTOS

Manhã ainda cedo e ela já acordada, ou nem acordara, pois nem mesmo sabia se conseguira dormir. Passara a noite rolando na cama qual massa de biscoito que se amassa e enrola, como fazia sua mãe, no preparo dos sequilhos que adoçaram sua infância. Ansiara pela aurora para poder assumir legitimamente o estar acordada. Noite sem sonhos, o pesadelo fora real, correndo para o desejo de toda uma vida e sendo perseguida pela dúvida...

Aos primeiros raios de sol escoados pelas cortinas do quarto, pôs os pés no chão e tratou de ocupar-se: o insuportável era continuar no conflito. Tirara folga do trabalho e já estava arrependida: sabia que não conseguiria trabalhar mesmo, mas, sem ter o que fazer, não tinha outra coisa em que pensar. Num estado de quase autopunição, levava a noite toda se questionando sobre algo que sabia já estar decidido: iria ao encontro!

Preparou um café forte e o tomou aos goles, lentamente, querendo aquecer-se na caloria quente; fez uma ligeira arrumação no pequeno apartamento que, por falta de quem o desarrumasse, estava sempre limpo e bonito. Ela amava sua morada e, sobretudo, seu “pedacinho do céu” – assim denominava seu quarto –. Nessa manhã, sentou-se no chão, a um canto do quarto, como, às vezes, fazia. Sentar-se no chão tinha para ela gosto

de infância, quando então se permitia reconhecer-se pequena e necessitada de ajuda. Imaginava-se na capelinha de sua terra natal, diante da imagem do “São José Empoeirado” – assim, a mãe se referia à imagem posta no centro da capela, sobre o altar, por estar sempre coberta de poeira; – assim ela aprendeu a chamá-lo e a fazer dele seu protetor, conservando na alma de mulher o consolo experimentado na alma de criança. Naquela manhã, de modo especial, precisava que “São José Empoeirado” a conduzisse. Após alguns instantes de oração, sentindo-se mais tranqüila, levantou-se e foi trocar a água das rosas que recebera no dia anterior, após o que releu pela centésima vez o cartão e, em seguida e quase sem perceber, cantarolou a primeira estrofe de uma antiga canção.

Com antecedência, começou a se preparar. Tomou demorada ducha de água quente, tentando acalmar a respiração e relaxar os músculos. O telefone tocou e tudo nela outra vez se agitou: saiu do banheiro sem nem mesmo fechar a ducha, escorrendo água por todos os lados... com a toalha de rosto cobriu como pode a nudez do corpo molhado, como a proteger-se de olhos fantasmas que a pudessem espiar. Tirou o telefone do gancho e aguardou, após um “alô” fracamente assoprado... Além das batidas descompassadas do coração, tudo era silêncio; um breve tempo que lhe pareceu eterno, e uma voz feminina declarou ter ligado errado. Com a mesma toalha de rosto, desistindo de proteger a nudez arrepiada de frio e tensão, saiu enxugando o chão por onde passara.

Banho finalmente terminado, sentiu-se limpa e melhor. Agora, toda a atenção na roupa de seda, desde ontem escolhida e separada no vestiário. O cabelo, deixava apenas escovado, mantendo a aparência de certo desleixo: não queria demonstrar o quanto se arrumara. Pintura leve realçava-lhe a harmonia dos traços e, nas orelhas, brincos pequenos brilhavam como dois

faróis aos leves movimentos da cabeça; anel igual aos brincos no anular, unhas bem tratadas em dedos longos que tocavam nas coisas como se fossem línguas, provando-lhes o sabor.

Olhou-se no espelho e gostou do que viu... olhou-se por fora e viu-se por dentro: estava quase serena. Aliás, ela sempre fora assim: preocupava-se, ansiava nos pré-acontecimentos mas, no momento mesmo do acontecer, aparentava sempre segurança.

Como últimos retoques, um borrifo do perfume francês e os charmosos óculos escuros que, se lhe escondiam os belos olhos azuis, brejeiros e igualmente sérios, realçavam-lhe, por outro lado, a linha do rosto ligeiramente quadrado, um dos seus muitos encantos, deixando em evidência lábios carnudos e pintados, sobre um queixo indeciso entre o quase infantil tremor e a marca forte de obstinação. A bolsa moderna compunha a imagem de elegância e classe, atributos que, aos quarenta e sete anos, ainda provocavam olhares de admiração.

Após muita indecisão, resolveu ir caminhando: até chegar lá, teria tempo de repensar os acontecimentos, como se a noite insone não houvesse bastado para isso... achava tudo muito atropelado, sem tempo para maturar. Atribuía a “São José Empeirado” a autoria do que acontecia e isso a acalmava.

Andando lentamente o curto percurso, tentou compor o enredo de sua história: menina ingênua de cidadezinha pacata sem atrativos, ruas de barro, sem pavimento, onde o vento seco varria, levantando poeira e saias de mulheres, jogando cisco nos olhos dos homens que os abriam para ver... Criada na poeira de um lugar frio e seco, de dias opacos que se arrastavam lentos, e noites de densa escuridão que amedrontavam no uivar de fortes ventos, ela, no entanto, amava aquele lugar, o único que conhecia.

Na infância de poucos recursos, tivera pequenos prazeres: alimentar os coelhos que pulavam, branquinhos, no quintal cin-

za de névoa, no frio do amanhecer; correr atrás do galo Jacó, só de pirraça e para se aquecer; ir todas as manhãs à escola, a única da cidade, onde aprendera com facilidade tudo que lhe ensinaram, e pela primeira vez ouviu a palavra “inteligente” – assim a professora a considerava; – ir à missa aos domingos e depois brincar na pracinha, onde disputava um solitário banco de madeira à sombra de enorme mangueira; brincar de roda com uns, fazer bonecas de pano com outras.... Nessa vidinha, cresceu, assustada e tímida por dentro, ossuda e comprida por fora, e, no que de vago sobrava tempo, imaginava-se fada num mundo distante, ainda que parecido com seu mundinho onde não faltavam o vento que dava movimento às coisas, e a poeira protetora que a tudo cobria. Na cidadezinha, ela estudou tudo do pouco que tinha para oferecer, cresceu o que pôde, cobriu de musculatura rija e pele macia os ossos ossudos, roubou o brilho do pálido sol e o colou nos olhos azuis, espalhou beleza nos cabelos derramando-a até os pés, demorando-a na cintura torneada, escondendo-a e revelando-a nos seios que despontavam... mas continuou tímida e assustada.

Aos quinze anos, com corpo de quase mulher e alma ainda de criança, a menina, filha dos ventos, perdeu-se num furacão que por lá passou...

Ele era alto e magro, quase feio; seu olhar, de olhos escuros e inteligentes, trouxera luz àquele lugar. Ela não se lembra, no entanto, de como o conheceu, de quando o viu pela primeira vez... lembra-se apenas de que ele era da capital, homem formado e importante, que herdara uma fazenda próxima à cidadezinha e, para cuidar dela, resolvera passar ali o tempo necessário. Considerado “grande partido” para qualquer moça casadoira, provocou um surto de suspiros nas pobres donzelas, disseminando, qual doença contagiosa, a epidemia da paixão.

Mas, só para ela teve olhos!... Homem maduro que era,

encantou-se com o espetáculo de uma peça em dois atos: a menina que se escondia, e a mulher que, a passos descompassados ao ritmo dos hormônios, apresentava-se vacilante no palco da vida. Ele teve a sensibilidade de perceber esse momento e adivinhar o que de belo estava por vir... Sem querer, ele, homem de experiência em seus trinta e três anos, deixou-se seduzir pela virgindade de corpo e de alma, na feminilidade ainda se espreguiçando para despertar do sono infantil num corpo de mulher. Ele, apenas ele, foi expectador daquele momento dela.

Por instantes, a menina tímida sentiu-se importante por ser olhada, deixou-se incendiar na chama dos olhos escuros e... o amou. Amou com a força do amor primeiro, afoito e primitivo, volátil como a ventania. Ele a fez descobrir-se mulher e ela deixou-se incendiar de desejo no fogo daquele olhar que a despia das vestes infantis, imaginando-se mulher antecipada e emancipada, na coragem irresponsável de quem não sabe e se oferece inteira. Mas ele recuou, homem prudente que era, voltou para a capital, lá se casou.

A menina de olhos empoeirados que via embaçado se assustou... a mulher chorou, lavou o olhar e abraçou a menina. Em algum lugar de si guardou a marca daquele fogo que o vento não apagou. Às vezes, sonhava com ele, sempre à distância, nem mesmo em sonho o tocou. E talvez por nunca o ter tido, não pôde perdê-lo, pois não se acaba o que não se inicia...

Trazendo no sangue a força dos ventos de sua terra, a quase mulher saiu de lá carregando em si a ainda criança, e veio morar na capital, onde completou seus estudos, conquistou um bom emprego, independência e liberdade. Cortejada por sua beleza e irresistível atração, brincou de amor com alguns homens mas, sem saber, neles buscava o outro – e não se dava.

Assim viveu coberta pela poeira que tira o brilho das coisas, até aquele dia quando, ao chegar em casa, o porteiro entregou-

lhe as rosas lindamente arrumadas, com um cartãozinho preso por um laço de fita. Surpresa, mas ciosa da privacidade, freou a curiosidade até entrar no apartamento para, só então, abrir o envelope. Era letra masculina sim, mas... de quem? Não acreditou no que viu!... Piscou os olhos repetidas vezes como a querer limpar a vista, olhou fixamente o nome escrito em letras levemente tremidas, soletrou-o até não poder mais ter dúvidas... era ele! “A vi passando... não resisti! Ligo para você à noite. Com atraso de trinta e dois anos, Pedro.”

Sem nada de extraordinário, sem sequer se anunciar, sem pedir licença, ele saía do passado e, como no passado, irrompia em sua vida como furacão sem dar-lhe tempo de resguardar-se... O vento penetrou-a – ou nela renasceu? – reacendeu as chamas, levantou a poeira acumulada em tantos anos, agitou-a inteira, desarrumando sua costumeira ordem na qual se protegia. E a deixou assim, mulher-ventania indo ao encontro de um furacão-fantasma, homem do passado, mais fantástico que real, rapaz de olhar negro iluminado que retorna idoso de olhar sombreado, na negritude de vivências das quais ela não participou, lembranças de coisas que não viveu... No olhar negro de antes, cativou-a à luz de promessas; o olhar negro de agora, o que terá para ela?

À noite, o telefone tocou alto, mas nem precisava, pois ela o tinha ao colo, atenta à primeira vibração. Propositadamente, e com uma pontinha de masoquismo, deixou-o tocar três vezes – não mais, para não correr o risco de ele desistir – e com o coração aos saltos como criança pulando corda, mas com uma voz que de tão calma soou falsa, falou: “Amor...” – num ato falho que queria dizer “Alô...” Agarrou-se à esperança de ele não ter percebido o erro. Atropeladamente ou com pausas que foram uma agonia para ela, ele explicou que há dois ou três dias, casualmente passando por aquela rua, surpreso, a vira saindo do

prédio, deduzindo ser ali onde ela morava. Não fora difícil conseguir o telefone e outras informações com o porteiro a quem se apresentou como parente do interior. Após pensar muito, decidiu procurá-la; com arroubo de adolescente, correria à floricultura e, voltando ao endereço dela, deixara com o porteiro as rosas e o cartão. No carro, de volta para casa, a quilômetros de distância em avenidas e ruas movimentadas, cantarolara feliz como há muito não o fazia...

Primeira vez a se falarem por telefone, titubeavam nas palavras, preocupados em dizer apenas o necessário para dar as explicações e marcar um encontro. Ele pediu que ela escolhesse o lugar ao que ela sugeriu um restaurante-bar próximo à sua casa e que lhe era familiar – não percebera nisso sua necessidade de segurança. Ele aceitou de imediato a sugestão, informou-se sobre como localizá-lo, marcaram hora e, após comprometer-se ela em fazer reserva antecipada de mesa, despediram-se de forma lacônica, pois, certamente, não sabiam como tratar-se.

Envolvida com o retrospecto dos fatos, ela quase nem percebeu que já estava chegando. Olhou o relógio de pulso constatando, satisfeita, os quinze minutos de atraso já programados e, com um movimento de cabeça que fez os brincos faiscarem à luz do sol, jogou para trás madeixas rebeldes que lhe caíam sobre a testa, e as lembranças do passado – como se não o fosse enfrentar de novo, – ao mesmo tempo em que, resolutamente, subia os poucos degraus que a conduziam ao interior – e ao seu fantasma.

O recinto era-lhe familiar. Há muito tempo que o freqüentava sozinha ou acompanhada, e sentava-se sempre numa mesa de canto – a mesma que reservara para o encontro. Dali ela podia ver os casais chegando, às vezes acompanhados de crianças bem comportadas, ou senhoras e senhores maduros que vinham tomar drinques e degustar os petiscos nas mesas reservadas ao

bar. A parte do restaurante era mais recuada, sóbria e elegante, com cortinas pesadas nas laterais das janelas e véus esvoaçantes no centro, o que possibilitava aos comensais a obscuridade ou a claridade desejada. Daquela mesa estrategicamente situada – da qual há muito se apossara designando-a “minha mesa” – ela podia ver o movimento dos dois ambientes e, melhor que tudo, tinha a privacidade de ser única naquele canto onde só cabia uma mesa. As paredes formavam ângulo em janelões envidraçados, e o *maitre*, conhecedor de suas preferências, abria toda a cortina, deixando atrás dela a vista de um jardim bem cuidado. Ela sentava-se de frente para a entrada, deixando, após si, a beleza de arbustos, canteiros floridos e grama aparada, como oferta a quem a acompanhasse, sentado à sua frente; para ela a paisagem melhor era sempre as pessoas em movimento: gostava de ver gente entrando e saindo, escutar retalhos de conversas e brincar de adivinhar o resto, intuir o sentimento das pessoas através do olhar...

Naquele dia, porém, não fez como das outras vezes em que se dirigia logo à mesa como quem vai para a arquibancada assistir ao espetáculo preferido: permaneceu por alguns instantes parada à porta de entrada e tirou os óculos escuros procurando ambientar a vista à obscuridade interior. O *maitre*, vendo-a de longe, fez um discreto aceno com a mão e, com um sorriso mais que profissional, quase amigo, veio em sua direção. Trocaram algumas palavras em voz baixa, ele fez um movimento de assentimento com a cabeça e se afastou. Permanecendo de pé no mesmo lugar, ela tinha o olhar voltado para o homem que, sentado à sua mesa e de costas para ela, ao que parecia, perdera-se no jardim lá fora, tão absorto se encontrava no olhar distante que ela não via, mas adivinhava. Examinou a cabeça de cabelos grisalhos, os ombros largos ligeiramente curvados para a frente, vestidos em camisa de linha bege com detalhes em marrom. Isso

era tudo o que ela podia ver de onde estava. Dispensado que fora o *maitre*, ela foi sozinha e, lentamente, em direção à mesa e ao homem que a ocupava. Lá chegando, permaneceu alguns segundos de pé sem ser notada. Foi quase sobressalto que ele, recolhendo do jardim o olhar disperso por onde passeava, pousou-o inteiro no rosto dela – e ambos enrubesceram. De um salto, ele levantou-se e estendeu-lhe a mão, a qual ela tocou de leve; ele procurou reter e aquecer os longos e frios dedos que, escorregando, fugiram do afago. Sem que se desse conta da raiva infantil que lhe explodia o peito, ela sentiu uma vaga sensação de desconforto num misto de emoções que a deixavam estranha a si mesma, algo que a invadia deixando-a impotente qual criança assustada, sem condição de discernir qualquer coisa...

Cortez, ele puxou a cadeira para que ela se sentasse, como se já soubesse ser aquele o lugar preferido dela. Sem ter muita clareza do que se passava em seu desarrumado interior, ela assumiu uma postura de auto-suficiência e quase indiferença, como se estivesse diante de um estranho. Maldosamente, deixou a ele a tarefa de iniciar a conversa, e ele, após felicitá-la pela escolha do lugar, declarou sem rodeios:

– Você está mais linda que nunca! E pensar que eu conheci o projeto dessa mulher que você é hoje...

Ela pensou, num misto de raiva e tristeza: “Talvez eu seja mesmo um projeto, um projeto engavetado como tantos outros porque você não quis ser meu executor...”. Mas, retomando a auto-estima de sob a mesa, declarou com a força dos ventos:

– Eu sou um projeto que deu certo!

A chegada do *maitre* interrompeu o diálogo ou a guerrilha, como ela desejava. Pediram drinques; ele sugeriu deixarem o almoço para mais tarde. Enquanto os drinques eram pedidos e anotados, ela, ostensiva e maldosamente, examinou o homem à sua frente: vestido com sóbria elegância, conservava os traços

característicos, como o olhar inteligente e perscrutador. Rosto marcado por sulcos profundos no que antes foram rugas de expressão, trazia pequenas entradas e cabelos ralos, sugerindo ameaça de calvície que não se completara; mãos ainda fortes e belas, apesar das manchas senis, os mesmos braços longos e magros, abdômen levemente projetado. Percebeu fios crescidos de cabelo nos lobos das orelhas e, ante a falta de um botão na camisa, pensou quase com pena: “Falta-lhe uma mulher...”

A um exame menos exigente e hostil ele deixaria a boa impressão de um bem-sucedido e charmoso senhor, aparentando a idade real sem qualquer recurso de conservação. À medida que o examinava, com o olhar crítico inspirado pela raiva, ela foi, no entanto, se pacificando, talvez pela quase perversa comparação consigo mesma, reconhecendo-se jovem e bonita em relação a ele e, como um refrão, o pensamento: “Ele é quem perdeu!”

Sabendo-se observado e quiçá reprovado, ele retomou, no entanto, a conversa no mesmo tom de cortesia, quase carinhoso:

– Vejo que você é mesmo uma mulher bem-sucedida. – E passeando um olhar amoroso sobre ela: – Como você viveu esses trinta e dois anos de sua vida? Logo depois que você saiu de sua terra eu estive lá, procurei por você e fiquei sabendo que viera para a capital. Levei um bom tempo procurando identificá-la nas praças e ruas por onde eu passava, até que me cansei ou me esqueci da busca... não sei!

A chegada do garçom com os drinques interrompeu mais uma vez a conversa e serviu para que ela reconsiderasse sua animosidade: “Pelo menos ele não mente, não é piegas... gosto dessa marca de caráter.”

Com a saída do garçom, ele repetiu a pergunta:

– O que você fez da sua vida? – ao mesmo tempo em que se inclinava como a querer ouvi-la melhor. Mas ela, amargando restos de despeito, replicou:

– Atualize-me você em sua vida, porque eu parei no capítulo em que você fugiu para cá e se casou.

Sem demonstrar perceber o tom irônico, ele reconstituiu sua história desde o momento em que voltara para a capital, sem fazer menção a ela. Narrou fatos, pouco falando de sentimentos: seu casamento, os dois filhos casados morando ambos no exterior, dois netinhos com quem se sentia novamente criança, sua viuvez, de como tocava um trabalho bem-sucedido, de seu pequeno apartamento onde morava sozinho e guardava seus livros preferidos e as recordações de tudo que vivera... Só revelou alguma emoção quando disse sentir-se só, com um resto de vida por viver e ser feliz. E comentou como se estivesse pensando nisso pela primeira vez:

– Não sei se me arrependo de alguma coisa que tenha feito... se não tivesse feito tudo o que fiz, eu não seria o que sou, não estaria aqui. E não sei se, fazendo diferente, seria eu melhor do que sou... Não, acho que estou satisfeito com o que fiz de mim! Talvez pudesse ser diferente, não melhor. De qualquer forma, não sei me pensar fora do meu contexto, não sei imaginar-me diferente... Vivi sem grandes emoções, mas em paz.

E finalizou sua história com palavras que poderiam sugerir jactância, não fosse o tom carinhoso da voz:

– Tudo que empreendi, concluí com êxito. Por incrível que pareça, só você é algo sem conclusão, é a reticência de minha vida; mas prefiro o ponto!

Após alguns instantes de silêncio em que ambos pareciam olhar para dentro de si mesmos, ela falou, como que pensando alto:

– O ponto pode ser de seguimento ou final...

– Mas será sempre um ponto –. Ele retrucou. – E, no nosso caso, torço muito para que seja de seguimento, porque eu a amo. Você era tão menina que tive medo de esperá-la e depois

você não me querer e, além do mais, eu tinha um noivado pendente aqui na capital. Mas nunca a esqueci!

Assim, sem anúncio, sem violino em noite enluarada, em meio a palavras banais, ele declarou o que ela ansiara ouvir por mais de três décadas! Escutando o inesperado como algo corriqueiro, ela estranhou-se pela falta de impacto como se a espera de tantos anos lhe houvesse formado uma crosta, tornando-a insensível! Atordoada mais com sua reação – ou a ausência dela – do que com o que ele dissera, mais uma vez ela o odiou por sentir-se desconsiderada como se ele não a levasse a sério.

Talvez por receio de continuarem em terreno minado – como falar de amor em meio a tanto ressentimento? – resolveram pedir o almoço e, até que ele chegasse, trocaram palavras soltas, despersonalizadas, conversa informal como se houvesse um tácito acordo entre eles.

Durante o almoço, aquele peixe delicioso que ela sempre pedia e que ele também pediu para si, dessa vez, não foi degustado como merecia, sendo apenas deglutido como se não houvesse paladar, e não havia mesmo. Enquanto engoliam, ela mastigou sua história insossa, onde os sucessos não foram devidamente saboreados e as vitórias não lhe mataram a fome... Sem disfarces ou segundas intenções, ela falou de si e de sua verdade mais do que sabia, revelando sentimentos antagônicos que se mesclavam, quase não se reconhecendo no que dizia. Querendo manter-se digna e não tendo muito controle sobre as palavras, conseguiu, no entanto, manter os olhos enxutos até o fim...

Ele a escutou num silêncio quase religioso, cobrindo-a com um olhar benevolente. O mais, eram movimentos estereotipados de quem estava ali para almoçar.

Cruzaram os talheres, respiraram fundo, deram-se um tempo... Dispensaram a sobremesa e as convenções até que, olhando o relógio de pulso, ela deu a entender que estava na hora de ir.

Ele pediu a conta e, até que a trouxessem, olhou-a demorada e fixamente como a querer gravá-la indelével na alma. Sem palavras, sem gestos, apenas o olhar que ele estendeu-lhe como ponte para que ela pudesse passar e cair em seus braços, ainda vigorosos o suficiente para embalar a criança que ele conhecera e adivinhava ter-se guardado dentro dela... e para enlaçar num abraço de amor a mulher que ele vira despontar e que estava agora à sua frente, à distância de um braço, mal-amada, madura e bela, mas... distante.

Paga a conta, levantaram-se ao mesmo tempo como se comandados por um só controle. Ela curvou-se para pegar a bolsa, mas ele, ágil, tomou entre as suas as mãos dela e, buscando com seus olhos o olhar dela, perguntou:

– Posso acompanhá-la?

Após trinta e dois anos, ela o olhou nos olhos... o mesmo abismo profundo, mas não mais a luz que a iluminara; viu cinzas onde antes via fogo; talvez assopradas por rajadas de vento pudesse renascer a chama... Ela sabia, ela era o vento, mas não sentiu desejo de soprar sobre cinzas! E com a convicção primeira, olhos nos olhos, respondeu:

– Não.

Retirou suas mãos frias do aconchego das que as aqueciam, apanhou a bolsa e saiu em passadas largas e firmes apesar do tremor das pernas. Saiu sem olhar para trás – aliás, ela nada enxergava, nem mesmo à frente – sem muito perceber que deixava atrás de si uma parte de sua vida. Ela o deixou; desta vez quem partiu foi ela...

Mergulhou na claridade da tarde lá fora, cabelos desarrumados pelo repetido passar de mãos nervosas; o batom ficara no guardanapo de linho amarfanhado sobre a mesa, deixando mais brancos seus lábios pálidos; olhos ocultos pelos óculos escuros deixaram-se encher d'água, transbordando algumas gotas pelas

faces lisas, até desaparecerem nos cantos da boca que as bebeu; no corpo, a estranha leveza de quem deixara bagagens; na cabeça, uma pergunta: “As cinzas que vi nos seus olhos, eram dele ou minhas?” Não encontrava resposta, mas isso não importava; agora ela sabia, de uma forma existencial que, como diz a Bíblia, há um tempo para cada coisa. Estava sabendo na carne que isso é verdade, só que fora tempo demais...

Andando sobre a calçada no percurso de volta à casa, tudo nela dizia estar entrando em dores de parto; quase dobrada sobre si mesma, chegou com ânsias de alívio e dor. Abriu a porta, entrou e trancou-a à chave.

Sentiu premente necessidade de fazer o reconhecimento do local, querendo reencontrar-se no que era seu... Passeou os olhos – já livres dos óculos escuros, pois ali tudo tinha que ser visto na claridade a ao natural – pela sala, deixando-se mergulhar na proteção do casulo, na beleza e harmonia do ambiente; entrou no lavabo e acionou a descarga, apesar de não ter sido usado; foi à cozinha onde jogou as rosas ainda viçosas e o cartão no lixo, bebeu um copo de água e passou os longos e sensíveis dedos, como línguas lambendo, na toalha pendurada próxima à pia, absorvendo o seu gosto de ser branca, engomada e macia; passou à sala onde ajeitou uma almofada jamais desajeitada, ordenou alguns DVDs segundo uma ordem imaginária, folheou lenta e carinhosamente alguns livros apanhados ao acaso, recolocando-os metodicamente em seus lugares na estante, lambeu com os olhos as telas penduradas nas paredes brancas, cerrou as cortinas, sentiu nos pés descalços o tapete persa, pisando com cuidado seus desenhos complicados como se os pudesse desmanchar, e... passou ao quarto, seu “pedacinho do céu”, onde dispensou o reconhecimento, porque seu quarto era tão dela que parecia estar nela, como se o tivesse incorporado a si – quase não o considerava “ambiente”. Aí, local de si mesma, completou

o despir-se iniciado na porta: em movimentos lentos e compassados como se ao ritmo do silêncio, tirou de si cada peça de vestuário, cada adorno, resquícios de maquiagem, até sentir que nela só restava ela. Tomou uma ducha – a segunda do dia – desta vez na temperatura natural, não queria artificialismo algum. Lavada dos pés à cabeça, massageou o corpo com o felpudo fofo da toalha de banho artisticamente marcada com seu monograma, voltou para o quarto e, na obscuridade de cortinas cerradas, – não precisava de claridade externa para o que agora se propunha ver – nua de corpo e de alma, sem artifícios, sentou-se em seu cantinho no chão.

Não sabia como rezar despida e perdera a desenvoltura com São José Empoeirado... Tanto atribuía a ele a responsabilidade sobre sua vida que, agora, correndo o risco de perder a confiança, não podia deixar de senti-lo culpado. Num misto de raiva e desamparo, ela não sabia, não conseguia rezar! Quase sem perceber, foi escorregando no chão sua nudez e dobrando-se sobre si mesma em postura fetal, torcendo-se como faz a lavadeira com a roupa molhada até tirar-lhe todo o excesso de água para não ficar pingando quando estendida ao sol. Na dor da torção – mais que os músculos, doía-lhe o coração –, pingos de água marejaram de dois lagos azuis que em seus olhos choraram... Ela sabia: sofria dores de parto!

Os vendavais da alma de menina uivaram na mulher nascida. Ela, enfim, compreendeu... e o compreender, às vezes, dói! – Nela doía exageradamente pelo seu jeito forte de sentir e sofrer, essa era uma de suas marcas.

Ele vivera bem a vida que escolhera com seus sucessos; e agora ela, a mulher a quem ele amava, seria o coroamento final que daria sentido à sua velhice. Mas não! Não queria pôr os pés na velhice sem caminhar o que restava de juventude dentro dela! Com raiva e cinismo pensou: “Não quero restos de ninguém,

basta-me o que de mim sobrou e disto vou cuidar!” Como o vinho guardado a sete chaves, que se revela estragado quando afinal se decide tomá-lo, assim acontecera com o amor de sua vida!

Romperia a cadeia com o passado e com o fantasma que a prendera a um momento que deveria ser de transição, impedindo-a de viver em plenitude sua condição de mulher... Envelhecera sem provar o fruto da juventude, deixando que os anos passassem sobre ela murchando-a, sem amadurecer. O que até então fora verdade sobre si mesma, agora parecia não passar de um engano. Será que ela realmente o amou algum dia? Se amou, a quem amou? Ao que ele é ou a quem ela imaginara? E se tudo foi falso – ou não foi? – como nisso se apoiou por tantos anos?

Ludibriada, revoltada, desconhecendo-se na ambivalência de sentimentos de luto e libertação, saudade e alívio, amor e ódio, ódio de si por não ter sabido se cuidar, e dele por quase não ter existido... As perguntas vinham como enxame e como enxame causavam dor. Por que se contentou com tão pouco na vida, sem nunca vibrar de amor? Por que nunca, verdadeiramente nunca, se entregou? Por que não teve filhos, nem sequer os desejou? Tinha tudo, conquistara tudo, mas nunca fora feliz?... É isso, nunca fora feliz?... É difícil admitir-se que não se é feliz! E agora, quanta coisa para sempre perdida! Lembrou-se que lera, não sabia onde: “Só o que não tenho é o que eu sou, porque eu sou o meu desejo.” Mas agora descobria que o que não se tem por culpa própria gera, mais que desejo, arrependimento, remorso, despeito, raiva. Ele formara uma família, tem casos de filhos e netos para contar... Como a nascente das águas que se vê fluir em rios até chegar ao mar, ele vê a vida, a sua vida, fluindo em seus descendentes que têm: um, seus olhos; outro, a boca; outro ainda, seu jeito de falar... e assim se eterniza aquele que está envelhecendo! Mas ela, o que tem ela além de si? Nada

a deixar para a humanidade! Quando morrer, morreu; acabou. Filhos, não os teve e não há mais ninho num ventre que nunca se abriu...

Torcendo-se nas contorções de perguntas sem respostas ou respostas imprecisas, na amargura de descobrir ter vivido presa a uma fantasia, refém da baixa auto-estima, sua nudez feminina acolhia, ao mesmo tempo que a dor, o vento vindo das entranhas, vento forte que levantava poeira e tinha pressa... A ventania trouxe o desejo na urgência de se curar e inventar um novo jeito de estar no mundo e ser feliz. Filha dos ventos que era e nascida no pó da terra, ela se prometeu voar sem tirar os pés do chão. Correndo todos os riscos, pagando todos os preços, errando todos os erros, no não-saber descobriria o como tomar posse de si e ser feliz!...

Abraçada a si mesma, ainda enrodilhada e torcida como roupa espremida, escondendo sem querer suas partes pudicas, a mulher abriu-se inteira, corpo e alma distendidos no chão e no silêncio do ser... Nudez toda revelada, corpo suado e alma lavada, a mulher encontrou no vazio de si a face de seu Deus. E a ele falou: “Posso trair, meu Deus, a todo o universo; mas a mim, nunca mais! E se algum dia te trair, sendo fiel a mim, compreenderás que me acostumei a te ver em mim a ponto de me confundir... e então me perdoarás! Tomo hoje em minhas mãos o meu destino, e um dia, na eternidade, saberei te falar que sabor tem a vida!...”

Enquanto falava à face de Deus, ela não pode impedir-se a fantasia de estar São José Empoeirado em meio a ventos, batendo palmas e balançando a cabeça em aprovação; ela acabava de tomar-lhe o que nunca fora seu.



## ARAÇÁS-MIRINS

Os pais de Alice recebiam visitas e as retribuía(m) religiosamente. Eram acontecimentos de pompa, algo que os dignificava e para os quais se preparavam. Deviam estar bem vestidos e o pai, com voz empolada, dizia frases de efeito em postura de excelência. Na sala de visitas – lugar a que as crianças não tinham livre acesso –, sentadas em poltronas pesadas a elas reservadas, as visitas eram servidas das deliciosas compotas caseiras – guardadas nas prateleiras mais altas da despensa, e negadas no dia-a-dia com o refrão “guardar para as visitas” –, cafezinho em xícaras de louça “para visitas”, e todas as cortesias e salamaleques que faziam o visitante sentir-se importante.

Mas, fora essas visitas de casal e sempre à noite, das quais as crianças não podiam participar e nem mesmo aproximar-se da sala, havia as visitas de “comadres”, sem pompa ou formalidades, visitas diurnas de mulheres donas de casa que costuravam enquanto conversavam sobre maridos – havia o fantasma da “amante”, coisa não rara naquela época –, filhos, criadas, receitas e coisas do gênero, próprias do mundo doméstico e pequeno.

Nessas visitas informais que a mãe fazia, às vezes levava Alice, por ser a menorzinha. Com a costura sob o braço, dava-lhe a mão, e por todo o percurso a pé ia repetindo recomendações cabíveis na ameaça final: “se não se comportar direito, não vem

mais...” O “comportar-se direito” consistia, sobretudo, em dizer “não quero, não, senhora, obrigada” ao lhe serem oferecidos doces ou balas... Se houvesse insistência, poderia aceitar, mas comer com moderação. Mas o que fazer com os olhos de Alice que brilhavam e o beijo por onde a baba escorria, tamanha a satisfação diante de uma taça de sorvete de abacaxi ou de baunilha?... Não havia sorvete em sua casa, geladeira era coisa rara naquele tempo... Como colocar nos olhos que diziam “sim”, com o olhar lambido sobre as guloseimas, o “não” tremido que os lábios diziam sem convicção?... Como burlar o desejo que Alice tinha de lamber o prato, de pedir mais um pedaço, e ainda ter de deixar um restinho como “cerimônia”?...

Uma tarde, Dona Zélia foi à casa da madrinha de Alice, levando-a juntamente com a irmã. Era uma casa grande cheia de cômodos, móveis pesados, pé-direito alto, cheia de portas e janelas que, nas lembranças de Alice, estavam sempre abertas. Na frente, um jardim sem beleza onde rosas e trepadeiras disputavam espaço com ervas daninhas; no fundo, o quintal enorme como o olhar de Alice que, por mais que o espichasse, não chegava aos altos muros que barravam passagem para o fim do mundo.

Após os cumprimentos de praxe, antes que as mulheres se envolvessem no papo e nos bordados em um canto qualquer da casa, a madrinha deu a Alice e à sua irmã uma mão cheia de arachás mirins, apetitosos e fatalmente bichados. A irmã, não resistindo aos apelos do quintal, deixou seus arachás sobre a enorme mesa da copa e sumiu na imensidão sem limites, cheia de árvores e mistérios, cenário propício às fantasias e inquietudes contidas, próprias das crianças de então.

Alice, no entanto, desconfiando que seu punhado fora menor que o da irmã, ficou a contar ambas as porções. Os arachás sobre a mesa deixaram-se contar mais de uma vez, até que, con-

vencida da má sorte, a inconformada menina pôs em prática a aritmética aprendida na escola, subtraindo da irmã alguns frutos que se juntaram aos seus, ficando ambas com igual quantidade. Temendo que alguém fizesse com ela a mesma coisa, achou mais seguro guardá-los nos bolsos da saia que vestia. Tranqüilizada, então, correu para o quintal onde a irmã, de tranças já desfeitas pela correria, tinha nas faces coradas o sorriso da inocência...

À tardinha, Dona Zélia apareceu à porta dos fundos chamando as filhas; era hora de voltar... Com a respiração ofegante, Alice guardou nos bolsos da obediência a imaginação. Estando as mãos desocupadas, meteu-as nos bolsos da saia à cata dos araçás mirins: mãos pequenas e trêmulas, decepcionadas e chorosas saíram dos fundos bolsos... vazias.

A irmã, menos previdente e mais sábia, recolhia com ambas as mãos e evidente satisfação seus araçás que, apesar de mirins, não haviam participado das brincadeiras: não correram no quintal, não subiram em árvores, não pularam de fundos bolsos até fugirem sem serem vistos... esperaram pacientes, qual crianças bem comportadas, que a dona os apanhasse e os levasse para casa.

Os araçás-mirins perdidos no folgado, redondos como rolimãs, suculentos e bichados ficaram para sempre na vastidão do quintal sem fim... A menina que hoje caminha sem bolsos e sem tranças, pelo mundo de mais desafios que o quintal, mais precípcios que os imaginados, mais possibilidades que brincadeiras, a menina os guardou... na lembrança.



## O JARDIM SECRETO

Era uma casa antiga, muito antiga. Foi habitada por um casal de migrantes poloneses que aqui chegou e se encantou com aquela ruazinha tranqüila, onde se instalou, num bairro popular da cidade que prometia progresso. Na casinha pequena se arranjaram, pagando ínfimo aluguel. À medida que iam aprendendo a desembolar a própria língua e articular uma ou outra palavra em português, iam também se enfronhando nas peculiaridades do lugar e na boa índole do povo. Com o restinho do dinheiro trazido, compraram a casinha e um terreno baldio, ao lado, dispostos que estavam a fincar raízes em solo brasileiro. Logo veio o primeiro filho, em meio às dificuldades naturais a uma adaptação à nova cultura, diferente clima e tudo o mais, mas chegava também, aos poucos, oportunidade de trabalho. Esforçado e perspicaz, o casal chegou a fazer fortuna. A cada novo filho que nascia, novo cômodo era construído, crescendo a casa juntamente com a família.

Essa foi a história do casal migrante, avós de Maria Antônia, filha única do primogênito, Joseph.

Nascida e criada naquela casa – o pai permanecera ali após casar-se –, Maria Antônia conhecia cada rua do bairro e sua gente. Viu subir muitos dos edifícios, qual árvores gigantes em terreno fértil, inicialmente nas adjacências, logo depois sufocan-

do as casas que, não resistindo, cediam lugar a novos prédios envidraçados e sofisticados, mudando a cara do bairro e... da ruazinha! Aquela aparência bucólica e romântica, aquele sossego, aquela conhecida vizinhança, só existia agora nas fotos esmaecidas de antigamente e nas lembranças douradas dos idosos que não a esqueciam.

Como Joseph, Maria Antônia também casou-se e permaneceu no mesmo endereço, fazendo companhia aos pais, velhos e doentes. Estes morreram e, aos que a aconselhavam a “vender esta enorme casa, agora mais vazia, e ir morar num dos muitos prédios de luxo, vizinhos,” ela respondia: “Daqui não sairemos jamais!” apoiada por Josias, o marido, que embora nascido e criado em outro lado da cidade, adotara aquela casa como sendo de estimação desde que viera para ficar, há tantos anos.

Maria Antônia sentia saudades “daqueles bons tempos”, das pessoas queridas que já tinham partido, dos bons amigos que se mudaram... Quando raramente se encontrava com um ou com outro que resistia ao tempo, era papo para toda uma vida, ainda que não se lembrassem de nomes e datas, perdidos no “naquela rua... como era mesmo o nome da rua?... Aquele... aquele que era primo daquela... como era o nome daquela moça – sem atentarem que a ‘moça’ não era mais moça, já era velha – aquela que usava umas roupas justas, escandalosas...” O outro aventurava um nome, mas não era! Também não tinha importância, sorriam da falta de memória, é fácil aceitar o mal quando comum...

Ali lhe nasceram os três filhos, ali se casaram e foi cada um para seu lado. Quando vinham visitá-la, trazendo os netos, era uma algazarra que alegrava Maria Antônia: as crianças corriam pela casa, entravam e saíam de seus muitos e espaçosos cômodos, perdiam-se no quintal...

Ah... o quintal! Enorme como o fim do mundo, ali ela

guardara na infância os duendes, os fantasmas, os monstros e anjos, personagens de seu imaginário de criança. Mais tarde, foi a vez de povoá-lo com príncipes encantados e seus ais... Anos depois, conquistas e decepções próprias da vida adulta. O quintal, companheiro inseparável, era o palco onde se desenrolava sua vida, enredo nem sempre variado mas inédito, sempre.

Houve uma época em que reservou-lhe uma parte para fazer ali um jardim. Jardim verde pontilhado de amarelo, lilás, branco, azul, vermelho... as flores de Maria Antônia! Ela as cultivava com carinho. Passou a ser seu jardim secreto, sombreado por árvores centenárias que pareciam-lhe destilar no aroma que delas se desprendia, a sabedoria milenar... A um canto, uma gruta natural, ali encravada como pedra preciosa em jóia rara... Para além do jardim, a vastidão de chão nu onde se pisava levantando poeira, onde o vento brincava de roda levantando redemoinho, onde, nas tardes de domingo, ela catava vinagreiras caídas, quase murchas, como passas em minúsculos cachos... Havia também galinheiro e galinhas. O galo a acordava todos os dias com seu canto fanhoso, dando-lhe a sensação de estar no campo, o que contrastava, infelizmente, com a realidade vista pela janela: uma rua movimentada e barulhenta. Rex, o cachorro vira-lata que acolhera numa noite de chuva e ali se abrigara; o papagaio Jacó, que um neto trouxera para ser cuidado pela avó, e enchia com voz fanhosa o espaço infinito, onde também o vento uivava...

Para sempre lá, o mundo imaginário de Maria Antônia! Havia um enorme prazer em pisar na terra, aspirar o húmus, molhar as pontas dos dedos no orvalho que as flores bebiam... Às vezes retirar uma erva daninha aqui, outra acolá, direcionar o crescimento de um galho, aguar as plantas mais tenras, mais sensíveis, coisas como se faz com filhos! Ali mandara construir – há muitos anos, os filhos ainda eram pequenos – uma fonte que jorrava noite e dia sem que a água se consumisse, indo e vin-

do, impulsionada por uma bomba escondida na gruta, no lado poente do jardim. Havia um banco tosco de madeira à sombra de uma jaqueira e... um coral que se apresentava de manhãzinha e ao entardecer, vozes afinadas de sabiá, pássaro-preto, bem-te-vi...

Desde sempre ela ali se sentava: ali maturava questões existenciais, rezava nos crepúsculos róseo-dourados, bordava, às vezes trocava juras de amor com o marido amado, ali escutou e orientou filhos, ali entrava em intimidade com a natureza...

De modo especial, apreciava as chuvas, chuvas fortes de verão, verdadeiros pés-d'água que a atraíam como quando criança... Tantas vezes se encharcava nos aguaceiros, distraíndose com os pingos d'água que corriam por sua pele alva para se encontrarem com outros pingos d'água com os quais se misturavam, formando pequenos filetes, velozes, sendo absorvidos em meio a seu percurso pela roupa molhada, ou caíam na terra que os sugava...

Ali, no jardim secreto, ela fazia suas leituras – havia sempre livros em seu colo ou sobre o banco – e escrevia. Ah... como gostava de escrever! Desde que aprendera o bê-a-bá que escrevia, apaixonada que era pelas palavras! Escrevia poesias, contos, histórias; gostava de brincar com o imaginário e o real, misturando-os no papel, e, enquanto o fazia, ria ou chorava conforme imaginava e escrevia. E amava o que escrevia! Muitas coisas mudaram: na verdade, quase tudo mudou nos seus setenta anos de vida, mas permaneceu sua intimidade com a escrita.

Com o passar dos anos, foi se descobrindo sábia, mais sensível, escutante, encantada com a novidade que descobria como se houvesse uma linguagem jamais ouvida, uma poesia na poética existência, no simples existir... Perguntava-se por que não fora sempre assim, talvez por ter estado muito ocupada com a educação dos filhos... “oh, mas teria sido tão mais fácil!...” talvez

porque fosse muito jovem... “oh, que pena!” – lastimava.

O pingo d’água, a folha trêmula ao vento, a formiga na terra escura, a árvore, o céu azul ou cinza, ou negro, o sussurro da brisa... a vida! Em tudo, um significado; no banal e comum, o divino! Seus olhos azuis, embaçados, enxergavam o translúcido das coisas, das simples coisas! Com a alma senil, escutava o indizível no silêncio! O corpo envelhecido renascia para o quase escondido na rotina. Aprofundara-se também sua compreensão das pessoas, porque se conhecia mais e melhor... Tornara-se menos rígida e mais compassiva, mais humilde, talvez. Novo olhar sobre a humanidade e suas questões cruciais deixavam-na em relativa paz... Inquieta como sempre fora, escafandrava agora os mistérios com mais enlevo e menos sofreguidão.

Maria Antônia não resistia ao desejo de escrever, forma limitada de registrar o eterno na transitoriedade veloz. Escrevia... escrevia... montanhas de papel se avolumavam sobre sua escrivaninha, onde os guardava.

Intrigado com a febril atividade gráfica da esposa, Josias quis saber: passou a ser leitor único e encantado com o que lia. Comentou com os filhos que também quiseram ler... entre emocionados e vaidosos, instavam-na a publicar o que escrevia.

Maria Antônia conjecturava: “escrevo como num solilóquio, monólogo da alma na cumplicidade com o silêncio” – ela entendia o silêncio não como simples ausência de som mas, sobretudo, como escuta. – “Só quem escuta, ouve o indizível e, talvez, experimente o gozo maior...” – filosofava – Mas como escrever para todos o que é dito ao pé do ouvido de cada um?... Como transmitir graficamente o silêncio do não dito?... Como imprimir em letras o que não tem som?... Mas era um desafio e ela não era mulher de correr da raia: com o mesmo desejo e melhor organização dedicou-se de corpo inteiro à escrita, agora com um objetivo, uma meta.

Certo dia, estando ela no mesmo banco tosco a escrever – há muito Josias providenciara uma mesa de ferro que para ali fora transportada –, o marido interrompeu-lhe a inspiração, dizendo, excitado:

– Maria Antônia, acabo de ouvir no rádio o anúncio de um concurso literário promovido por uma instituição que não gravei qual é... Você devia inscrever um de seus escritos e concorrer!

– Oh, Josias... será que vai haver alguém interessado em ler minhas coisas?... – apesar de contemporizar, seus olhos brilharam e os lábios abriram-se num riso beatífico.

– Claro que sim, minha querida! Tente, ao menos!

– E o que vamos mandar? – perguntou com entusiasmo de adolescente.

Marido e mulher correram para dentro de casa em busca dos muitos escritos daquela que, como num passe de mágica, passava a sentir-se “quase escritora”. Feita a escolha, era hora das demais providências: telefonar para a rádio, informar-se sobre o concurso anunciado e local de inscrição, inteirar-se do regulamento.

Dias depois, Maria Antônia e Josias rumavam para a instituição promotora do concurso: sob o braço, ela levava um envelope pardo contendo em folhas datilografadas – trabalho que ele fez para ela – algumas gotas da preciosa essência de sua sabedoria.

De volta para casa, nada mais justo que celebrar a euforia com um sorvete de coco na sorveteria de seu Camilo, um dos poucos comerciantes que resistiam ao progresso avassalador.

A partir daquele dia, o concurso passou a ser o assunto da casa. Ela, não abdicando de seu quintal e não fazendo pausa em seus escritos, fez, ao que parecia, incursões ao passado donde voltava adolescente... Do que antes duvidara, imaginava,

agora, acontecendo: partilhar com o leitor seus “orgasmos intelectuais”. – Assim, ela considerava os verdadeiros momentos de prazer que a inspiração lhe proporcionava, jogo amoroso de sedução entre o desejo e a letra. – Imaginava-os arrepiando-se nas mesmas emoções que ela experimentara ao escrever, sorrindo ou chorando, mergulhados nas mesmas fontes, degustando o mesmo inebriante sabor... Talvez um ou outro discordasse... não teria importância, não havia intenção de convencer; o importante era fazer pensar ou, simplesmente, divertir!

Até a feminilidade e vaidade, há tanto soterradas, vieram à tona: “Que vestido usar na cerimônia de entrega do prêmio? Aquele traje preto, talvez... o broche de rubis... darei um trato nos cabelos grisalhos... a quem convidar para a noite de autógrafos, quando do lançamento do meu livro?...” – pensava.

O imaginário louco, despido das roupagens do bom senso, corria pelas ruas do pensamento, levando-a ao apogeu. Aliava numa mesma experiência a exuberância da juventude – que sorvia intacta, como elixir inalterado pelo tempo – com a sabedoria da maturidade, fruto doce porque maduro...

Que pujança! Que felicidade! Maria Antônia sentia-se quase deusa, quase mágica! Havia nela um jardim secreto onde sempre estivera solitária... Via agora a possibilidade de escancarar-lhe os portões e deixar entrar uma multidão! Seriam pessoas anônimas, rostos desconhecidos, alguns jamais vistos... mas seriam dos seus, porque amigos íntimos a quem se confia segredos! Oh, que maravilha de comunicação, que forma sublime de perpetuação! Num misto de prazer e dor – porque o ato de criação é sempre um parto – Maria Antônia, em êxtase, sofria as dores na alma...

A casa grande era insuficiente para conter tanto sonho: pulando a janela da cozinha espalhou-se pelo quintal que o acolheu, era coisa sua...

Aí, entre sonhos e desejos, fantasia e realidade, no tudo é possível, Maria Antônia descobriu-se já premiada: resgatara do fundo, a vibração adormecida; a própria inspiração, senhora de idade, parecia jovem, correndo mais veloz pela pista da mente como se em competição, em busca do prêmio... A esperança pintava de verde o amanhã, e até suas faces tinham novo colorido... Descobria o sentido de se ter objetivos, condensador de potencialidades, pois tudo nela renascia!

Tanto escrevera na vida... daria para fazer alguns livros! Cada conto, cada poesia, era como um filho que nascia, filho que gerara em suas entranhas, portador de suas marcas em seus códigos gráficos... No entanto, era como se não os tivesse registrado reconhecendo-lhes filhos seus... não lhes outorgara seu nome! Nascidos, não tiveram direito à cidadania... Urgia publicá-los!

Maria Antônia esperava pelo concurso com os olhos postos nos “filhos” sobre a escrivantina. Qual galinha que abriga os pintinhos sob as asas, ela distendia mais e mais, como grande tenda, a alma, sombra protetora sobre as páginas escritas com letras tremidas de setenta anos...

No quintal-jardim, onde sobrevivem os sonhos, no quintal-jardim há ainda um banco tosco à sombra da jaqueira... há uma fonte que canta... há eternidade de terra e de húmus... há alvorada no alvorecer e flores molhadas no orvalho das manhãs...

Naquela manhã... naquela manhã, um forte vento, vendaval vindo sabe-se lá de onde, abateu-se sobre aquela casa e... sobre o quintal-jardim! Folhas de papel em branco foram espalhadas como se por mãos invisíveis, em vôo curto e rasante pelo gramado verde onde repousaram. Molhadas de orvalho e amareladas pelo húmus do chão, impregnaram-se do perfume das flores, do cheiro de terra, dos pingos de chuva... Quem sabe,

tenham adormecido embaladas pelo canto da fonte que ainda canta. Ninguém as recolheu, ninguém escreveu nas amarfanhas folhas em branco!

No quintal-jardim há, ainda hoje, sonhos.



## PALAVRA DE VIDENTE

Ela era uma boa moça... Viera do interior para estudar na capital por ter sido aprovada num vestibular, sabe Deus como. De família humilde, conseguiu, através de uma conterrânea, vaga num pensionato para moças – pelo visto tão modestas quanto ela – a preço módico e condições a desejar.

Numa fila de pequenos quartos, cada quarto era ocupado por quatro pensionistas que se acomodavam como podiam, em beliches, qual galinhas em poleiro. Pregos no que sobrava de parede e atrás das portas substituíam o inexistente guarda-roupa e, no fundo do comprido e escuro corredor, um minúsculo sanitário a que se tinha acesso após enfrentar uma fila, e onde se era apressada por batidas na porta que lembravam à ocupante que o tempo urgia.

O desjejum, composto de pão duro, leite ralo e café fraco, era raramente acompanhado de banana cozida, sendo repetido o mesmo cardápio à noite. No almoço, além da farinha – dessa podiam servir-se à vontade – cada uma recebia o célebre PF composto de papa de arroz, feijão ralo e um bife duro e esverdeado de origem duvidosa; aos domingos, uma gosmenta quibada era festa! Como tempero, havia sempre barrigas vazias e bocas famintas que garantiam o apetite.

Nesse pensionato, Milu – assim se chamava nossa heroí-

na –, exercitou a tolerância numa convivência sem reclamações, resguardando sua natural ingenuidade na maneira simples de encarar as coisas.

Certo dia, melhor dizendo, noite, Milu perdeu o sono impressionada com o que a amiga e parceira de quarto contava:

– Meninas, vocês não podem imaginar! Uma colega – ela trabalhava como telefonista num escritório – levou-me a uma vidente que olha você e vai logo dizendo seu futuro!

E, com palavras entusiasmadas, pintou a vidente como sendo alguém de poderes sobrenaturais e profecias fantásticas.

– Vocês precisam ver! – dizia. – Não tem como duvidar! Eu me arrepiava toda! Ela fecha os olhos e vê tudo! Até adivinha seus pensamentos! Tem sempre enorme fila na porta da casa e é tudo gente importante – fazendo com o indicador e o polegar o sinal de *grana* –, que não dá um passo sem antes consultar a Madame!

Expectante, Milu aventurou uma pergunta:

– Ela cobra caro, Dete?

– Não, Milu, ela não cobra nada! Quem vai lá sempre deixa uns trocados com a sobrinha – porque ela mesma não pega em dinheiro de jeito nenhum! – uma ajuda para os trabalhos que ela faz. Ela nem fala em dinheiro, só pensa em ajudar, usa seus poderes para afastar o mau-olhado, as forças do mal, coisas assim, entende?

Milu não entendia; amedrontada como estava, o raciocínio, pouco exercitado em cotidiano pobre de desafios, estava emperrado.

As companheiras de quarto, excitadas, queriam mais informações, detalhes, anotavam o endereço, prometiam ir lá...

No silêncio de si mesma – se é que havia silêncio num coração batendo forte como os pandeiros nos bares da rua –, Milu procurava coragem para ir também: não iria sozinha mas... se

alguém quisesse ir com ela...

Naquela noite, pouco dormiu, impressionável que era! Em meio ao ronco das amigas, batia queixo como se sentisse frio, apesar do calor que fazia.

No dia seguinte de manhã cedo, na fila do sanitário, uma Milu sonolenta sussurrou ao ouvido da amiga:

– No sábado, você me leva à Madame?

– Claro!... – garantiu a outra, sorrindo.

– Mas é segredo, tá? Você garante que não conta a ninguém?

– Por quê?

– Porque eu quero. Você promete?

– Prometo... Agora deixa eu ir logo que chegou a minha vez e estou apertada.

Até chegar o sábado, Milu penou de ansiedade, ora se prometia ir, ora achava que não tinha coragem; só no último momento tomou a decisão.

Lá chegando, considerou-se afortunada por não encontrar a “enorme fila” da qual Dete falara. Na verdade, a porta abriu-se à primeira batida, sendo atendidas pela sobrinha da Madama que, ao que pareceu, acabara de acordar. Tremendo e torcendo as mãos, Milu foi conduzida momentos depois à “sala das visões”, enquanto Dete calmamente se estendia no sofá gasto, de tecido desbotado e suado, onde um gato ronronava...

Com o coração aos saltos, Milu viu-se diante da Madame. No lusco-fusco do bizarro ambiente com pretensa cortina preta na única janela existente, pareceu a Milu que a vidente a espreitava com olhos semicerrados. Com um sinal de mãos que fez tilintar as várias correntes que trazia nos pulsos, mandou-a sentar-se indicando uma cadeira bamba junto à mesa coberta com diferentes panos, onde apoiou os cotovelos tendo a cabeça entre as mãos.

- Como se chama a moça?
- Milu – disse, quase pedindo desculpas.
- O que deseja a menina? – continuou perguntando com olhos semicerrados que Milu sentia como punhais penetrando-a.
- Saber meu futuro...
- Quer saber sobre amor, ou sobre ódio?
- Sobre amor.
- Se vai casar, ter filhos...?
- Sim.
- Vai casar, sim. Quer quantos filhos ?
- Dois... gêmeos.
- Tem alguma paixão ou traição a resolver? É amante de homem casado?
- Não... não... Deus me livre! – disse, benzendo-se.
- Só quer saber sobre seu futuro?
- É, sim senhora.

Uma luz vermelha acendeu-se como por encanto focando o rosto gordo e crispado da Madame, o que lhe conferiu aparência fantasmagórica e fez Milu arrependê-lo de ter vindo.

– Estou vendo... estou vendo... quanta confusão! Estou vendo um grande amor... é um homem belo e rico... muito rico... vai conhecer seu homem numa Igreja linda! Numa festa de casamento... espere aí... – e fechava os olhos com força como se assim enxergasse melhor – vejo uma mulher... uma rival perigosa... ela pode lhe destruir!...

De repente, abriu desmesuradamente os olhos, movendo-os em círculo, causando arrepios de medo em Milu, que se continha para não sair correndo. E continuou:

– Você tem muito que caminhar... é longo seu caminho. Vejo uma mansão... uma bela mansão na Cidade Alta... a moça está vestida de ouro... terá seus gêmeos... se eu conseguir afastar as pedras de seu caminho.

A Madame fixou o olhar em Milu e, apontando para a porta fechada, disse secamente:

– Volte em oito dias! Enquanto isso, vou lhe proteger.

Tropeçando na cadeira bamba, Milu saiu, trôpega, da escura sala. Vendo-a naquele estado Dete correu para ampará-la. A sobrinha da Madame esgueirou-se e saiu da sala, voltando em seguida.

– Devo alguma coisa? – perguntou Milu, num fio de voz.

– A tia vai precisar de cinquenta reais para os primeiros despachos...

– Mas eu não tenho esse dinheiro... – balbuciou Milu.

– Volte quando tiver... ou deixe como está e terá perdido a felicidade.

– Não! Pelo amor de Deus! Vou conseguir o dinheiro!

Mas... o que fazer? Não tinha a quem recorrer... como juntá-lo se não havia sobra? Tinha que dar um jeito!

Milu foi espaçando as idas à faculdade, economizando nas passagens. Calava a consciência dizendo-se não adiantar ir já que não aprendia mesmo; tentava prestar atenção, mas, quando percebia, estivera cochilando ou longe dali... Para colegas e professores, ela era como invisível... estava convencida de ter havido algum engano, talvez alguma troca de nome, quem sabe... por certo não passara no vestibular.

Assim, com a consciência adormecida por doses diárias de anestesia mental que se autoaplicava, Milu foi juntando o dinheiroinho, pensando em levá-lo à Madame e garantir a felicidade.

Certa noite, em mais uma noite insone, teve uma iluminação: “A igreja de que Madame falou só pode ser a Igreja São Joaquim, aqui perto!... Lá tem casamento de rico todo fim de semana... Meu Deus!!! Ela disse que tenho de caminhar... é lógico! Para a Igreja!!! Como não pensei nisso antes?!”

A partir daí Milu passou às providências: tinha que conseguir um traje adequado para comparecer aos casamentos grã-finos. Dete poderia emprestar-lhe aquela saia preta, justa – que nela, de tão folgada, pareceria franzida. Com o dinheirinho que juntara para a Madame, comprou, no camelô do Plano Inclinado, um cinto largo de elástico preto com enorme fivela dourada que parecia um “brasão de nobreza”, segundo Dete. Na Avenida Sete, comprou uma blusa vermelha de cetim que, ainda na opinião de Dete, deveria ter os botões de plástico trocados por botões dourados, comprando-os num armarinho da Rua Portugal, que deram à blusa uma aparência de “coisa boa”, como disse a amiga. Sapatos, não os tinha nem sobrara dinheiro: decidiu usar os velhos, marron-escuros, pensando: “Quem olha para os pés de ninguém? E se alguém olhar, vai pensar que são pretos, pois, como diz mainha, à noite, todos os gatos são pardos”. Faltava-lhe uma bolsa decente... Decidida a perseguir o objetivo, não desanimava ante qualquer dificuldade. Assim, deixando a vergonha de lado, dirigiu-se à única colega de sala que a cumprimentava, dizendo:

– Tenho um casamento para ir e não possuo uma bolsa adequada... você pode me emprestar alguma? Prometo que tomarei todo cuidado e devolverei logo!

– Vou ver... se tiver, trago amanhã.

No dia seguinte, a colega entregou-lhe, envolta em papel de seda, uma bolsa, toalete, em tecido preto e fios dourados, com alça e fêcho “de ouro” – assim lhe pareceu – dizendo:

– Pode ficar com ela; tenho outras, não vai me fazer falta.

Comovida, Milu agradeceu à colega quase desconhecida que se revelava Fada para ela. Aquela bolsa passou a ser seu tesouro, o que de mais valioso possuía. Meses depois, ao deixar em definitivo a faculdade, só dessa colega despediu-se, afirmando que jamais a esqueceria.

Munida dos apetrechos necessários, Milu passou a ser freqüentadora assídua dos casamentos grã-finos. Para não desconfiarem de suas intenções, disse no pensionato que eram casamentos de colegas ricos da faculdade, o que serviu de gozação para as amigas que, às escondidas, a chamavam de “Madrinha Mor”. O traje era sempre o mesmo, mas pensava: “Não importa; os convidados são sempre outros”.

Certa feita, ao cumprimentar os noivos, ouviu a mãe da noiva perguntar com desdém:

– Quem é essa aí?...

– Não conheço... deve ser convidada da família do noivo.

Ela gelou! Mas logo pensou: “Se a família do noivo perguntar a mesma coisa, pensarão que sou convidada da família da noiva, e ninguém vai me pedir comprovante de convite. É... casamento de rico é mesmo uma coisa democrática: vai quem quer e entre tantos você não precisa dizer quem é; come e bebe de graça, chega e sai a hora que quer... Como diz Caetano: “Sem lenço e sem documento, eu vou...”

Assim, Milu foi desenvolvendo em si as capacidades de humor, autoconsolo e determinação, chegando a filosofar com a própria ingenuidade. Além do mais, havia ainda outro ganho secundário: tirar a barriga da miséria já que, a cada fim de semana, banqueteara-se das iguarias mais finas nos casamentos ricos. Banqueteara-se sim, mas não perdia de vista seu objetivo, buscando com os olhos, em cada homem, aquele que seria o seu.

Ao voltar para casa no final de cada recepção, levava a barriga cheia; no braço, como talismã, a preciosa bolsa; e no coração, a esperança de, na próxima semana, quem sabe...

O tempo passou. Em meio aos casamentos que se repetiam, pouca coisa mudou na vida de Milu: tendo abandonado definitivamente a faculdade – antes, sentira-se abandonada por ela – teve que abrir mão da pequena mesada que recebia do pai e,

não querendo voltar para o interior – “como encontrar lá o meu príncipe, se lá só tem aquela capelinha micha onde casamento é coisa rara? Tenho que ficar aqui!” – aceitou um emprego de telefonista numa empresa, apresentada por Dete, onde preencheu logo a vaga ao dizer-se ex-universitária.

Um dia, quanto tempo depois nem ela mesma sabia, quando a saia de tanto pedir emprestada já se tornara sua – menos folgada porque engordara nos finos repastos –, quando a capa fixa dos velhos saltos se gastara e a blusa de cetim se esgarçara, quando o cinto elastecera e apenas a bolsa permanecia bela, quando Milu, cansada de guerra, antecipadamente pronta, se amarrotara, quando a esperança envelhecia... um dia... melhor dizendo, uma noite... a mulher de espírito guerreiro, fortalecida pela oração à Virgem Maria, a quem escolhera de antemão madrinha de casamento, deixando para trás a igreja e seus restos de festa, tombou, quase caindo, ao ter o salto gasto preso à ponta do tapete vermelho que encobria o chão.

Dois braços vigorosos a sustentaram. Atrapalhada, envergonhada, agradeceu ao terno escuro e gravata cinza à sua frente, só depois, passeando o olhar pela figura que os vestia... Achou-o elegante, gentil e belo, com cara de príncipe e castelo, o que desenfreou sua fantasia, deixando-a com olhar distante e cara de palerma. Um pensamento atravessou-lhe a mente: “Será este!?” Atencioso, ele ofereceu-se para acompanhá-la. Acordou do sonho ouvindo-se dizer:

- Não precisa... moro aqui perto.
  - Não vou deixá-la ir sozinha a essa hora.
  - Sou conhecida aqui na rua...
  - Aguarde-me um pouco, voltarei logo. E, sem esperar resposta, desapareceu pelo corredor, voltando logo em seguida.
  - Pronto! Podemos ir...
- Ela imaginou-se entrando num belo carro – ou carruagem?

– enquanto dizia, embevecida:

– Não precisa de carro... é tão perto!...

– Iremos caminhando...

Assim começou... O olhar de querer bem como quem o conhece há tempos prendeu no mistério de seu enredo o homem desavisado que a tocara. Nem príncipe, nem rico, nem belo, era um homem comum, gente do povo, trabalhador anônimo pelo pão de cada dia, leque de defeitos e virtudes como qualquer um, vestido com roupas que não eram suas, mas de sua função: funcionário do Cerimonial que organizara o casamento.

Casaram-se numa manhã de outono, bela apesar da chuva – “bênçãos da Madrinha”, assim ela sentiu – na Igreja São Joaquim, com flores, tapete vermelho e uma pequena recepção, presente de núpcias do Cerimonial “ao dedicado funcionário de tantos anos”. Ela, vestida de noiva, com véu e grinalda, substituíra a bolsa por ramallete de rosas perfumadas – tudo alugado pelos patrões e colegas de trabalho e de pensionato, que se cotizaram.

Nem mansão, nem carro, nem roupa dourada... Na casinha da Ribeira, Milu, filosofando, tira leite de pedras. Mas... “sem pedras, não seria monótona a vida sempre fofa?”



## O SÓTÃO

Isabel era uma menina de feições delicadas, cabelos longos e lisos, de reflexos acobreados ao sol. Nascera na mesma casa que a mãe. Casa grande e misteriosa, assim lhe parecia, com seus inúmeros cômodos distribuídos por dois andares, sem contar com o sótão, lugar onde ninguém ia. Tetê é que, munida de vassoura e espanador, de vez em quando subia a estreita escada de madeira, queixando-se de dores e resmungando, para faxinar o quartinho minúsculo, de uma janela só. Construído no desvão entre o forro e o telhado, tinha telhas de vidro por onde passavam os raios de sol ou de luar, quando havia, dando ao ambiente um ar festivo ou fantasmagórico, mistério que encantava a menina.

Sempre que Tetê ia lá, Isabel escalava escada acima, apesar da proibição da mãe que agourava uma queda que não acontecia. Tetê resmungava, mas bem que gostava da companhia, pois, ao menos, tinha quem lhe escutasse as queixas enquanto espanava as teias de aranha, sacudia o pó e dizia não saber “como pode ter tanta sujeira no céu?!” Polia com óleo a cama e a cadeirinha de ferro, únicos móveis no exíguo espaço, por mais que vovó lhe dissesse que não se passa óleo em ferro; ela desconsiderava a recomendação deixando-os melados e com cheiro artificial de limpeza.

Enquanto Tetê esfregava e falava, Isabel, acocorada no topo

da escada, espirrava com a poeira, mas não perdia de vista a dança das partículas suspensas no ar, iluminadas pela réstia de sol qual dançarinas sob holofotes. Ah! Ela dançava na imaginação! Daí, talvez, tenha nascido seu desejo de ser bailarina.

Deixamos a menina sonhadora no sótão, enquanto andamos pelo resto da casa: numa rua bucólica do Rio Vermelho, nas imediações do Largo da Mariquita, a casa de dois pavimentos era espaçosa e ventilada. Os fundos, voltados para a praia da qual se separava por alto muro que escondia o mar de areia, era particularmente agradável! Da sala de jantar, no primeiro pavimento que não era ao rés do chão – pilares sustinham a casa acima do chão, espaço onde se depositava lenha para o fogão, cordas, latas e outras velharias imprestáveis das quais não se desfaziam “para um caso de necessidade...” – da sala de jantar, repito, via-se o mar azul, bravio ou manso conforme o clima, e sempre negro à noite, apesar das franjas brancas que, à luz do poste, percebia-se, ou do tule prateado que o cobria nas noites de luar...

Adornada de móveis antigos e escuros em madeira de lei, traziam aplicações em metal dourado que, para Isabel, eram de ouro puro. Cortinas pesadas caíam como cascatas sobre o assoalho encerado, tapetes persas em cores quentes, apesar de desmaiadas pelo tempo e uso, estofados em *chantung*, vasos em alabastro, era tudo suntuoso e requintado!

Mas, de toda a casa, Isabel preferia o sótão, lugar proibido que a seduzia. Também gostava do quintal, cimentado e limpo, onde, nas horas vagas, Tetê, sentada no batente, abria a saia de chita cobrindo as pernas cruzadas e a punha no colo, e lhe contava histórias de escravos, de uma terra longínqua, dos costumes e sofrimentos de sua gente... – Tetê, nascida nas terras do seu bisavô e de idade indefinida, negra como um tição, era filha de escravos e não aprendera a ser livre.

Não sei se a casa fora construída ou comprada por seus avós

ao se casarem, só sei que ali moraram sempre. O avô morrera antes de Isabel nascer, e a avó nunca mais se alegrou. Tetê contava que, quando Isabel nasceu, vira a senhora rindo com a neta nos braços, mas não se sabe se isso era verdade, imaginação, ou pura mentira da boa Tetê, que tudo fazia, até mesmo mentir, para ver a menina feliz. Isabel lembrava-se da avó, não carrancuda, mas docemente triste. Silenciosa, parecia uma sombra pela casa, sempre de preto, mangas compridas e gola alta, no luto fechado pelo marido. Isabel só descobriu o quanto a amava quando a perdeu: passou a ser ela, então, a sombra da tristeza, escondendo no sótão a alegria de menina. Queria “usar luto fechado pela vovó, para o resto da vida!” E só com muito beijo melado e estalado, Tetê conseguiu fazê-la rir de novo. Dois anos depois, foi a vez de Tetê despedir-se e, com ela, o riso da menina!

Isabel refugiou-se no sótão: deitada na cama, ou debruçada à janela, o olhar no infinito, a menina perdia-se, para encontrar-se na fantasia... Recordava os momentos de ternura com cheiro de suor, nas dobras das saias de Tetê, suas histórias, seus resmungos que, mais que zanga, eram o jeito que sabia de dizer: “estou aqui!”

O telhado de vidro oferecia-lhe sempre o céu como cenário, ainda que variando o reposteiro conforme fizesse sol ou chuva. Os telhados dos casarios lá em baixo mudavam levemente de tons conforme fosse o sol ou a chuva que neles se derramasse; o silêncio e a solidão que ali reinavam eram propícios aos devaneios da menina.

O pai, ocupado em tempo integral com os muitos negócios, não tinha tempo para a filha e, quando a ela se dirigia, era para dizer-lhe que estava a trabalhar duro para lhe garantir o futuro. Isabel não entendia isso, mas também não perguntava, tímida que era.

A mãe herdara, talvez, o dom da sombra, ainda que sempre

bonita e perfumada. Sonhadora e distante, não ligava para a casa nem para a filha, que, na sua opinião, estava sempre bem, pois “nada lhe faltava.”

Faltavam-lhe, no entanto, raízes que a prendessem ao chão, à realidade. Não era em vão que a casa fora edificada acima do chão: ali, todos voavam! Naquela casa, ninguém pisava em terra, nem mesmo Tetê que andava descalça pelo quintal, pois este era cimentado; terra, ali, nem mesmo para escravo!

Refugiada no sótão, no alto, no imaginário, Isabel passava os dias, logo mais também as noites, sonhando, não só quando dormia... O sótão era agora sua camarinha, seu casulo, seu ninho. Dormia de janela aberta deixando entrar a brisa marinha que se misturava ao cheiro de urina, no urinol sob a cama.

A menina cresceu. Despediu-se das fantasias infantis e dos terrores noturnos – quando se enrodilhava em si mesma, com medo de raios e trovões sobre seu teto de vidro – para desejos de quase mulher. Ensimesmava-se em frente à janela, perdida no pôr do sol vermelho caindo lento, mas rapidamente, nas águas calmas do mar que se tingia de sangue, unido ao céu, no horizonte, recebendo sem tombos, como a um recém-nascido, o sol já velho no fim do dia ... Isabel chorava com o sol que partia como se saudades tivesse sem saber de quê, sem saber de quem... Logo mais, no escuro da noite, suspirava de nostalgia ante o céu estrelado como se de veludo negro fosse, bordado de diamantes. Estrelas caíam, pena que não na sua cama; ela fazia pedidos, esperava um príncipe.

Olhava os telhados pontilhados de pequenos pontos luminosos – espaços entre as telhas por onde a luz passava – imaginava histórias sob os telhados, amores sem dores, porque, na liberdade e onipotência de seu imaginário, tudo era bom! Nas manhãzinhas friorentas, imaginava-se princesa, embora vestida de normalista, desejando encontrar o homem dos sonhos na cal-

çada, ao atravessar a rua. Às vezes, em passos lentos, fazia o percurso para o colégio, dispensando o motorista: queria andar pela calçada larga à beira da praia, olhando as mulheres, mulher de pescador que, com o olhar espichado para o horizonte, buscava sinal de barco, seu homem que partira para o mar... e se alegrava com o olhar que voltava do longe, feliz por adivinhar o que os olhos não viam: cheiro do macho na maresia... Sorria para elas, às vezes até perguntava: “É ele?” e ia imaginando o reencontro, a alegria de barco cheio ou vazio, não importava tanto.

O tempo passara. Mulher feita, adquirira a mania de se imaginar dentro do que via de sua janela: com o olhar, acompanhava quem lá por baixo passava, vestia a pele de mulheres no enredo que lhe aprazia: foi amante, foi santa, foi rameira, foi mulher do povo, foi rainha...

Um dia, da sua janela no alto, viu passar lá embaixo uma negrinha. Ao que parecia, estava sendo molestada por filho de branco, o que muito a indignou! Lembrou-se de Tetê e de seus casos. A negrinha e o rapaz perderam-se na esquina; ela, na imaginação: viu-se negra, dormindo na rede com filho da Casa Grande, ensinando-o a fazer amor.

Certa manhã foi acordada pela voz cantante da baiana de acarajé, que mercava acaçá, cocada, abará... A voz preguiçosa no despertar do dia entrava com o sol sonolento que se espreguiçava nos primeiros raios, espichando, pela janela aberta e pelo teto de vidro, seus longos braços... Isabel, de olhos semi-abertos, não queria acordar por inteiro, preferindo sonhar embalada pela voz que mercava, até não mais ouvi-la, ao longe. Viu-se baiana de acarajé, batendo a massa branca com a colher de pau em enorme tacho, ao mesmo tempo em que seu homem, baiano preto ou mulato, abraçando-a por trás, amassava-lhe os peitos, e fungava em seu cangote suado; ali mesmo a derrubava no chão de cimento rachado; ela mexia as ancas, como com a colher de

pau mexera no tacho...

Na imaginação, Isabel foi todas as mulheres; só não foi ela mesma, nem mesmo sabia quem era ela, perdida nas quimeras!

Mas a necessidade bateu à porta da camarinha: Isabel espichou o olhar para além dos tetos e do mar, derramou no infinito o pranto e a dor... Isabel desceu. Pôs os pés na calçada, levando nas mãos a bolsa com documentos. Bateu em portas, descobriu-se pobre. O futuro que o pai lhe garantira era aquele? O nome de prestígio já não valia mais nada? A fortuna que fizera banqueiros curvarem-se não deixara soldos? Ninguém mais a reconhecia como a herdeira do sobrado!

Conseguiu um emprego: secretária do secretário do secretário numa empresa, no final da rua. Nas horas livres, voltava ao sótão, lugar do que restava de si. Um dia resolveu escrever o que via na imaginação; levou sua produção para o escritório, mostrou a uma colega de carteira. Esta gostou tanto do que leu que passou a outros os garranchos, despertando elogios, coisa que desconhecia. Tomou gosto, continuou escrevendo, até passou a receber encomendas. Às vezes, era solicitada a escrever uma carta, uma poesia de amor. Um dia, encomendaram-lhe uma carta, terminando um velho caso que, para o remetente, chegara ao fim: “Quero acabar com estilo e elegância”, dissera. E ela, que não se sabia de estilo nem elegante, era colocada nesse lugar pelos colegas que passaram a tratá-la com deferência. As coisas que escrevia – “produção literária”, para os mais letrados – deram-lhe respeito e fama, fama que chegou ao chefe, patrão de todos. Requisitada para secretária deste – que alegou precisar de alguém com tais dotes para responsabilizar-se por sua correspondência – passou a trabalhar em sala atapetada e de ar-condicionado. Seu salário subiu quase tanto quanto seus pés para o sótão, onde agora mergulhava com afinco nas “produções literárias”. Ali tinha seu manancial, mesa farta para sua fome!

Na invenção, encontrava o sabor que a deliciava, pois, da realidade, negava-se a provar: gosto amargo, muitas vezes; insosso, noutras; preferia imaginar! Adicionava às histórias pimenta, sal e açúcar a gosto, agradando ao mais exigente paladar!

Um dia, indo para o escritório, ela conheceu aquele a quem adornou de imaginário... Não era príncipe nem encantado, mas ela pensou amá-lo!

No sótão, de onde se via mar de telhado e de oceano azul... no sótão, de telhado de vidro por onde passava o céu para dentro e deixava ver estrelas caindo em vãos invisíveis, lua que se fazia colcha cobrindo-a no frio das madrugadas... no sótão, onde nascera para a fantasia, aprendera a magia, e quisera ficar... no sótão, ela viveu! Quase sem habitar a Terra.



## O CASAMENTO

Final de tarde. Após fazer as compras, dirigi-me ao estacionamento do *shopping*, entrei em meu carro, liguei o motor e comecei a sair, quando ouvi meu nome gritado com tão grande júbilo que, surpresa e assustada, retirei o pé da embreagem, provocando parada imediata do motor. Olhei na direção do grito e quem eu vi?...

– Carol!

– Ada!

– Meu Deus... que surpresa! Não acredito!

De imediato, saí do carro para abraçá-la e, entre exclamações, fomos nos acalmando e chegando à condição de iniciar um diálogo que, aliás, foi curto: trocávamos as informações mais importantes quando um carro atrás do meu – eu saíra com pressa, deixando a porta aberta – buzinou com tanta força e impaciência que me fez dar um salto – mais um! –. É que, após ter esperado civilizadamente que eu notasse minha incivilidade e desatravancasse o caminho, como eu nada percebesse, o civilizado motorista optou por um recurso menos civilizado, mas que funcionou para me fazer ver que uma pequena fila de carros já se formara atrás do meu. Eu e Carol, de repente, demo-nos conta da situação, e não houve tempo nem mesmo para despedidas. Do carro, eu gritei para ela: Juro que irei a seu casamento!

Dirigindo de volta à casa, retornei ao passado: eu e Carol fomos colegas por muitos anos, desde o primário – naquela época, assim se chamavam as séries iniciais – até o colegial; éramos inseparáveis na escola! Estudávamos juntas, saíamos juntas, compartilhávamos as emoções dos primeiros namoros, trocávamos confidências e cumplicidade, nos emprestavamos roupas, tínhamos penteados, idéias e sonhos semelhantes... A mudança da família de Carol para o Rio de Janeiro rompeu a grande intimidade, causando-nos pesar e saudades. Na despedida, muito choro e promessas de amizade eterna. Passado algum tempo, no entanto, em que amenizávamos as saudades com cartas e telefonemas, as notícias foram ficando mais esparsas, uma vez que a falta nunca é eterna. A partir daí, de vez em quando, em encontros casuais, um ou outro parente de Carol dava-me notícias gerais, despersonalizadas, tipo: “Vai bem”, “Está cursando a faculdade de Direito” etc., etc., até que, não mais sabendo dela, guardei-a na lembrança como alguém inesquecível, de uma fase inesquecível, e pronto! Classificada como tal, Carol ocupou seu lugar na prateleira dos imperecíveis e, como memória é, às vezes, porão cheio de pó pela falta de uso, lá a deixei e a esqueci.

O inesperado encontro, tantos anos depois, levou-me a, numa fração de segundo, entrar no porão e sacudir o pó, o que me fez relembrar ternos momentos daquela grande amizade.

Atravessando avenidas e parando em semáforos quase que de forma automática, eu tentava recompor o curto diálogo que tivéramos no rápido encontro. E pensava: “Acho que fui eu quem interrompeu a correspondência; como sou ingrata! Ah, mas vou retomar o fio da meada! Mas... no inesperado do encontro e na pressa da separação, não chegamos a trocar endereço ou telefone: como encontrá-la outra vez? Ela me disse que a família estava morando aqui há quase um ano; que ela chegara há mais ou menos um mês; que após a formatura em Direito fora

para a Itália fazer um curso de Direito Internacional; que conhe-  
cera, em Milão, o homem da sua vida com quem se casará na  
sexta-feira e logo voltará para a Europa, onde residirá. Comentei  
que sempre quis conhecer Milão e ela convidou-me a passar uns  
dias com eles; que ela deixará endereço, telefone e *email* para nos  
comunicarmos; pediu-me que vá a seu casamento; será às vinte  
horas de sexta-feira na igreja... na igreja... qual foi mesmo a igre-  
ja? Ah, já sei, na Igreja da Misericórdia, até que na hora lembrei:  
era a igreja onde eu queria me casar e na época não consegui. Ou  
é na Igreja da Conceição? Lá também eu pensei em me casar...  
E agora, meu Deus, qual é a igreja? Se eu não for ao casamento,  
adeus Carol, adeus Milão!... Não, deve ser mesmo a Igreja da  
Misericórdia”. E, não conseguindo tolerar a dúvida, decidi deci-  
dir que era mesmo na Misericórdia e não pensei mais nisso.

À noite, quando Paulo chegou do trabalho, encontrou-me  
num nível de excitação que chegava às raias do surto, e fui logo  
falando do feliz encontro com Carol.

– Você se lembra, Paulo, da Carol? Aquela amiga minha, já  
lhe falei dela, a minha melhor amiga que foi morar no Rio, daí  
foi para a Europa, lembra-se?

Mas Paulo não se lembrava! Desisti de fazê-lo recordar e  
anunciei:

– Não tem importância; a Carol casa-se na sexta-feira com  
um conde – ou cônsul? – e vai morar num castelo (?) em Milão!  
Ah, ela nos convidou a morar – ato falho – a passar uns dias com  
eles em Milão. É a chance de realizar meu grande sonho! Em três  
anos de casados, você nunca me levou à Europa... Mas, voltando  
ao que eu falava, o casamento será na sexta-feira às vinte horas  
na Igreja da Misericórdia (?). Ela nos convidou com tanta insis-  
tência que eu prometi que iríamos!

– Mas, Ada, eu não posso ir... na sexta-feira tenho reunião  
de trabalho – ponderou Paulo.

– Ah, Paulo, você não vai fazer essa desfeita! Será uma delicadeza muito grande com minha melhor amiga! Além do mais, será um grande casamento! (?) Não vamos perder uma festa dessas! Dê um jeito em seu trabalho, diga que na sexta-feira você vai adoecer ou qualquer coisa assim...

Convencido por meus argumentos – ou por não tolerar mais minha insistência –, Paulo capitulou e garantiu-me que daria um jeito.

Vencida essa batalha, dediquei-me a ganhar a guerra: tomei as providências! Aluguei para mim um vestido longo, maravilhoso, em azul-prateado; sapatos, eu os tinha, do meu enxoval de três anos atrás e que, apesar de saltos muito altos e incômodo bico fino, dava para quebrar o galho. Usaria minha bolsa parisiense, de pedrarias, comprada por uma amiga que esteve em Paris, na *Galeria Lafayette*. O resto seria cabeleireiro e maquiador, e estaria pronta com o último retoque: uma generosa borrifada de perfume francês. – Olha que, para tanto, gastaria todo o meu salário.... “Ah, não vou ser mesquinha, a importância da festa justifica tudo e, além do mais, será meu passaporte para Milão!” – pensei.

Paulo iria com o terno do nosso casamento; teria apenas que engraxar seus sapatos e, se muito, comprar-lhe uma gravata nova.

Com tantas preocupações na cabeça, os três dias que antecederam ao grande evento passaram como num *vupt!*

Finalmente, a sexta-feira! Passei o dia no salão. Terminado o serviço de metamorfose, paguei, satisfeita, até o último centavo do meu minguado salário – “Que vergonha! Carol é que é feliz!”

Paulo chegou com atraso; eu já estava em pânico. Enquanto ele se barbeava, partilhando do mesmo espelho, fui colocar as lentes de contato. Ai, meu Deus! Que horror!... Uma lente

desprende-se da ponta do meu dedo e caiu, desaparecendo na água de espuma de barba, indo para o ralo da pia... Eu queria chorar, mas me segurei para não borrar a maquiagem. O que não consegui segurar foi a raiva que descarreguei em Paulo:

– Você tinha de abrir a torneira justo agora?

Consternado, Paulo sugeriu que eu fosse só com uma lente.

– Considero impensável essa hipótese!... – vociferei – Você se lembra da vez que fiz isso, a dor de cabeça que senti?! Não, não vou repetir essa desastrosa experiência... antes ir cega, que louca!

Paulo, pacientemente, fez outra sugestão:

– Ada, minha querida, ponha os óculos! Eles lhe dão um ar de intelectual e...

– Ah, Paulo, você não me ama! Por que razão vou querer parecer intelectual no casamento de minha melhor amiga que, além de intelectual, é linda também?... Esses óculos são uma cangalha, deixam-me horrorosa e com cara de sua mãe!

Ante o quê, para não mexer na (...) do Édipo, Paulo decidiu calar-se e terminar a barba. Não tendo mais com quem degladiar, e percebendo que o tempo voava, engoli o resto da raiva e optei por ir cega mesmo – ou quase!

Com tantas peripécias, não é de admirar que tenhamos chegado com atraso. O estacionamento estava lotado – o que reforçou minha certeza de sucesso do evento –, obrigando-nos a perder mais tempo. Finalmente, adentramos na Igreja da Misericórdia...

A cerimônia do casamento já terminara e os convidados estavam se encaminhando, apressados e, ao que parecia, famintos também, ao salão de recepção onde os noivos recebiam os cumprimentos. Eu e Paulo fomos quase arrastados na força da grã-fina massa e, ao divisar o salão – eu não divisei coisa alguma – Paulo o percebeu já de mesas lotadas, o que nos prometia ficar

de pé na recepção. Com os pés apertados naqueles sapatos, nem pensar!

Sugeri a Paulo deixar-me na fila de cumprimentos e ir garantir lugar para nós dois; mais tarde, teríamos oportunidade de conversar com os noivos... Impacientei-me com a lentidão da fila mas, finalmente, vi-me abraçando, efusivamente, minha melhor amiga e seu cônsul, ou príncipe italiano. No lusco-fusco da miopia, vacilei na cor dos cabelos da noiva, mas pensei: “Deve ser o múltiplo véu”. O noivo não me pareceu loiro e lindo como imagino ser um europeu, mais parecia baiano curtido ao sol tropical... Mas, “deve ser minha miopia que confunde tudo”. Abracei Carol (?) enquanto sussurrava-lhe ao ouvido: “Não lhe disse que viria?” Senti-a fria e estranha, com um olhar que não vi, mas adivinhei que dizia: “Quem é essa?” Sem correspondência ao meu efusivo abraço, sai às apalpadelas em meio aos *flashes*, em direção ao som, com a esperança de encontrar espaço onde descansar meus doloridos pés, já que procurar por Paulo em meio à multidão de rostos indistintos, pareceu-me tarefa impossível.

Encontrei espaço, sim, não só para os pés mas para toda a grotesca massa do corpo! É que, sem ver – isso não era mais novidade –, prendi o salto fino num emaranhado de fios dos aparelhos de som e, sem nenhuma elegância, caí de quatro no chão! – Por que será que a experiência de quedas anteriores nunca nos ensina a cair melhor? – Senti a minha linda bolsa parisiense desprender-se de meu braço e perder-se à distância, enquanto eu, infeliz, não podia fugir... Alguns cavalheiros tentaram socorrer-me, mas foram os braços de Paulo que me levantaram. Ele ergueu-me, mas permaneci de cabeça baixa. – O que não me impediu de adivinhar o riso ao redor... – Renunciando a encontrar a bolsa, agarrei-me ao braço de Paulo e ao que me restava de dignidade, e saí.

Lá fora, chorei livremente... Adeus, Carol! Adeus Milão!

Em casa, de cara lavada e óculos, recuperada a visão, perguntei-me: Será que aquele foi mesmo o casamento de Carol? Será que aquele era mesmo o noivo europeu? Será que a igreja era mesmo aquela? Será que Carol é mesmo a minha melhor amiga? Será que vale a pena não enxergar?



## UM ESTRANHO ENCONTRO

Ela se pintava frente ao espelho... Uma pasta branca cobria-lhe a cara, realçando os olhos grandes e castanhos, de cílios longos e curvos. Naturalmente belos, serviriam de miolo para a flor que agora desenhava em cada olho, tendo o nariz verde como talo. A boca, de lábios carnudos e sensuais, seria logo mais exageradamente verde, em formato de folha, compondo o painel primaveril que se tornaria a face.

Binha, assim conhecida por todos, tinha um nome esquisito e feio que a envergonhava, fazendo-a adotar o apelido que, se não bonito, era apenas um apelido. A ninguém dizia o verdadeiro nome, ocultando-o de todos como a um segredo.

Naquela tarde, apesar de fantasiada de palhaço, teria flores no rosto, solicitação da anfitriã que contratara o serviço para o aniversário da filhinha que completava cinco anos.

Filha mais velha numa família humilde, Binha formara-se professora na pequena cidade onde morava, distante da capital. No horizonte estreito da cidadezinha, Binha alargou o olhar enxergando mais longe... Vencendo a resistência dos pais, a falta de dinheiro, as saudades da família, colocou a esperança na frente, mudando-se para Salvador. Trazia, além das poucas roupas de qualidade inferior, a promessa de emprego numa escolinha de bairro. Com os poucos trocados que amealhara entre os paren-

tes, alugou um quartinho nos fundos de uma casa humilde, próxima à escola. Para matar a fome não precisava pagar, alimentando-se de migalhas, restos de merenda das crianças a quem ensinava o bê-a-bá. O que de vazio ficava na barriga, satisfazia-o à noite, pois passara a sonhar com mesa farta e guloseimas, comendo, comendo, até acordar... com fome!

O desejo de vencer superava toda dificuldade, deixando-a atenta a qualquer oportunidade. Assim é que, acompanhando uma colega que se inscrevia para um vestibular na Universidade Federal, resolveu, ali, sem pensar, inscrever-se também. Estudava até a madrugada em apostilas velhas e emprestadas, desfazendo dúvidas com a colega que freqüentava cursinho. Ela foi aprovada, enquanto a colega...

Adepta do princípio de nunca desistir sem tentar, Binha exercia a auto-confiança, sendo bem sucedida em tudo que demandava inteligência e esforço.

Atualmente, mestra em educação, ensinava em faculdade, fazia palestras, escrevia artigos, mas, para melhorar o orçamento que ainda era magro – ajudava à família no interior –, permaneceu trabalhando em fins de semana para uma casa de eventos, como animadora de festas infantis. Morava bem, em bairro nobre, num *flat* alugado; seu grande sonho era ganhar o suficiente para comprá-lo. Gostava do espaço exíguo, mas bem dividido, do lugar para cada coisa, das poucas coisas que tinha. Não era estróina, acostumada que fora ao pouco e necessário. Trabalhava muito, tinha poucos amigos, pouca diversão – raramente ia ao cinema ou à praia. Festas, só a trabalho.

Naquele dia, enquanto se pintava, Binha pensava no que lhe dissera um colega: “Você é tão bonita! Nunca a vi com namorado e, embora eu faça tudo para seduzi-la, você nem me percebe... Se algum dia resolver se casar, lembre-se que sou o primeiro da fila!” Falara em tom de gracejo, mas, ao mesmo

tempo, sério. Ela sentira-se enrubescer e com um riso amarelo se despedira, não sabendo nem mesmo fingir entrar na brincadeira. Agora, sem querer, o assunto se impunha, insistindo em permanecer na tela do consciente, sem saber deletá-lo. Por conta disso, talvez, tremia-lhe o pincel na mão, desenhando flor tremida como se com frio, na tarde quente.

Com vinte e sete anos, jamais tivera um namorado! Além do rápido beijo que um menino lhe roubara na escola, há tanto tempo, o que rendeu para ele três dias de suspensão, jamais fora beijada; abraço, só de amigo; carícia, só de brisa... Às vezes sentia-se tomada de desejos diante de cenas eróticas, ou em sonhos dos quais acordava suada e mal-humorada. Esses pensamentos a deixavam inquieta. Naquele momento, teve um *insight*: em relação a afetos, agia diferentemente do que em tudo o mais: não se lançava, ao contrário, resguardava-se, não se dava oportunidade, desistia sem tentar... Era como se receasse amar! Sabia-se bonita e atraente, aprendera a bem vestir-se e se apresentar; arrumava-se para mostrar-se e ser admirada, como peça preciosa em vitrine, mas que não se pode pegar.

A imagem no espelho não lhe agradou; com um muxoxo, despediu-se da imagem. Agora era amarrar, na cintura e no busto, os recheios de espuma que a deixariam gorda que nem bola, ocultando suas formas esguias e belas. Por último, além do macacão de chita cheio de babados e fitas, a peruca de palhaço, em tiras coloridas de retalhos rasgados. Uma última conferida no espelho antes de descer pelo elevador de serviço que, por sorte, estava em seu andar. – O interfone avisara que o carro do cerimonial a aguardava.

Já passava das vinte horas quando voltou para casa. Cansada dos folguedos e gritaria da criançada, suada e sentindo a tinta escorrer pelo pescoço, subiu de elevador, felizmente vazio. Desatava da cintura a chave da casa quando o elevador parou;

ela saiu e... abriu a porta. Estranhou o ambiente arrumado e fracamente iluminado... lembrava-se de o ter deixado bagunçado, com livros no sofá e papéis sobre a mesa. Na pressa, entrou sem pensar, fechou com o pé a porta que bateu estridente. Dispunha-se a tirar o macacão com peruca e tudo, quando dois braços peludos e fortes a abraçaram por trás. Um grito saiu-lhe fácil da garganta como se ali estivesse de prontidão; o coração, disparado, ameaçava sair-lhe pela boca verde, folha que murchara no decorrer da tarde... Ela tentou ver o invasor, mas a volumosa peruca que se enviesara no calor da refrega a impediu. Uma voz masculina, num sotaque estranho, dizia: “Não adianta... sei que é você!” Um pedaço de espuma despreendeu-se-lhe da cintura indo parar na perna folgada do macacão amarrado no tornozelo, deixando-a mais cômica que qualquer gracejo. Finalmente, conseguiu tirar do abraço uma mão, com a qual arrancou a peruca... Cabelos longos, lisos e escuros, caíram sobre os ombros, melando-se na tinta derretida que a desfigurava. À vista dos cabelos, ele soltou-a de imediato, afastando-se e deixando-a livre para voltar-se e vê-lo face a face. “Quem é você? O que faz em minha casa?”, ela vociferou. “Vou chamar a polícia agora mesmo!” Surpreendeu-a a passividade do *ladrão* que, balançando a cabeça, sentou-se no sofá, em silêncio. Seu olhar revelava nada entender. Esperou mansamente que ela desse alarme ao porteiro a quem pediu providências, imóvel sob o olhar de policial com que ela o algemava. Assim ficaram algum tempo: ela, assustada e morrendo de medo diante do dócil meliante; ele, incrédulo ante a palhaça à sua frente.

Após poucos minutos que lhe pareceram eternos, ele desatou a gargalhar sem controle, olhando-a entre lágrimas hilárias. O comportamento do *psicopata* – agora, mais assustada, o diagnosticava louco – deixou-a mais medrosa, imaginando atrocidades. Sem coragem de mexer-se para pegar a peixeira na cozinha,

mais abria os olhos e tremia, enquanto ele gargalhava.

Uma sirene lá em baixo anunciou a chegada da polícia, não mudando em nada a conduta do *assassino*. O prédio já devia estar cercado, ela imaginava, mas a polícia não chegava cá em cima... O medo a paralisava!

Finalmente, conseguindo controlar o riso, o homem falou: “A senhora, seja quem for, invadiu meu *flat*... e isso aqui não é circo!” – o riso ameaçava voltar...

De alguma forma ela percebeu naquele instante que o apartamento não era o seu! A tremedeira, antes contida, correu livre na musculatura tensa que arriou, fazendo-a cair feito bola no chão! Os enchimentos da fantasia amorteceram o tombo, num *ploft* cômico que desatou de novo as gargalhadas do desconhecido.

A polícia não chegava, mas o bom senso chegou: envergonhada ela levantou-se, pedindo desculpas ao estranho que, finalmente sério, ajudou-a a recompor-se. A tinta derretida na fisionomia patética seria tragicômica se não fosse nela... Solícito, ele voltou lá de dentro trazendo uma toalha molhada: ela limpou a cara, devolvendo-a manchada. Agradeceu, pediu desculpas mais uma vez e, sem coragem para explicações, saiu, sustentando os enchimentos que ameaçavam cair.

É lógico que não dormiu àquela noite... tinha raiva de si! Encontrara seu apartamento de pernas para o ar – mais do que o deixara – após a revista que os policiais fizeram, procurando, em espaço tão exíguo, o invasor e a moradora, ambos ausentes... Não os tendo encontrado, nem a qualquer sinal de arrombamento ou violência, saíram ameaçando o porteiro pelo que consideravam ter sido um trote...

Na madrugada, uma pergunta não lhe saía da cabeça: afinal, quem era o gringo do oitavo? Culpava-se pela distração em ter saltado no andar errado, culpava o proprietário do prédio

pela chave que abria mais de uma porta, sentia-se insegura sabendo-se não mais trancada em sua própria casa...

No dia seguinte, pela manhã, antes de sair, providenciou mudar o miolo da fechadura, garantindo a segurança necessária. Ao voltar à noite, tomou uma ducha morna e vestiu uma camisola transparente; deixou os cabelos lavados escorrendo sobre os ombros e foi à cozinha fazer um lanche. Boca cheia de sanduíche, um toque na campainha... Com goles de guaraná empurrou a massa goela abaixo, arrotando antes de abrir a porta. A primeira coisa que viu foi o matizado das flores num belo ramalhete, entre papel celofane e fitas... Levantando o olhar surpreso, deparou-se com o meliante, melhor dizendo, o gringo do oitavo.

Neurônios paralisados, ficou com cara de palerma enquanto ocultava, atrás da porta entreaberta, a transparência doméstica, com a cabeça espiando pela fresta... Ele educadamente esperou. Sem saber o que fazer, balbuciou “Um momento, por favor” e, deixando a porta entreaberta, correu ao quarto de onde voltou com um *robe* fino sobre os ombros que, mais que compor, deixou em evidência as belas formas sumariamente veladas...

Ele estendeu-lhe as flores enquanto dizia, com sotaque germânico: “Meu pedido de desculpa por tê-la confundido com alguém... e tê-la abraçado... só ao ver seus cabelos é que percebi o engano...”

Ela deslumbrou-se! Visto sob outro ângulo, ele era lindo!... E educado!... Atrapalhou-se com as flores: por nunca as ter recebido de alguém e por nunca as ter comprado, não tinha um vaso para pô-las... O pensamento atabalhoado, querendo ser prático, sugeria-lhe o caldeirão esmaltado, mas... sem solução, deixou-as na embalagem, sobre a mesa, murchando lentamente enquanto conversavam. Inicialmente, por monossílabos, envergonhados; logo mais, entre risos e explicações. Ao despedir-se, horas de-

pois, já se sentiam amigos e à vontade.

Aquela foi mais uma noite insone para a, dessa vez, apaixonada Binha! Repassava mentalmente o conversado, revia o homem lindo em que se tornara o ladrão de antes... Olhos azuis, claros como dois diamantes; pele clara como leite, ligeiramente avermelhada pelo sol baiano; cabelos loiros e ralos ameaçando calvície... aquela voz cálida e embolada na pronúncia difícil do baianês... E o que ele dizia, meu Deus!... Contara que rompera uma relação e se mudara para o *flat* há cerca de três meses – como não tinham se encontrado antes? – A ex-namorada usava de artimanhas para reatar; assim, quando viu aquela palhaça na sala, que entrara sem bater, imaginou ser ela, a ex. Decidira logo entrar na brincadeira pois, apesar de não ter fantasia de namorar palhaça, quem sabe, poderia ser interessante... – dissera, com um sorriso divertido.

Agora, doente de ciúmes, Binha imaginava a rival loira, querendo vê-la bem longe!

Como ele afastou a insistente ex, ela não soube, o certo é que passaram a encontrar-se na portaria, no elevador, na garagem... Marcaram uma ida à praia, onde descobriram que se divertiam juntos. Hans – esse era o nome do alemão, engenheiro químico provisoriamente trabalhando no Brasil; o segundo nome era tão difícil que Binha desistiu de pronunciar-lo – revelava-se mais que cortês, encantado! Barzinhos na orla, cinemas, pôr do sol na Barra, jantares, até que...

Binha descobria o sabor, o cheiro, o toque do amor e, com ele, a alegria de viver! Nada sabia de seu futuro, se baiano ou germânico seria o amanhã... só sabia que o hoje era delicioso na mistura de raças, de idiomas, de desejos.

Tão estranho era ele aos parâmetros brasileiros que ela contou-lhe seu segredo: sem pejo, revelou-lhe seu nome verdadeiro, que ele tentou repetir sem sucesso, como ela, o dele. Com um

beijo, ela fechou-lhe a boca, selando, contente, o silêncio sobre o segredo.



## CAÇA AO LADRÃO

Era um prédio pequeno de três andares, escadaria em madeira torneada, teto alto, trabalhado com miosótis em gesso formando guirlandas, paredes em lambris, estátuas em pedra-sabão espalhadas pelos vãos, lustres antigos com pingentes de cristal que, por não terem reposição, remendavam-se aqui e acolá com vidro barato e sem brilho. Era como se, na profusão de ornatos e mau gosto, estilo rococó, o pequeno prédio tentasse sobreviver em meio à geração moderna de edifícios que ofereciam elevador, central de gás e salão para tudo que se imaginasse. Nessa competição desleal, lá estava ele, candidato certo à demolição.

Os moradores do prédio viviam quase como em família. Nos aniversários, visitavam-se sem esperar convites, nas enxaquecas, apresentavam-se com receitas e recomendações infalíveis – afinal, de médico todos temos um pouco. Era comum a troca de bandejas, cada um sabia da vida do outro e todos se vigiavam mutuamente.

Vagando um apartamento no térreo, um dos moradores do primeiro andar pediu logo a preferência para um irmão que iria se casar. Contrato firmado, todos deram opiniões e uma mãozinha na arrumação do que seria essencial para o casal chegar e sentir-se em casa. Casavam-se numa cidadezinha próxima onde a noiva morava, e viriam logo após a cerimônia para o lar-doce-

lar, que seria agraciado com a noite de núpcias e, ao que se esperava, três ou quatro dias de lua-de-mel, findos os quais, os vizinhos já se programavam para visitas de auto-apresentação, boas-vindas e oferecimento de préstimos. O irmão, providente, abastecera a dispensa com mantimentos suficientes para os primeiros dias.

E ficaram, todos, na expectativa...

Da chegada ninguém soube o momento, porque um atraso os obrigou a chegar no frio da madrugada. No dia seguinte, curiosos e bondosamente maldosos, ao se cruzarem nas escadarias os vizinhos trocavam idéias do que imaginavam estar acontecendo naquelas quatro paredes. De certa forma, até as crianças adivinhavam o clima de mistério que rondava o apartamento térreo e, quando não vistas, procuravam, aos bandos, espiar ou escutar pelas frestas o que não viam nem ouviam, pois o fechamento era hermético e o silêncio, absoluto.

Nesse clima de suspense, passaram-se os quatro dias que os moradores, de comum acordo, tinham determinado para a lua-de-mel, mas findou o quinto dia e tudo continuava no mesmo, apesar de um vizinho ou outro, de audição mais aguçada, afirmar que ouvira gemidos abafados, entrecortados, no silêncio das madrugadas, ou o rangido de molas – ainda que o colchão fosse de espuma – nos fins de tardes, o que comprovava que estavam vivos, bem vivos.

A expectativa crescia a cada manhã, e a frustração a cada noite, ante janelas e portas que se mantinham fechadas.

Finalmente, já a quase completar-se uma semana, no crepúsculo, ouviu-se gritos: “José...!!! Socorro!!! Josééé...” Era o noivo chamando o irmão que morava em cima. Os gritos assustaram não só ao José que acabara de chegar do trabalho, como também a todos os moradores que acorreram às janelas e portas buscando o significado. O noivo, em pânico, avisava: “Tem

ladrão aqui!!!” Trancados no quarto, gritavam para o exterior, agarrados feito galhos de trepadeira um ao outro, e tremendo como varas verdes sem se apoiarem mutuamente.

Ante tal perigo, o prédio inteiro entrou em polvorosa: homens com garrucha, espingarda ou qualquer outra arma que tinham em casa apresentaram-se quase ao mesmo tempo como exército em ordem unida. Entre gritos de: “Calma!”, “Eu vigio essa porta!”, “Cuidado com os fundos!”, e outras parafernálias, alguém de bom-senso sugeriu chamar a polícia, o que foi feito, enquanto todos aguardavam a postos. A polícia chegou armada, mulheres gritavam e puxavam as crianças para dentro de casa, já chorando a possível viuvez com uma bala perdida...

A polícia tomou o comando da ação, disposta a levar almeado o meliante, vivo ou morto. Estrategicamente se espalhou pelo prédio e tentou iniciar um acordo com o assaltante que, no entanto, nada respondia. A polícia fazia ameaças, os moradores davam palpites, as crianças furavam o cerco espiando pelas janelas, os recém-casados tiritavam de medo, e o ladrão não reagia... Chegando ao limite da paciência, a polícia decidiu arrombar a porta dos fundos, todo o prédio cercado por policiais para impedir a fuga.

Arrombada a porta, vistoria no apartamento cômodo a cômodo, sob as camas, dentro de armários, nas paredes, como buscando aranhas e... nada encontraram. Avisado, o casalzinho destrancou a porta e, de uma vez só, sem apresentações ou salamaleques, todos ficaram conhecendo o que restava dos novos vizinhos: um jovem *quase*; – porque tudo nele era quase: quase imberbe, quase transparente, quase homem, pedindo mais colo que responsabilidade – e ela, com pés ainda na meninice, despontando em seios de mulher. Enrolados em toalhas, apanhados que foram de surpresa em sua nudez nupcial, de tanto se darem um ao outro, pouco sobrou de ambos. De grandes, só tinham os

olhos arregalados e as bocas amarfanhadas e secas como folhas que árvore descarta...

Ânimos serenados e noivos vestidos, polícia e vizinhos queriam entender o que se passara. Mas as *quase* crianças também não tinham explicação. Contaram que, ao sair a noiva do quarto para ir à cozinha beber água, deparou-se com um vulto frente à porta entreaberta do sanitário social. No olhar apressado, em um corpo extenuado e cabeça povoada por fantasias, sabe-se lá o que a coitada pensou... O certo é que, apavorada, correu de volta para o quarto, dando ao garoto desavisado a notícia de que vira um ladrão. Trancaram-se no quarto e gritaram... O resto, todos já sabiam.

A polícia, com seu saber técnico, reconstituiu os fatos e chegou ao laudo óbvio : “A jovem assustou-se com a própria sombra, refletida no espelho”.

O fato foi largamente comentado pelos vizinhos e motivo de galhofas por muito tempo até que, talvez, para restaurar a auto-estima, o jovem casal resolveu abrir mão das “vantagens” da moradia e construir seu lar-doce-lar em outras paragens.

Que a auto-imagem assusta, às vezes, isso se sabe, mas daí a chamar a polícia, é demais !



## A CARÊNCIA FECUNDA

Era imponente a mansão!... Qual árvore plantada em terra fértil, parecia ter ali nascido, tão natural e adequada sua presença em meio ao campo verde que a cercava. A grama aveludada, como epiderme que revestisse a terra, transpirava o húmus que a tonificava, deixando exalar no ar morno o cheiro verde de seu suor. Vista à distância, percebia-se como tufos esparsos os canteiros artisticamente plantados sem que se pudesse determinar qual deles o mais belo, já que a beleza tão profusamente se deramara por toda a extensão. Trechos havia só de árvores, estando o chão riscado por trilhas sugestivas de caminhadas à sombra, no silêncio quebrado pelo estalar de folhas secas aos pés, forma generosa de dar boas-vindas.

Apesar do requinte que caracterizava o local, flores silvestres não se intimidavam em conviver com plantas de estufa, flores elegantes como se fossem damas freqüentadoras de salões; ao contrário, na confiança dos humildes, elas se imiscuíam por entre as outras e, de braços dados entre si e em grupos, mostravam-se sem o pudor dos refinados. Em trajes simples de camponesas apresentavam-se nos azuis, amarelos, lilases e brancos de todos os dias, aventais de corolas enodoadas de marrom presas às cinturas delgadas que, ao sopro suave da brisa, dobravam-se fácil e graciosamente, acostumadas que estavam a olhar o chão...

Eram estas, precisamente estas, as que mais lhe enterneciam o coração! Quem sabe fosse uma questão de identificação, um traço de intimidade, um parentesco, talvez, pois, apesar de ser a dona de tudo aquilo, era humilde a sua origem e simples o seu jeito de ser.

É provável que já tivesse nascido amante do belo; desde sempre apreciara a beleza demonstrando possuir faro em identificar seus sinais no banal e corriqueiro, em coisas simples onde geralmente não se repara. Hoje gastava fortunas para tê-la a seu redor, mas sempre soube depender da sensibilidade ou possuí-la. Comprava objetos e serviços, pagava por comodidades, trocava dinheiro por coisas, mas *sabia* que o belo não se compra: ou o *temos* na alma, ou não o vislumbramos jamais!

Denise gostava de remoer sua história. Talvez não por motivos narcisistas, talvez fosse, antes, movida pelo desejo de guardar a sabedoria que a vida ensina, não deixar de degustar o sabor das coisas ou, ainda, por não dispor de sabor mais refinado que os do passado. É... talvez fosse mesmo o ensimesmar-se uma questão de carência! Mas, de qualquer forma, descobrira que, às vezes, só no depois a verdade se revela, daí a mania do “requeantar” os fatos, coisa que aprendera com a mãe. Esta, ao chegar do trabalho à noite, requeantava o almoço para, com a filha, degustarem como jantar o alimento que fora preparado de manhã cedo antes de sair para o hospital. Nessas ocasiões de todos os dias, quiçá para disfarçar o que de penosa tinha a situação, ela dizia: “O alimento requeantado é mais gostoso, filha, fica mais depurado o sabor!”. O comentário, em tom de diversão e velada queixa, soava como sabedoria aos ouvidos da menina que passava todo o dia esperando por aquele momento, o retorno da mãe... Daí o gosto pelo “requeantar” também os fatos. Introspectiva, vivia em contemplação interior, necessitando sempre de um exterior harmônico onde o belo pudesse refletir-se. Com

freqüência, perdia-se em si e... naquele paraíso onde vivia em meio à cidade, mas fatalmente afastada de todos!

Confortavelmente sentada em elegante cadeira de jardim, tendo sobre a cabeça – o que a impedia de ver o céu – a folhagem dançante de uma cerejeira secular, Denise distraidamente lia pela terceira vez o mesmo livro, há pouco apanhado na biblioteca sem pensar e sem escolha, no acaso que guiou a mão indecisa. A vontade era ter uma vontade, desejar alguma coisa, porque no vazio do desejo era difícil viver! Vontade de nada, mas, onde comprar o nada para se satisfazer?

O livro pesava-lhe nas mãos sem partilhar com ela seu conteúdo, no passeio desinteressado por suas linhas... Fechou-o; sob o colo ele pesava menos sem ter que fingir estar sendo lido. Espichou o pescoço buscando o céu lá no alto, para além da folhagem que, indiferente a ela e à sua agonia silenciosa, dançava sem cansar, conduzida pela brisa que a convidara a valsar. Procurou distrair-se com a “dança” da árvore: pareceu-lhe ser valsa mesmo o que dançavam, passos largos em ritmo lento estando a “dama” frouxamente cingida pelo vento. Sem que se desse conta, a imaginação levou-a ao passado, ao tempo em que fora bela, jovem e amada! Aquele baile... aquela valsa que ela não soubera dançar e que ele quase a carregou, voluteando no ar...

Uma doméstica fardada e de gorro engomado, descendo o pequeno declive que separava o jardim da mansão, veio, em silêncio de fantasma, até a patroa que, perdida no passado, recostara-se de todo na cadeira mágica que se transformara em espreguiçadeira. Olhando-a de perto, titubeou a moça na incerteza de chamá-la, ao perceber-lhe nos olhos fechados um par de lágrimas, restinho talvez que se guardara com lembranças e agora ameaçava derramar-se nas faces que não eram mais jovens. Mas, como se o próprio ar lhe segredasse a presença de alguém, Denise abriu os belos olhos marejados que poderiam, assim, es-

tar pela claridade da manhã outonal. Sem decifrar o enigma das lágrimas, a moça avisou:

– Senhora, está aí o senhor Thomas... ele pergunta se a senhora pode recebê-lo.

– Avise-o que estou indo e que me aguarde no escritório, por favor.

A empregada afastou-se, enquanto ela, recolhendo da mente as últimas recordações, arrumou-as com cuidado em fila, dando-lhes tempo para que retornassem a seus lugares preservadas de arranhões de última hora, intactas e inteiras, pois, por certo, seriam convocadas mais tarde e daqui a dez anos...

Sem dificuldade e com o livro desnecessário na mão, subiu a ladeirinha em pedras brancas entremeadas de grama, mas subiu devagar: sabia do que se tratava, nenhuma novidade a instigá-la. Há mais de duas décadas – o que lhe fazia parecer que desde sempre –, o Sr. Thomas cuidava de seus bens. Com competência e confiabilidade, era advogado e administrador de sua fortuna, fortuna que ela nada fizera para adquirir nem tão pouco para manter; tivera apenas que, na época, confiar nas boas informações que lhe foram dadas sobre aquele senhor e entregar-lhe uma procuração. A administração sempre fora bem sucedida, jamais tendo que alterar-lhe qualquer decisão. Talvez por falta de necessidade, talvez por puro comodismo ou falta de condição, nunca teve que fiscalizá-lo ou quebrar a cabeça em busca de soluções. Tranqüilizava-a recompensá-lo com um régio salário, pois jamais conseguira fazê-lo amigo: uma cerimônia que lhe parecia fria, permeava a relação profissional com o homem de sangue inglês que parecia não ter emoções. Há tanto tempo ele trabalhava para ela e nem sequer conseguira conhecer-lhe a família; sabia apenas que tinha mulher e filhos.

Horas depois, após ter ouvido o homem em sua usual prestação de contas e ter dado alguns telefonemas sem importân-

cia, estava ela outra vez tendo que haver-se com a ociosidade e apatia. Voltou ao jardim, mas o tempo havia mudado: nuvens cinzentas manchavam o céu antes limpo, qual lixo que se espalha levado pelo vento... A copa das árvores não mais valsavam, agitadas que eram pelo redemoinho que, após soprar a poeira do chão, subia nos troncos e trepava nos galhos, assanhando-lhes a cabeleira verde-amarela que oscilava. Denise gostava de temporal, desde que estando dentro de casa e agasalhada; não sabia porque, mas sempre que chovia sentia frio e desejava tomar chá quente com biscoitos amanteigados e bolos glaçados, requintes que não conhecera quando menina. Voltou para dentro; sem cogitar no chá apenas lembrado, andou a esmo pelos salões suntuosos de sua mansão: apreciou, como sempre, as telas de pintores famosos, os bibelôs e demais adornos preciosos, visitou alcovas há muito não ocupadas, banheiros adornados de dourado sem serem utilizados... Voltou ao escritório onde deixara o livro esquecido, e tomando-o nas mãos, já sem intenção de tentar ler, encaminhou-se à biblioteca onde o deixou outra vez na prateleira, em seu devido lugar. Um olhar avaliativo e triste passeou por títulos famosos em encadernações caras de letras douradas, algumas revelando sinais do tempo, envelhecidas. Brincando com o pensamento, imaginou o quanto cada volume ali tinha para dizer, mas, como acontecia com ela, ninguém interessado em escutar. Melancólica –, era melhor que o não sentir nada –, saiu da biblioteca reconhecendo-se alguém que se acostumara com o tédio e que tinha como companhia, além das doces recordações do passado, a nostalgia, amiga inseparável de todas as horas. De braços dados com a “amiga”, subiu a larga e suntuosa escadaria em caracol que conduzia ao andar superior onde ficava, entre inúmeros outros aposentos, o seu dormitório.

Enquanto dera o passeio solitário pela mansão, Denise cruzara com alguns criados, todos igualmente fardados e formais,

treinados que foram pelo antigo mordomo, belga radicado no Brasil desde antes da Guerra. Contratado por Pietro ao comprar a mansão, sempre exercera com competência sua função mas, ao conhecê-lo – quando da primeira visita à mansão e como noiva de Pietro –, algo nele deixou-a desconfortável, uma sensação de inadequação diante dele que num silêncio impenetrável parecia julgá-la, algo que a deixava insegura e incapaz de dar-lhe ordens. Assim, ao casar-se, nada ousou modificar na rotina da casa, evitando-o e aceitando sem comentário o jeito impessoal e exigente com que conduzia os empregados, e o seu perfeccionismo frio presente em tudo. Também com Pietro, apesar de perceber-se o quanto o respeitava e admirava, Hans – assim se chamava o mordomo – era frio e distante. O mal-estar que lhe causava aquela figura circunspecta e enigmática movendo-se pela casa só teve fim quando, logo após a morte de Pietro, ele pediu demissão alegando que voltaria para sua terra. Na sua ausência, juntamente com o alívio – que só muito tempo depois foi percebido, mergulhada que estava na dor –, Denise constatou a eficiência de seu comando que se exercia mesmo à distância e se perpetuava no treinamento de empregados substitutos. Decidiu não mais precisar de mordomo, elegendo Joana, uma das empregadas, talvez a mais antiga, para exercer a função.

Lá fora a chuva caía, indecisa entre o derramar-se de vez ou aos pouquinhos, e o ar esfriara. Denise, recostada na poltrona antiga, cercada de almofadas e tendo uma manta sobre as pernas, desistiu de disfarçar o desejo que, sem ele, era o vazio: de recordar... recordar... recordar.

As lembranças mais remotas levavam à casinha humilde, nos arredores da cidade. Não sabe com certeza, mas provavelmente nascera ali. Sabe apenas que, ainda bebê, era deixada pela mãe em casa das vizinhas enquanto trabalhava.

Anita – assim se chamava a saudosa mãe – era de família numerosa e pobre, do interior. Não suportando mais o rigor e autoritarismo do pai, protestante ferrenho, bem como a falta de condição de mudar de vida, resolvera, juntando a miséria a um resto de sonhos, abandonar a casa e o passado para não mais retornar. Numa noite escura, protegida pela madrugada e pela ventania que uivava amortecendo-lhe os passos e a respiração ofegante, saiu às ocultas do casebre, sem olhar para trás, não porque sob a escuridão tudo fosse invisível, mas porque se voltasse o olhar, talvez perdesse a coragem de prosseguir.

Anita não era de falar de seu passado para a filha; só com muito esforço e paciência, juntando palavras como panos em colcha de retalhos, pode Denise, ao longo do tempo, recompor parte dos fatos: chegando de ônibus – ameahara tostões, escondendo-os entre os trapos que vestia, até ter o suficiente para pagar a passagem – saltara na rodoviária da cidade grande sem ter para onde ir. Uma mulher que viajara junto a ela, percebendo-a perdida, levou-a consigo para casa tão humilde quanto ela. Daí a trabalhar como copeira na mesma residência onde a outra era faxineira foi uma questão de tempo. Certo dia em que, na ausência dos patrões, teve que fazer um curativo na criança que se acidentara, foi reconhecida como tendo habilidade para “enfermagem”, como depois dissera o patrão, médico-cirurgião. Dentro em pouco estava fazendo um curso de atendente de enfermagem no hospital onde o médico trabalhava. Foi nessa ocasião que conheceu um rapaz por quem se apaixonou; ele era de família rica, tinha bela aparência e fala mansa. A moça ingênua do interior deixou-se enganar pelas promessas e juras de amor: engravidou e foi abandonada sem despedida, sem uma palavra. Por pura competência manteve o emprego para o qual saía ao amanhecer e retornava, exausta, à noite. Vivia para a filha de quem dizia ser “a cara do pai”.

Além da “cara”, que era igual à dela, Denise nada sabia sobre o pai. A mãe, que registrara a filha como sendo de “pai ignorado”, fez, até a morte, segredo absoluto sobre ele.

A infância foi, toda ela, vivida em casa de uma e de outra vizinha, sobretudo de dona Marocas, a melhor amiga da mãe e preferida da menina, por ter uma filha pouco mais velha com quem brincava. Com o tempo nasceu uma sólida amizade entre as duas, sendo ela, Simone, a única amiga que Denise teve em toda sua vida. Lembra-se ainda de como a amiga estava arredia no seu casamento grã-fino, apesar de ter sido escolhida para madrinha. Aquele talvez tenha sido o último encontro das duas, não se lembra de a ter visto outra vez... É que, logo depois, Simone foi para a Suíça onde trabalharia como doméstica em casa de uma família; tempos depois Denise ficou sabendo que a mãe e os irmãos tinham sido chamados por ela, estavam todos morando por lá. Perdido o contato e qualquer possibilidade de restabelecê-lo, perdera também, para sempre, a experiência de amizade!

Na meninice, as grandes alegrias foram, além dos folguedos com Simone – com quem brincava de bonecas, confeccionando-as de panos velhos ou de papel e escolhendo sempre ser princesa –, o prazer de aprender as lições de escola – era considerada muito inteligente, na escolinha de bairro onde a mãe pagava mensalidade irrisória – e os retornos da mãezinha querida, sempre à noite. Ah... aí era, então, uma festa para a menina que não raro havia chorado, às escondidas, de saudades da mãe durante o dia! A enfermeira cansada, como por encanto fazia-se fada, mimando com quinquilharias a linda e maltrapilha menina.

Muito pequena ela saía pelos arredores, às vezes pelo terreno baldio onde depositavam o lixo do bairro, catando flores silvestres – lembra-se bem das boninas – que teimavam em brotar do chão pobre, para em latas velhas e machucadas colocá-las

com água sobre a trôpega mesa ou sobre o fogão enferrujado, de uma boca só. Agora constatava: “Eu sempre amei o belo... na pobreza o encontrei!”

Na insignificante rotina de menina carente, sem possibilidades e encantos, Denise cresceu e tornou-se linda! Ser chamada de “bonita” pela mãe não era novidade: ela sempre gabara a beleza da filha! Mas Denise foi aos poucos percebendo como as pessoas a olhavam ao passar e, aqui e ali, ouvia comentários a respeito de seu porte que diziam ser de rainha, elegante e belo, coisa incomum naquelas bandas. O descobrir-se assim não foi, no entanto, das melhores experiências: movidas pela inveja e maledicência, as conhecidas afastaram-se dela. Certo dia ouvira uma vizinha dizendo à outra: “Proibi minha filha de andar com Denise... aquela menina é muito exibida, vive chamando a atenção por todo lugar que passa! Seu fim não vai ser nada bom! Não é boa companhia para as mocinhas direitas daqui do bairro!” A que escutava, assentia com um movimento de cabeça. Denise saía sentindo vergonha e raiva de si!

Quanto mais bela se tornava no corpo delgado que tomava as formas femininas, mais dona Anita a prendia e vigiava, receosa que, como acontecera com ela própria no passado, um aventureiro qualquer a seduzisse. Assim como fora a infância, prometia ser a juventude: estreita e escura.

Certo dia, estando ela com dezessete anos, naquele momento mágico em que a menina despe-se das vestes infantis e reveste-se das roupagens de mulher, Denise, não conseguindo de todo ocultar sob as roupas humildes as belas formas que apesar da inocência se revelavam, foi, a pedido de dona Marocas, ao hospital pegar um remédio que a mãe deveria encontrar entre as amostras. Foi então que...

Com o coração aos saltos após tantos anos, a emoção pa-

recia ter a mesma força! Denise levantou-se e pôs-se a passear pelo vasto aposento, passos abafados por tapetes persas, antigos e estragados. Divisou pela janela a chuva lá fora, ainda indecisa sobre o como derramar-se; pousou o olhar no verde molhado, verde musgo em meio ao cinza em que o dia se tornara... o telefone tocou... alguém atendeu e desligou... batidas de leve à porta: “Madame, o almoço está servido”.

No salão enorme, à mesa de banquete, só ela para fartar-se das variadas e ricas iguarias! Havia o alimento, havia o suave odor, havia o requinte, havia a empregada de pé, às costas, esperando a ordem de servi-la, prato de louça importada e antiga... a fina taça de cristal aguardava o vinho que, esperava-se, seus lábios degustariam... havia uma expectativa porque era hora do almoço, porque o cozinheiro o preparara para aquele momento, porque o alimento estava a esfriar-se, porque... porque... Mas não havia apetite, não havia sede, não havia necessidade ou desejo.

Num rompante, encurvada como a querer esconder o rosto, no desespero dos que não precisam, Denise levantou-se da mesa e, confusa como se houvesse que dar explicações, pedir desculpa por causar frustração, prevenir contra possíveis comentários na copa, avisou:

– Pode recolher o almoço! Não tenho apetite... talvez tenha exagerado no desjejum!

O silêncio foi a única resposta ao seu grito calado. Entre todos que a cercavam, entre os inúmeros serviçais com quem vivia e cruzava todos os dias, entre todas as pessoas com quem se relacionava, ninguém, absolutamente ninguém se interessava por ela! Todos a serviam eficazmente, nada mais! Por ser tão rica, talvez, se inibissem frente a ela, tratavam-na com deferência e distância... não havia quem a instasse a comer, quem questionasse sua falta de apetite, como não havia quem telefonasse

para saber dela, quem sentisse sua falta... Denise odiou o ser rica como, na juventude, odiara o ser bela!

Voltou para seus aposentos, o casulo onde se emaranhava nas teias do passado, lugar onde deixara as asas com as quais jamais aprendera a voar... Ah, mas bem que fora borboleta por algum tempo, bem que com ele fizera altos vôos, bem que tinha o que contar... e amarga outra vez: – “pena que não tenha a quem...”.

Deitou-se; talvez conseguisse cochilar. Mas a falta de atividade e o estômago vazio tornavam desnecessária a sesta. Resignada com o que parecia ser seu destino, voltou à poltrona; esta, como se já a esperasse, conservara-se macia e aquecida. Pôs-se então a “requestrar” sua história apesar de, nos muitos anos, jamais a ter deixado esfriar-se... Retomou o fio de onde o deixara:

Chegava ao hospital àquela tarde, quando teve a atenção voltada para um homem que, saindo de um carro de luxo, tinha grande dificuldade em manter-se de pé. Correu até ele e perguntou:

– O senhor precisa de ajuda?

– Oh, sim... ajude-me, por favor, a chegar até à portaria do hospital.

– Quer que peça uma cadeira de rodas?

– Não, se a senhorita permitir-me apoiar em seu ombro...

– Oh, claro que sim!

O homem, que tinha sotaque estrangeiro e estava ligeiramente pálido, apoiou-se, sem fazer força, no ombro delicado que se oferecia. No percurso até a portaria, comentou que caíra do cavalo, no haras, há cerca de uma hora... que preferiu vir sozinho e dirigindo o próprio carro, pois sentia-se bem, apesar da perna que incomodava um pouco. Por precaução queria ser examinado mas, provavelmente, logo seria liberado. Denise, que

nada perguntava, encantou-se com o sotaque, ela que jamais ouvira um estrangeiro. Na portaria, ele se identificou. Ainda sustentando-o, ela ficou sabendo quase tudo sobre ele: chamava-se Pietro Mazzone, era italiano, residia no Brasil há muitos anos, tinha 38 anos e era solteiro, não tinha família... A certa altura, o confuso recepcionista comentou:

– Tenho que preencher todos os dados que pede a ficha... posso colocar a moça como sendo a pessoa responsável pelo senhor? – e com um sorriso de quem pede compreensão – É só para constar.

Intrigado, ele olhou-a interrogando-a com um olhar maroto e divertido que a fez corar.

– Sim, pode... – respondeu, envergonhada.

– É só para constar, moça! – repetiu o rapaz, desconfiado, mas ainda não sabendo que nem tudo precisava ser seguido ao pé da letra.

Chegara a vez de o acidentado ficar sabendo sobre ela. Ao informar que a mãe trabalhava ali como auxiliar de enfermagem, o funcionário recém-contratado desabafou:

– Isso facilita as coisas... por que não disse logo?

Sem entender em que isso facilitaria, o italiano pediu à moça que o acompanhasse até o médico; por timidez, Denise assentiu.

Já era noite quando, após ser examinado, radiografado e tendo esperado um bom tempo em observação, ele foi finalmente liberado. Dando-se conta do tempo que ela perdera com ele, entre pedidos de desculpas e agradecimentos insistiu em lavá-la para casa. Só então a mãe foi conectada, posta a par do ocorrido e, ante a insistência do rapaz, não teve outra alternativa senão aceitar a carona para mais tarde, quando terminaria o seu turno. Encantado, ele, que dizia não mais sentir dor, saiu com a jovem; esperariam lá fora – não era permitida a permanência na portaria.

O luar despontava por trás dos prédios, prateando a calçada e conferindo às pessoas uma aparência fantasmal, deixando na atmosfera um ar de mistério... Vestida no vestidinho de pano ralo, branco e de babadinhos no decote acanhado, tendo nos pés uma sandália gasta, e nas mãos uma bolsinha de plástico cor-de-rosa, Denise sentia-se transparente e insignificante junto àquele homem importante, culto e rico. Não sabendo o que fazer com as mãos, atabalhoada amarrotava a bolsinha no nervoso suado e incômodo. O luar parecia-lhe penetrar o corpo e a alma denunciando ao desconhecido a desorganização que a dominava, expressa em batimentos cardíacos acelerados, faces que, apesar de prateadas pelo luar, sentia-as rubras e escaldantes, mãos e pés gelados...

Ele abriu-lhe a porta do carro, esperou que entrasse e se acomodasse; dando a volta, sentou-se a seu lado. “O que vou falar, meu Deus, com esse príncipe?”, perguntava-se ela na comoção que assustava. Nunca sentira isso antes, diante de ninguém... e, apesar de ser sofrido, pedia a Deus que a mãe se demorasse, que aquele momento fosse eterno! Ele a percebeu envergonhada e arredia; respeitou seu estado. Também ele não sabia o que dizer, como se comportar frente a alguém tão frágil... Em silêncio, no escuro do carro, no ar aquecido e impregnado do cheiro de fumo cubano, o cheiro do seu cachimbo, olhando para a frente ele a adivinhava, sentia-lhe a proximidade sem precisar tocá-la, aspirava seu cheiro natural sem essências, sentia-lhe o respirar alterado, ouvia-lhe o coração. Oh... doce agonia! Após algum tempo pigarreou como avisando que ia falar. Então, virando-se para olhá-la, admirou-lhe o perfil perfeito semi-revelado por uma nesga de luar... ficou assim um tempo, sem vontade de outra coisa. Ela, sentindo-se observada, baixara o olhar. Penalizado do vexame que causava, finalmente quebrou o silêncio:

– Posso chamá-la pelo nome? É um nome bonito, o seu...

– Pode – foi um fio de voz que respondeu.  
– Vamos nos ver outra vez?  
– Não sei... – respondeu, olhando para o nada.  
– Acho que vou querer vê-la, você se importa?  
– Não – o coração queria gritar.  
– O que preciso fazer para encontrá-la outra vez?  
– ...  
– O que você faz na vida? – resolvera mudar de assunto.  
– Estudo, enfeito a casa... procuro ajudar à minha mãe.  
– Nunca passeia? Não vai a um cinema ou a algum lugar assim?

– Já fui ao cinema, sim... quando mamãe pode, ela me leva.

– O que você deseja para o futuro, Denise? Quais são seus planos?

– Planos? Eu não sei, não senhor... só quero arranjar um emprego para ajudar minha mãe.

– Mas... que emprego?

A chegada de dona Anita interrompeu a conversa que se arrastava.

Após voltas e mais voltas por ruas estreitas e esburacadas, chegaram à humilde casa. Por pura convenção dona Anita o convidou a entrar, convite do qual ele discretamente declinou. Com um aperto de mão e um “boa-noite” dito nos olhos, ele despediu-se da menina que ficou nas nuvens. O olhar perscrutador da mãe dizia ter percebido o *frisson* que o homem lhe causara; nada comentou, no entanto.

Passados dois dias Pietro foi ao hospital, à procura de dona Anita:

– Venho pedir-lhe autorização para encontrar-me com sua filha. Quero tranqüilizá-la, mas não sei como fazê-lo... não sei o que pretendo, pois não entendo o que se passa comigo: não

consigo esquecê-la! Sou um homem maduro e vivido, mas descomprometido e livre. Sei das diferenças entre nós: diferença de idade, diferenças sociais e culturais... É como eu disse: não entendo e não posso me comprometer, quero apenas tirar isso a limpo, a senhora entende? Encontrando-me com Denise poderei saber o que se passa. Sei que é estranho o que faço e posso estar assustando-a, mas garanto que respeitarei sua filha e não lhe causarei qualquer dano.

– Seu Pietro, o senhor é um homem rico, não sei se vai me entender...

– Diga, senhora, por favor!

– Eu sou uma mulher pobre e só tenho minha filha, meu único tesouro... Já passei por muita coisa na vida, mas a preservei pura até aqui, quero casá-la antes de eu morrer... ela há de ser feliz! Não quero que aconteça com ela o que aconteceu comigo, que fui enganada pelo pai dela, que era homem rico como o senhor e...

– Por favor, minha senhora – interrompeu ele, aflito –, não vamos deixar que o dinheiro interfira em nossas decisões, nem pense que eu posso pôr em risco a integridade e a felicidade de sua jovem filha! Se a senhora não permitir que eu a veja, prometo-lhe não insistir; hei de esquecê-la, afinal, tudo isso me parece sem sentido...

A lembrança da emoção estampada no rosto da filha arrefeceu a má vontade da mãe:

– O senhor aceita encontrá-la em minha presença? – perguntou, desconfiada.

– Será como, quando e onde a senhora quiser.

Combinaram que ela ouviria a filha e daí a dois dias ele passaria no hospital para ter a resposta. Imaginando que ele não voltasse, dona Anita decidiu nada falar com a menina; receava despertar-lhe ilusões para depois ter que decepcionar-se. Passa-

do o tempo combinado, no entanto, lá estava ele em busca da resposta.

– Eu nada falei com minha filha, senhor... Imaginei que nesses dois dias o senhor mudasse de...

– Senhora – sem perceber, ele a interrompeu, demonstrando ansiedade –, eu continuo sem entender e também sem esquecer-la... talvez essa loucura não passe...

– Tudo bem, senhor, prometo que hoje mesmo falarei com Denise; passe aqui amanhã e já teremos uma resposta. – O que ela não quis dizer é que a filha suspirava, sonhadora e nostálgica, desde aquele encontro.

Denise, com mãos geladas e faces afogueadas, lembrou em detalhes a conversa que a mãe tivera com ela, conversa que lhe abrira o coração para, pela primeira vez, gozar e sofrer o prazer e a dor da paixão! No entanto, uma sensação de desvalia velou os olhos verdes da mocinha enamorada! Mas dona Anita, generosa, juntou as economias e levou-a a uma loja onde comprou uma roupa decente para a filha sair com um homem tão distinto!

Morrendo de vergonha e de contida alegria, Denise entrou, pela segunda vez, no belo carro! Inaugurando a saia pregueada, completava o traje uma blusa estampada e mal feita, tendo à cintura um cinto preto e largo que Simone emprestara, estando os pés calçados em sapatos de verniz que lhe apertavam a alma! Os vizinhos, surpresos e excitados, dependuravam-se nas janelas qual pencas de bananas em porta de quitanda: queriam espiar e... fofocar, naturalmente!

Saltaram num parque; qualquer lugar era mais indicado que a casinha de poucos cômodos, invadida por curiosos. Sentados num banco à sombra, estando ela entre os dois e com o devido afastamento para evitar que se tocassem, conversaram. Não ela, mas o homem e a mãe. Ele contou sua história: era o

segundo filho entre dois irmãos; os pais, comerciantes de tecidos, moravam numa cidade ao norte da Itália. Com a guerra ele decidira sair do país, escolhendo o Brasil para viver. Não conseguira, no entanto, convencer os pais e os irmãos a acompanhá-lo. Com o montante de dinheiro que trouxera não teve dificuldades em instalar-se aqui; em pouco tempo se tornara dono de uma fábrica de tecidos e, mais tarde, realizava seu sonho, que era o de criar cavalos de raça, adquirindo, para isso, um haras. Logo depois de sair de sua terra, perdera os pais num curto espaço de tempo entre um e outro; os irmãos morreram, ambos, na guerra. Ressentido com as perdas, não mais quisera voltar lá, elegendo o Brasil, sua pátria. Ganhara muito dinheiro, mas não tendo mais seus familiares sentia-se só; já estava maduro e desejava constituir uma família, porém, a mulher idealizada não aparecia, até que... – o olhar com que acariciou a moça ao lado, aquele olhar disse tudo!

– Minha filha é ainda muito jovem senhor, e, além do mais, não está preparada para uma vida de riquezas... não quero que se sinta humilhada em seu meio grã-fino... ela tem pouco estudo, o senhor pode envergonhar-se dela e...

A agonia de Denise era um tormento! Entendia que a mãe agia assim por excesso de zelo, que aquela situação era estranha mas... estava se sentindo mercadoria barata, imprestável para uso! Receava ainda que, influenciado pelo que lhe dizia a senhora, ele se convencesse das más qualidades dela e desistisse... Então, o que faria da paixão?

Mas não! O homem importante e rico que estava ali sentado no banco de um parque como se fosse um adolescente qualquer, defendia o direito de conhecê-la e, quem sabe, transformá-la em princesa! O que poderia a mãe desejar de melhor? Casar-se com um pobre qualquer seria melhor destino, só porque mais “natural”? Uma revolta crescia dentro dela afogueando-lhe as fa-

ces e tornando-a mais bela aos olhos daquele que, a essas alturas, desejava ver-se livre para tomar as mãos que adivinhava frias e aquecê-las entre as suas.

– Senhora, não vamos nos constranger mais, por favor... Eu a entendo, sei que é difícil confiar em um desconhecido que está agindo como louco, mas... eu não estou dizendo que vou me casar com sua filha, pelo menos por enquanto. Deixe-me conhecê-la e entender o que se passa comigo e, talvez também com ela, não sei... ainda não pudemos conversar!

A súplica-lamento surtiu efeito: deixando-os, a mulher afastou-se alguns passos, o suficiente, no entanto, para os manter sob mira enquanto fingia ler a revista que trouxera.

Então... Denise intimidou-se sob aquele olhar quente e calmo, ainda que entrando como a galope por sua goela à dentro, devastando-lhe a alma e fazendo arrepiar-se a carne virgem! Virando-se o quanto pode para a moça que mais que antes o impressionava e encantava, com uma paciência como se tem com criança, ele perguntou:

– E agora, Denise, diga-me, o que acha disso tudo?

– Eu não sei... – respondeu, tímida, sentindo o olhar da mãe sobre si.

– Você deve estar igualmente assustada comigo, não é? – Não obtendo resposta, prosseguiu: – Denise, olhe para mim... você sabe que eu não vou fazer-lhe nenhum mal, não é? Eu acho que estou apaixonado por você e eu preciso saber o que você sente por mim...

O olhar interrogativo e a espera a obrigaram a falar:

– Eu não sei o que sinto... mas, desde aquele dia no hospital... desde aquele dia que penso no senhor e sonho com o senhor!

O jeito sincero e atabalhado de falar, mais o encheu de ternura!

- Você acha que pode estar apaixonada por mim?
- Acho que sim... não sei... pode ser... eu nunca senti isso!
- Pois é, Denise... estamos confusos, os dois! Não será perdido darmos um tempo para nos conhecermos, não é mesmo?

Não foi preciso, no entanto, muito tempo para se convencerem do que já sabiam: estavam perdidamente apaixonados! Mais tempo foi preciso para Denise curar-se da timidez e passar a tratá-lo com intimidade; para aprender a lidar com a erupção que derramava fogo em suas entranhas, queimando-lhe o coração e arrepiando-lhe a pele ao estar com ele ou nele pensar; para revelar-lhe a alma amante e inocente, a virgindade casta e erótica, divisão entre a menina e a mulher!

Os encontros, supervisionados pela mãe atenta, aconteciam sempre fora dali, onde não chegasse o eco dos comentários maldosos dos vizinhos inconformados. Aos poucos ela foi fazendo contato com o mundo dele, aprendendo a vestir-se e comportar-se como moça de sociedade, revelando a exuberância de sua beleza que a destacava tanto na pobreza quanto no refinado de jóias e roupas caras com que ele a presenteava.

Tempos depois, Denise ainda não entendia como conseguira adaptar-se à nova condição. Mas a verdade é que, uma vez superada a vergonha e vencida a timidez, com simplicidade passou de um mundo a outro.

Só tempos depois ela entendeu que sua aparente facilidade de mudar de vida, sua “encantadora” e disfarçada timidez entre os grã-finos, seu estranho bom humor ante as inevitáveis faltas, não significavam que ela, de repente, tivesse adquirido auto-estima e se tornado segura... Não! Só no “requentar” ela descobriu que, para além de tudo, havia a enorme confiança que depositava nele! Ele era o esteio, com ele por perto nada temia, tudo tolerava, ele bastava! No “requentar” também entendeu que sua beleza, que não fora tolerada pelos pobres, fora bem vinda entre

os ricos que fingiam não notar-lhe os sinais da origem humilde – aos menos discretos que se aventuravam a tecer algum comentário, a resposta de quem os ouvia era sempre de enaltecimento à elegância e beleza da jovem, minimizando seu natural acanhamento.

Um dia, em meio ao enlevo que só os apaixonados conhecem, bateu-lhes à porta a fatalidade, visita sempre inesperada porque, se anunciada, não haverá quem lhe abra a porta... Chegou num final de tarde com um resultado de exame que dona Anita fizera a pedido médico: câncer avançado, pouco tempo de vida!

O caos instalou-se! Denise, que pela primeira vez vira face-a-face a felicidade, reagiu chorando, não acreditando, negando... Refugiou-se no colo do noivo como se de pai, – no “requentar” ao longo da vida, descobriria o quanto de pai ele fora, nesse e em tantos outros momentos, permitindo-lhe “degustar” esse doce sabor, para ela desconhecido – tentou o recurso de fantasias, até enfrentar a verdade. Fez experiência da realidade que não se entenece, não se convence com argumentos, não muda de lugar... apesar de aliciarmos com promessas, idéias e palavras, a verdade acaba por se impor!

Entre lágrimas, o pedido: “Quero ver minha filha vestida de noiva!”; entre lágrimas, a promessa: “Vamos antecipar o casamento e será uma grande festa!” Pietro encarregou-se de tudo, e com as facilidades que o dinheiro e o prestígio possibilitam, em tempo recorde aconteceram as bodas. Da linda festa dona Anita participou como pôde e em cadeira de rodas. Dividida entre os convidados, a retribuição aos carinhos do noivo e os cuidados com a mãe de quem não se desgrudava, Denise viveu o que poderia ter sido o mais lindo de seus dias!

Não houve viagem de núpcias, não houve sequer consumação de núpcias: Denise não consentiu ser substituída na ca-

beceira da mãe que, ao que parece, esperava apenas o casamento da filha; alguns dias depois morreu, entre os braços desta e os do genro a quem entregava seu tesouro, sem sequer acostumar-se com o conforto dos aposentos que lhe foram reservados.

O amor de Pietro sustentou a mulher que se tornou criança, carente de colo, chorando muito e lembrando sempre... Antes de ser marido, ele se fez pai. No mistério contido em cada um, talvez fosse necessário a Denise fazer o percurso de regressão, confrontar-se com a falta absoluta de raízes já que morreria aquela que lhe era única! Pacientemente Pietro esperou que a esposa virgem voltasse ao passado em busca de significados, cicatrizando arranhões que a falta fazia sangrar, tentando dar nome ao inominável, preenchendo com a compreensão os espaços vazios, os vãos da alma... O amante, sofrendo com a amada, juntou, na força curativa do amor, os pedaços, recolhendo-os da ferida que pulsava.

Denise foi se recuperando... Estimulada pelo marido despertou para a vida, a vida que ainda não conhecia e se lhe oferecia, a vida de casada. Uma noite, tempos depois das núpcias, a menina saiu do colo e cedeu espaço na cama para a mulher. Uma nova Denise gemeu, não de sofrimento, mas de puro gozo, exultação que a redimia de tudo que lhe faltara, remédio para os males, as muitas águas donde renascia!

Ah, que bela a vida! O quanto se pode ser feliz! Denise chegou ao clímax da bem-aventurança! Viveu anos de permanente alegria, sorveu até o último gole o elixir da paz! A vida era uma bonança, sucessão de presentes, festas, viagens... Pietro apresentou-a ao mundo, só não a levou à Itália, não teve coragem de rever os lugares e enfrentar de novo as saudades da família.

Faltava-lhes um filho, é verdade, mas se consolavam afirmando que era questão de tempo. Aos poucos, porém, quando a efervescente novidade da vida a dois foi se acalmando, a

falta do filho recrudesciu; foi quando, atendendo a instâncias do marido, Denise consultou um especialista. O resultado foi animador: “A senhora tem tudo para ter muitos filhos...”, mas passava o tempo e ela não engravidava. Um dia, foi ele ao médico; constatou-se sua infertilidade!

Por instantes pareceu que uma nuvem toldaria o céu azul... mas foi por pouco tempo! Denise amava tanto a Pietro, Pietro amava tanto a Denise que não lhes custou se bastarem: ela, fazendo-se filha; ele, pai adorado, aquele único que poderia ocupar o lugar do imaginado por toda a vida!

Anos se passaram... ele envelhecia enquanto ela, vinte e um anos mais nova, resplandecia com a maturidade que a tornava mais bela, porque mais mulher! Numa manhã ensolarada em que acordaram com a normalidade do cotidiano feliz, quando tudo prometia ser igual, sem nada de especial, após beijar repetidas vezes a esposa que se espreguiçava ainda debaixo dos lençóis de linho, ele saiu para o trabalho, voltando-se mais uma vez antes de fechar a porta, a tempo de levar no olhar a imagem da amada emergindo dos alvos lençóis, qual deusa, das águas...

Lágrimas desciam dos olhos verdes envelhecidos como se minadouros fossem, de fonte inesgotável... Denise levantou-se, sentiu mais uma vez a pontada que a incomodava há dias; foi até a janela, enxugou com as mãos os olhos, procurou divisar o jardim molhado pela chuva, percebeu a noite escura que chegava, sentiu o estômago doer a dor que o pobre conhece e, num esforço por cuidar-se, acionou uma campainha aguardando de pé a serviçal que atendeu ao chamado.

– Avise na cozinha que o jantar será servido mais cedo e, por favor, peça a Joana que providencie para que me seja servido um caldo quente de minha preferência e...

– Sim, senhora?...

– ... não, não preciso de mais nada, é só. Pode ir.

A serviçal saiu e ela ficou outra vez sozinha. A almofada, guardando a marca de seu corpo, parecia fazer-lhe convite a voltar a sentar-se, e ela não resistiu. Não entendia como conseguira passar a tarde toda ali sentada, passando, como num filme, as cenas de sua vida... “Mas não vou deixá-lo sem o final”, pensou.

Naquela manhã, no meio da manhã, ela estava sentada sob um sombreiro à beira da piscina, após uma caminhada pelo jardim. Seu olhar desocupado acompanhava o movimento da tesoura que o jardineiro habilmente manejava perto dali, podando algumas azaléias que, no desejo de liberdade, cresceram lançando galhos fora do canteiro, quiçá como acinte a quem lhes demarcara os limites. A chegada de Hans em passos ligeiramente apressados fora do seu costumeiro e imperturbável ritmo, deixou-a assustada, embora o tom de voz fosse tão neutro como sempre, ao dizer:

– Madame, há um telefonema para a senhora.

– O senhor Pietro? – perguntou, desconfiada.

– Não, madame.

– A pessoa não se identificou? – insistiu, enquanto se levantava.

– Sim, madame.

– Quem é, afinal? – perguntou, irritada, mas sem esperar resposta dirigiu-se para dentro da mansão.

Era do hospital. Pietro estava hospitalizado. Um aneurisma cerebral, rápido e fulminante como um raio, levou-o antes que a manhã terminasse, deixando no mundo que fora cor-de-rosa, a tempestade que assusta, os trovões que ensurdecem, a força descomunal da natureza que amedronta e desorienta... Foram vinte anos de amor e felicidade; sobraram lembranças, lembranças, lembranças.

O jantar fora servido; apesar de não ter fome, era preciso comer, o estômago dizia. Descendo as escadas, indo em direção à sala de jantar, Denise se reconhecia velha nos seus sessenta e três anos.

Acordou no meio da noite sentindo dores. Aquelas dores repetidas e fracas, talvez não conseguindo fazer-se importantes, tenham resolvido juntar-se e, fortalecidas, faziam anarquia na madrugada de suas esquinas... No “barulho” da dor, Denise passou o resto da noite em vigília. Esperou que o dia amanhecesse, dia escuro como fora o de ontem, pegajoso e pesado como roupa molhada. Mandou avisar ao motorista e, carregando uma pequena sacola de couro onde colocara objetos de uso pessoal e algumas peças de roupa, dirigiu-se ao hospital sem avisar para onde ia, afinal, ninguém estava interessado mesmo em saber...

Ficou internada para observação, fez exames, contratou uma enfermeira para fazer-lhe companhia, pois o soro a impedia de mover-se livremente, tomou remédios, recebeu algumas poucas visitas e, após alguns dias, foi avisada que o médico deu-lhe alta.

Foi nesse momento que Denise diagnosticou-se doente! Diziam-na curada, mas pela primeira vez ela viu seu mal e seus sintomas... Como era mal da alma, os médicos não tiveram alcance com seus aparelhos que desvendam o corpo, mas não lhe escutam a fala; seus remédios curam músculos, órgãos e ossos, mas são ineficazes às moléstias que atingem o ser para além da carne... Não, eles não sabiam nem podiam saber... mas agora ela sabia!

Uma Denise nova saltou do carro de luxo, em frente à mansão. Estava mais alquebrada, talvez, mas mais forte. Naquele mesmo dia começou a chamar cada empregado para conversar. Com alguns levava poucos minutos, eram os que saíam da conversa desconfiados, abanando a cabeça, descrentes; com outros,

levava horas, os que saíam da conversa com sinais de comoção, olhos ainda molhados, riso de felicidade, ombros leves, alívio... Fora o primeiro passo de uma mudança.

Passavam os dias e a mansão transformava-se. Apesar do inverno, agora abriam-se suas portas e janelas sempre que o tempo permitia, surpreendendo a todos, acostumados a vê-la trancada. Qual boca desdentada rindo na velhice, assim parecia aquela mansão que, anos a fio, se mantivera fechada. Também a madame já não era a mesma: apesar do frio que enregelava suscitando desejos de mantas e resguardos, ela não parava, entre telefonemas e saídas – nunca o motorista fora tão requisitado –, demoradas reuniões no escritório da mansão ou em lugares previamente agendados... – a madame passara a usar agenda, que estava lotada.

Além do azáfama de entradas e saídas, a senhora mudara outros hábitos: já quase não mais usava o enorme salão onde antes fazia as solitárias refeições, passando a preferir repastos mais simples, degustados na pressa de quem não tem tempo a perder, numa pequena ante-sala ou até mesmo na copa, lugar usado como refeitório apenas pelos empregados – cozinheiro e copeiras, desarvorados, reagem com imprecações sibiladas entre dentes, ante as “esquisitices” da madame que os fazia, de repente, sentirem-se desnecessários. Mas, com o tempo, foram todos sentindo-se mais confortáveis na espontaneidade que, sem que se dessem conta, foi quebrando a rigidez dos protocolos de décadas, herança do exigente Hans. Agora eles conversavam entre si e cumprimentavam com menos cerimônia a patroa, que passara a dirigir-se a eles olhando-os de frente e até mesmo sorrindo.

Um dia Denise mais os surpreendeu quando, chamando Joana, a velha serviçal que tão eficientemente substituíra Hans, falou-lhe abruptamente estar pensando em aposentá-la das obrigações e oferecer-lhe o chalé para viver em paz o resto de sua

vida. O chalé, edificação próxima à mansão e dela separado por um encantador jardim, fora utilizado no passado – e talvez tenha sido esse o objetivo dos primeiros proprietários ao construí-lo posteriormente à mansão – para hospedagem de ilustres convidados quando das grandes festas em que os hóspedes excediam as acomodações da mansão. Este era encantador em seus exíguos limites – se comparado à mansão junto à qual lembrava filho pequeno agarrado às saias da mãe – adornado com relíquias de bom-gosto, mistura de requinte e conforto.

Denise gostava de modo especial daquele recanto que, de alguma forma que ela não sabia explicar, suscitava-lhe associações com a casinha pobre da infância onde, talvez, tenham ficado as marcas da saudosa mãe e suas próprias raízes. Com freqüência recolhia-se ali, desde que Pietro morrera deixando-a perdida na mansão sem fim... Assim, foi reconhecida por todos a sua generosidade em abrir mão de seu recanto favorito e disponibilizá-lo para a privacidade de uma doméstica. Não satisfeita, Denise ainda providenciou a vinda da irmã mais moça e de um sobrinho da mesma, a fim de morarem com ela, instalando-os em meio ao luxo.

Saindo do ensimesmamento, Denise descobrira que o mundo não se concluíra, que muito havia a ser feito e que a ela cabia fazer algo... Mas, a que se devia tão brusca mudança?

Os dias passados no hospital foram decisivos! Quem sabe ela já estivesse pronta, mas algo haveria de acontecer para fazer transbordar as águas represadas em décadas de nostalgia, fechamento em si mesma, clausura de recordações que a mantinha reclusa no passado como se o presente fosse um fardo, e o futuro, um pesadelo. Em vida, Pietro fora seu mundo; a partir de sua morte, o mundo passou a ser a falta de Pietro, isto é, tudo girar em torno dele e assim continuou... Nesse mundo de falta Denise definhou, perdera o viço e a capacidade de afeto, até sofrer de

solidão e quase morrer!

No hospital fizera a experiência de ser tocada – ainda que para ser examinada – de ter alguém que lhe fazia perguntas pessoais tipo “como passou a noite?”, “está se sentindo bem?”, perguntas que expressavam interesse por ela, de ter quem a escutasse... Eram profissionais, é verdade, nada de especial, mas o segredo talvez fosse esse, ser tratada como uma pessoa comum sem o ar de respeito que distancia, sem a cerimônia de “Senhora” e “Madame” que lhe substituíam o nome...

Apesar de sofrer o desconforto de dores e dos exames intermináveis, era agraciada com o ganho de atenção e cuidados. Fora preciso o corpo adoecer, alertando-a para o mal da alma que verdadeiramente a impedia de viver!

Ao ser avisada da alta, a alegria do retorno ao lar foi suplantada pelo pesar de perder aquele tipo de relação com as pessoas. Morar no hospital não lhe seria possível nem desejável: resolveu ser feliz levando para seu mundo a descoberta feita ali! Assim é que, começando pelos serviços, inaugurou outro tipo de relação, marcadamente humana. Eles inicialmente reagiram não entendendo-a; com o tempo, sem que fosse preciso explicações, adaptaram-se e deixaram-se contaminar pela alegria fácil que passou a reinar.

Mas à nova mulher isso não bastou... ultrapassando os muros e os altos portões de ferro com florais e brasões dourados, foi às ruas por onde circulou buscando, de dentro do automóvel de luxo, o lugar ideal para plantar o sonho. Foi a escritórios e consultórios, conversou, confabulou, informou-se. Entrou em igrejas e sacristias, ouviu sacerdotes sábios e experientes no acolher almas feridas.

Comprou, em localização privilegiada, um casarão antigo em meio a um jardim em ruínas, contratou arquitetos, engenheiros e operários, transformou, na velocidade que imprime

o dinheiro, o local decadente em prazeroso e encantador! Salas, jardins e capela, era tudo belo e acolhedor!

Profissionais foram contratados formando uma equipe multidisciplinar com médicos, psicólogos, assistentes sociais e espirituais. Os meios de comunicação foram acionados para a divulgação da instituição “Receber para Dar”, convites foram impressos e enviados, cerimonial contratado.

Finalmente, após meses de intenso trabalho, Denise via o sonho implantado! Os olhos verdes haviam readquirido o brilho que os embelezava! Vestida num elegante traje de cor púrpura, os cabelos grisalhos coroavam seu porte de rainha. Um ar de satisfação brincava nos lábios saudosos de riso, deixando ligeiramente à mostra dentes perfeitos! O adereço de pérolas, apesar de precioso e lindo, jóia antiga mais que ela, era eclipsado pelo *design* harmonioso daquela que o ostentava! Foi com mãos trêmulas que desatou a fita à entrada, no ato simbólico de inauguração; foi com lábios igualmente trêmulos que sorveu um e outro gole do champagne francês...

No discurso, iluminada por *flashes* de fotógrafos e cercada de repórteres que faziam a cobertura do evento, Denise narrou como, a partir de suas experiências de vida, nascera o desejo de criar um serviço de acolhimento a todo aquele que, como ela um dia, experimentam a solidão, ainda que, às vezes, estando cercados de pessoas. Foi vibrante ao narrar seu renascer a partir do toque, da escuta, do interesse sincero, da relação marcadamente pessoal e humana. Falou com a alma, emocionando a quantos a ouviam.

Muitos nada entenderam da proposta mas, ao que parecia, isso não importava a Denise que sabia o que queria.

A partir daquele dia sua rotina passou a ser a instituição que administrava com sensibilidade e eficiência. Grande alegria teve em receber, um dia, uma senhora que trazia marcas de

frustrações vividas no silêncio de muitos anos. Apresentou-se como Mariá: era a esposa de Thomas! Baiana de temperamento vibrante, casara-se com o inglês pensando formar com ele um par ideal. Com o passar dos anos foi se convencendo da impossibilidade de despertar nele algum sentimento; já então tivera enterrado sua exuberância, tentativa frustrada de fazer-se aceita e conformar-se ao homem gelado a quem amava ou de quem dependia... Agora estava ali em busca de auxílio, uma alma enregelada num corpo doente... Ao ouvir pela televisão o testemunho de Denise a quem sequer conhecia, algo a fez decidir procurar a instituição; só após muita conversa é que ambas descobriram de quem se tratavam. Tempos depois Mariá oferecia-se como voluntária, implantando na instituição esse serviço que a mentora jamais cogitara.

Denise foi se convencendo da importância de seu projeto à medida em que colhia seus frutos. Pensara que somente pessoas idosas tivessem demanda para o que oferecia, mas surpreendia-se com o quanto de jovens se sentiam incompreendidos, de crianças que se sentiam rejeitadas, de casais que viviam solidão a dois... Teve que reformular a estrutura e a equipe de profissionais para atender a esse universo de clientes.

Anos depois...

Numa tarde quente e abafada, Denise ia orientando o motorista através de vielas, ruas esburacadas e sem saneamento. Tantos anos haviam se passado sem que jamais voltasse lá!... Confundia-se algumas vezes precisando pedir informação aqui e acolá mas, ao chegar à rua, reconheceu-a de imediato, apesar das mudanças que se fizeram nos muitos anos passados. Algo, no entanto, permanecia igual: a pobreza, a curiosidade dos moradores ante a presença de um carro e... o lixão! Era exatamente para lá que Denise se dirigia. Saltou do carro, avaliou com o olhar, andou pra lá e pra cá sem sentir-se incomodada com o

mau-cheiro. Ao que parecia, procurava algo que não achava, e procurava mesmo: qualquer flor do campo, uma bonina, talvez, uma florzinha como as que colhera tantas vezes no passado distante... Mas não, não mais existiam! O lixo as sepultara!

Chorando por detrás das lentes escuras dos óculos esportes, de repente “requeitando” fatos que há tempos não mais recordava, ela entrou no carro e, decidida, deu ordem ao motorista para dirigir-se à Prefeitura, no centro da cidade. Já era noite quando saiu da conversa com o prefeito que, mesmo não estando agendada, recebeu-a de imediato. É que Denise já se tornara notória, sendo conhecida como “a milionária santa”. O reconhecer-se como a mais beneficiada de tudo que fazia, bem como o ter consciência de seus motivos eminentemente pessoais, impediam-na de envaidecer-se, conservando-se humilde e modesta. Despediu-se do prefeito após ouvi-lo dizer: “Minha senhora, é uma honra possibilitar-lhe a realização de um de seus grandes feitos... Asseguro-lhe que, em tempo exíguo, estarei retirando o lixão daquele lugar e providenciando a venda que a senhora propõe. Farei, pessoalmente, contato com o Sr. Thomas, e quero ter a honra de estar presente na inauguração de sua obra!”

Naquela noite Denise não precisou dormir para sonhar... Imaginava, no lugar do lixão, uma casa do “Receber para Dar”, onde acolheria os enfermos da alma que havia entre os pobres, os desassistidos, os esquecidos... Com olhos abertos no escuro da noite, idealizava as paredes e dependências...e o jardim! Haveria de ser belo o jardim onde flores silvestres floresceriam junto a antúrios, copos-de-leite, orquídeas, lírios e rosas... “Pobres das florezinhas do campo... ninguém lhes sabe os nomes, são chamadas assim, na denominação comum de ‘silvestres’ ou ‘do campo’... nem mesmo ao nome pessoal têm direito! Quanta gente também vive assim... tratada como ‘gente’, ‘povo’, quando não como ‘gentalha’!...” pensou, penalizada. Com olhos úmidos

que a escuridão escondeu, olhos verdes molhados, verde-musgo como o jardim lá fora, com o olhar iluminado pela luz de dentro varando a escuridão e “vendo” a radiossidade de um sonho, na madrugada escura, prometeu: “Dedicarei o resto de minha vida aos pobres, povo de onde vim! Quando menina, foi com as flores humildes que enfeitei meu estreito mundo... agora, é o povo humilde que enfeitará minha velhice. No quanto me resta de vida, cultivarei meu povo... e as flores do campo!”

Com bom-humor, Denise descobria que, aos setenta anos de idade, ainda não perdera o gosto pelo requestrar; só que, agora, requestrava projetos para o futuro. Fechando os olhos iluminados, dormiu, enquanto um pálido sorriso, apesar do escuro, dançava nos lábios entreabertos, como preâmbulo do rressonar tranqüilo que logo mais se faria ouvir.



## À SOMBRA DA ESPATÓDEA

Eles se viram pela primeira vez no que há de casual em encontros numa grande cidade. Ele, escrivão de cartório, levava sob o braço uma resma de papéis com a intenção de pôr em dia o serviço atrasado. Ela, normalista em fim de curso, trazia nas mãos cadernos de alunos de uma escola onde estagiava. Parados no mesmo ponto de ônibus, sob uma espatódea florida, ao cair da tarde, tinham, ambos, na fisionomia, sinais de cansaço, resultado de um dia quente e abafado que, qual redoma, aprisionara a cidade fazendo suar os corpos que se agitavam em seu ritmo frenético.

Próximos, não se teriam notado não fosse uma flor que, desprendendo-se do galho, caiu suave sobre o mar de cabelos ondulados e escuros da jovem que, imaginando-a “um bicho” – assim se expressaria depois, no desafogo do susto – gritou, apavorada. No ato automático de livrar-se, bateu repetidas vezes com a mão nos cabelos, assanhando-os e deixando cair alguns cadernos que se espalharam pelo chão. Solícito, ele acorreu a ajudá-la: catou do chão os cadernos, correndo o risco de ver acontecer o mesmo com seus papéis. Levantando-se, entregou-os, ao mesmo tempo em que, examinando com um olhar perscrutador a cabeleira, avisou:

– Foi uma flor que caiu em seus cabelos!...

– Oh, obrigada! – respondeu ela, ainda alisando os cabelos antes de pegar os cadernos.

Olhando mais atentamente, ele percebeu que a flor, assustada ante a reação que provocara, escondera-se na cabeleira. Timidamente a consultou:

– A flor está aí... – falou, apontando – Posso tirá-la?

– Oh, sim... por favor!

Desajeitadamente, ele afastou mechas, pescando nas águas negras a flor vermelha, rubra de vergonha. Ele tencionava entregá-la, afinal a flor escolhera cair sobre ela, mas, inexplicavelmente, ouviu-se dizendo:

– Posso guardá-la comigo?

– Sim, claro! – respondeu, ao tempo em que enrubescia como a flor.

O ônibus chegou; descobriram que iam na mesma direção. Na superlotação da hora ele correu para um banco que vagou, garantindo assento para ambos. Sentados, sentiram-se espremidos por passageiros que, atravancado o corredor, invadiam o curto espaço entre os bancos, obrigando-os, melhor dizendo, justificando a proximidade que forçava o roçar de braços, o bater de ombros, o juntar de coxas no banco estreito. Tinham ambos colocado a bagagem de mão sobre o colo; mãos desocupadas, ele as usou como abano para refrescá-la, tendo notado suada, a face morena que, inclinada para baixo, evitava encará-lo. “Eis uma pessoa mais tímida do que eu!”, pensou ele, impressão que o agradou, estimulando-o a puxar conversa:

– Você vai para onde? – perguntou, estranhando-se na ousadia.

Descobriram que moravam em bairros vizinhos. Ao longo do percurso houve troca de informações acompanhadas de sorrisos tímidos e olhares furtivos com que se examinavam mutuamente.

Ela saltou antes dele. Na calçada, em meio aos transeuntes, ela acenou com um discreto adeus para ele que, colocando a cabeça para fora da janela no ônibus que arrancava, tentou acompanhá-la em seu trajeto a pé pela rua, até perdê-la de vista totalmente.

Era uma sexta-feira, o que implicou num tormento para ambos a espera da próxima semana, na expectativa se haveria, ou não, um próximo encontro.

Nunca Maria Vitalícia se arrumara tanto para ir à escola municipal onde dava aula a um grupo de crianças... Vestira a saia preta, recentemente comprada e faltando ainda prestações a pagar, saia que a modelava realçando as curvas de suas ancas largas, e uma blusa cor-de-rosa com bordados de renda que deixavam implícito o recheio exuberante dos fartos seios; a cintura fina, contornara com um cinto estreito de verniz, fechado por fivela prateada; cabelos lavados e brilhantes caíam-lhe qual cascatas de petróleo por sobre os ombros; nos pés, sandálias de salto alto chamavam a atenção para o par de pernas roliças, meio veladas pelo babado da saia rabo de peixe... Os cadernos, já corrigidos, seriam deixados na escola, tendo o cuidado de, na volta, estar segurando apenas a bolsa preta que compunha a elegância da imagem de sereia.

Também Manoel tivera a intenção de deixar desocupadas as mãos no retorno para casa. A flor, que desaparecera no bolso largo de sua calça na sexta-feira, trazia agora, apesar de amarfanhada, numa caixinha minúscula como se fosse uma jóia, no bolso da sua melhor calça, calça de gabardine reservada para “grandes eventos”. Vestia também a camisa de malha que recebera por ocasião de seu aniversário, presente dos colegas de trabalho e, também esta, guardada para “ocasiões especiais”. Os sapatos, apesar de gastos, haviam sido engraxados, na tentativa de disfarçar-lhes os arranhões.

Caía a tarde de segunda-feira, bafejada pelo hálito dos deuses que sopravam suave brisa, após um final de semana particularmente quente que abafara a cidade como se sob estufa. Maria Vitalícia deslizara o pente de osso, curto e grosso, pela centésima vez pelos cabelos revoltos... Já até quase perdera a esperança de revê-lo, imaginando-o comprometido com outra mulher ou, quem sabe, fora engano a impressão de lhe ter causado interesse. Mas, finalmente, esbaforido e ansioso, botando a alma pela boca, ele chegou! O tabelião, desconhecendo o vendaval que lhe agitava a alma, o retivera por infindáveis minutos, tempo mais que suficiente para empapar-se a camisa na sudorese do desespero e esverdear-se a pele amarelada pelo ar confinado do escritório. Temia não mais encontrá-la quando chegasse... Desafiando a capacidade das pernas emperradas, atravessou avenidas sem atentar para os sinais, fazendo não poucos motoristas brecarem, xingando-o.

Mas, maravilha de Deus... ela estava lá! O ônibus há muito já passara, contudo, isso não importava, ela esperara! Estacando junto à diva, quase atropelando-a na velocidade do salto, seus olhos diziam o que a boca arfante de lábios pálidos silenciou. Olharam-se felizes por se verem, redimidos de todo o cansaço, de toda a espera, de toda a dúvida. Entabularam uma conversa qualquer, sem assunto, sem intenção, sem mensagem definida; o bom era estarem ali, juntos, à espera de um ônibus absolutamente desnecessário, despreocupados quanto a horário, desinteressados em chegar em casa. Faziam experiência de que, em momentos muito especiais e que são poucos, o que importa não é onde se está ou o que se está fazendo, mas, *com quem se está*.

Como se Cupido tecesse o destino, o transporte atrasou-se. As pernas não se cansavam de sustentar os corpos de almas aladas, as estrelas mais piscavam nas janelas da noite, janelas que mais se abriam à medida em que a tarde morria, encom-

pridando a despedida e espichando o olhar como a querer apreciar até o fim o nascimento do amor... O luar mais lindo, pondo a cara de fora, vindo lá do fundo do mistério, pedia passagem para derramar por sobre a espatódea florida suas águas prateadas, regando com seus raios de luz o jovem casal que nada percebia, nada via senão um ao outro. De alguma maneira, Manoel e Vita – assim ele a chamaria – souberam ter nascido para aquele instante.

Manoel, filho único e criado sem mãe – esta morrera quando ele tinha apenas quatro anos –, fora educado pelo pai, seu Jacó, homem rude e sentimental que jamais pensara em casar-se outra vez, exercendo ele mesmo as funções de pai e de mãe para o filho a quem pretendia fazer “doutor”. “Meu filho será advogado, homem culto e respeitado... para isso é que me mato em cima da bigorna dia e noite, domingo e feriado!”, lembrava-se Manoel de ouvi-lo repetir muitas vezes.

Considerando não ter sido infeliz a sua infância – apesar da falta da mãe ou de uma presença feminina no casarão velho em terreno baldio, ao lado da oficina onde o pai ganhava o pão como ferreiro –, Manoel ali nasceu e sempre morou: a casa, que já nascera com cara de ruína, fora levantada pelo pai quando, décadas atrás, vindo como retirante do interior, fixou-se naquele pedaço de chão nos arredores da cidade. Como jamais fora reivindicada por ninguém, considerava-se dono da casa e do pedaço de terreno que escolhera para si e que depois cercou. Com o tempo a cidade cresceu para aquelas bandas, casas foram sendo construídas aqui e acolá; ruas foram sendo abertas, ganhou linha de ônibus, pavimentação e, mais tarde, um parque arborizado e aprazível com bancos e um coreto. Às ruas inicialmente tortas e poeirentas, foram dados nomes de pessoas ilustres e, assim, seu Jacó e o filho, primeiros moradores e desbravadores daquele ermo, ganharam endereço.

Suas lembranças mais remotas são cheias do barulho metálico e repetitivo, o que lhe causava impressão de zumbido constante nos ouvidos, mantendo-os muitas vezes tapados, recurso que aprendera como meio de amenizar a zoadá. O som das marteladas no metal suscitava-lhe, não sabia porque, fantasias de piratas em fragatas no alto mar... A visão do metal incandescente aquecia-lhe o coração de criança carente de mimos e atenção, coisas que geralmente não tinha por parte do pai que o queria “rijo como metal”. Seu Jacó, acostumado à lida com metais nos quais moldava as formas pretendidas através do fogo e do martelo, transferia, às vezes, para o trato com o filho, semelhantes métodos. Buscava forjá-lo com duras regras e alguns açoites que o deixavam marcado. Nessas ocasiões, passado o calor da cólera momentânea por qualquer transgressão cometida, não raro o pobre homem caía em desânimo e culpa, chegando às lágrimas, derramadas em silêncio e às escondidas na escuridão das madrugadas ou sob a luz avermelhada do metal em chamas... Manoel percebia, e perdoava.

Pesava-lhe a responsabilidade de realizar os ideais do pai, tão distantes da dura realidade: era aluno de escola pública, reutilizando material escolar de filhos de fregueses do pai; jamais conseguira destacar-se na classe de ensino a desejar; desde cedo se descobrira “limitado” – alguém, algum dia, dissera isso dele que, mesmo não sabendo o significado da palavra, gravou-a na alma como sinete indelével. – O muito que conseguiu foi aprender a ler razoavelmente e a escrever com linda caligrafia, o que lhe permitiu, anos mais tarde, conquistar o lugar de escrivão no cartório, ofício que exercia com esmero e responsabilidade. Jovem de temperamento dócil, logo tornou-se estimado pela prestimosidade, sendo tratado com afeto por todos.

O pai envelhecera e, quase cego pelas múltiplas centelhas que durante tantos anos iluminaram-lhe os olhos e escureceram-

lhe o olhar, era assistido pelo filho que, se não conseguira realizar-lhe as aspirações, sabia, no entanto, retribuir com discreta assistência e velado carinho o que dele recebera.

Criado sem a mãe da qual tinha esmaecida lembrança, cresceu arredio a mulheres. Além de uma paixão que teve na adolescência por uma professora, paixão tão fulminante quanto platônica, enamorou-se de uma colega de escola, mais velha e mais adiantada, a quem jamais se declarou. Conduzido por colegas mais “sabidos” e atirados, passou a freqüentar prostíbulos onde arrefecia os ardores da carne. Nisso consistiam suas relações com o “sexo frágil”. Não tinha amigas e sentia-se inseguro frente às mulheres, considerando-as verdadeiros mistérios. Às colegas de cartório dispensava atenção e respeito, mas jamais se interessara por alguma delas. Assim vivia sem ter muita consciência da falta de afeto, até o dia em que conheceu Vita.

Como se houvesse armazenado as necessidades afetivas até então, explodiram estas numa paixão avassaladora que o deixava trêmulo sob sol escaldante, tanto quanto suave a ponto de encharcar-se nas frias madrugadas... Era como se, saído do ordinário, perdesse a relação de causa e efeito, sendo regido por leis estranhas ou por absoluta falta delas. Mais que nas nuvens, Manoel passou a viver nos astros, no espaço sideral com sua “Estrela”. Correspondido, derramava-se de amores, amor fluído em secreções incontroláveis e inoportunas... molhava-se só de pensar nela e, como não fazia outra coisa...

Vita, por sua vez, pertencia a uma família numerosa, composta de pais, muitos irmãos e sobrinhos. De condição financeira remediada, acalentava esperanças de um futuro melhor com vistas na profissão escolhida: gostava de crianças e de ensinar-lhes o bê-a-bá. Sonhava também em ser mãe e dona de casa. O conhecer Manoel e apaixonar-se por ele atropelou seus planos: teria que abdicar das poucas comodidades que tinha na casa dos

pais e começar com maiores dificuldades a vida ao lado daquele que, se tinha muito amor a dar, nada de material podia oferecer. Encarou com coragem a necessidade de morar com o sogro após casar-se; ele era idoso e doente, não havia como deixá-lo só.

Foi com entusiasmo e muita festa – para os padrões e possibilidades das duas partes – que se casaram numa fria manhã de inverno. A noite de núpcias foi celebrada com juras de amor eterno e carícias ardentes, entremeadas por interrupções para aparar goteiras ou dar xarope ao velho Jacó que tossia e resfolegava qual fole a ranger. No entanto, apesar dos percalços e da dureza do colchão, amanheceram felizes os nubentes.

Apesar de já formada, Vita logo descobriu a impossibilidade de trabalhar: a saúde precária do sogro exigia cuidados constantes, além da trabalhadeira que era manter em relativo estado de moradia a casa velha. Com o tempo, dedicou-se também a fazer leiras e a plantar hortas e pomar, o que permitiu economias na despesa. O terreno, antes cinza, vestiu-se de verde estampado com o vermelho dos tomates, o amarelo das laranjas e maracujás, o azeviche das berinjelas... Das frutas e verduras Vita passou a cultivar flores, muitas flores, embelezando e perfumando a vidinha difícil, mas ternamente amorosa do casal.

Um dia, Manoel chegou em casa e encontrou Vita mais que feliz, fazendo mistério:

– Amanhã, quando você vier para casa, quero que passe na floricultura e me traga uma muda de espatódea – declarou, com intenção oculta implícita no jeito pomposo com que o dissera.

– Espatódea?! Para que, querida? – inquiriu ele, curioso – Já temos tantas árvores...

– Mas vou querer uma espatódea! E não me pergunte o porquê... Depois você vai entender!

O mistério crescia, espicaçando a curiosidade e deixando desconfiado o marido. Mas, como ela estava evidentemente fe-

liz, a surpresa, se houvesse, só poderia ser boa... Tranqüilizado, ainda tentou algumas investidas até desistir de ficar sabendo do que se tratava; esperaria com paciência.

No dia seguinte, após passar em várias floriculturas procurando a muda mais viçosa, ele levou para casa a encomenda, envolta em folhas de papel de seda para não se danificarem as folhas tenras. Ela recebeu-a com o cuidado devido e, sorrindo um sorriso enigmático, avisou:

– Amanhã, antes de você sair para o trabalho, amanhã bem cedinho, ao nascer do sol, vamos plantá-la em frente à casa... Então você ficará sabendo do porquê de meu pedido e o que esta árvore representa! – falou, rubra de emoção, com lágrimas que prometiam regar o plantio.

Naquela noite, pouco dormiram; ela, por não se conter de alegria... a realidade era por demais maravilhosa para esquecê-la, ainda que por instantes e por melhor que pudesse ser o sonho; ele, por disfarçadamente vigiar-lhe a vigília feliz, escondida na madrugada que, todavia, encontrara um meio de deixar entrar o luar por entre as frestas das telhas vãs...

Lindo foi o amanhecer ensolarado! Céu azul e alto, brisa soprando suave, folhas farfalhando como se sussurrando o segredo aos ouvidos da manhã... Ela, de camisola branca; ele, de pijama de listras; ambos, de pés no chão – assim ela exigira – foram, de mãos dadas, caminhando em direção à porta da casa como se ao futuro, guiados pelo menino-sol que nascia... Ela estava linda e fulgurante – assim ele a guardou na memória – cabelos desfeitos no emaranhado da bem-aventurada noite mal dormida, peito arfante e mãos geladas, faces frias e lisas onde os primeiros raios de sol pareciam vir buscar a luz, olhos marejados de diamante líquido... Ali, com os pés no chão e a alma no paraíso, após terem juntos cavado a cova, ela anunciou:

– Manoel, sob uma espatódea nosso amor nasceu... sob

uma espatódea brincará nosso filho... – e já chorando: – ele será grande e forte como esta árvore que plantamos agora e cuidaremos todos os dias!

A metade do discurso da mulher perdeu-se na brisa que assoprava brincando em seus cabelos e entufando-lhe a longa e fina camisola... Manoel já não a escutava! Louco de uma alegria que se não explode, mata, ele deixou-a falando ao vento e saiu correndo, gritando aos quatro cantos: “Vou ser pai!!! Vou ser pai!!!” Voltou para a esposa que, calada, olhava nele a alegria dela! Tomou-a nos braços, carregando, nela, o filho.

Sem transtornos ocorria a gravidez; a barriga crescia em centímetros enquanto a tenra espatódea crescia em galhos, prometendo-se, em breve, árvore frondosa. A casa, apesar de velha, enfeitava-se qual vovó vaidosa para receber o neto que se avizinhava... O avô, que já morrera, deixara por todo o canto seus sinais, recursos talvez pensados com o intuito de não ser esquecido, de fazer-se mencionado e conhecido pelo neto tão ardente e silenciosamente esperado... Os pais, em transportes de alegria, cuidavam do berço, do enxoval, da escolha de padrinhos, coisas que fazem parte da chegada de uma criança à Terra, embora se sentissem habitando o céu.

Numa noite de tempestade, raios e trovões, nasceu o rei. Cor-de-rosa, prometia ser moreno como a mãe... os olhos de cor indefinida diziam ser do pai... quando dormindo, no berço acolchoado, lembrava o avô no chiado com que ressonava... No grande quintal, pássaros cantavam em revoada, ninando o infante que sonhava... as flores impregnavam com seus perfumes as roupinhas nos varais, e a brisa que as secava parecia tocar flauta para o encantar... tudo era paz! A terra era céu!

Uma complicação pós-parto, insignificante a princípio, evoluiu e preocupou... Vita foi, a cada dia, convencendo-se não ser vitalícia. Morreu numa manhã amena de primavera, deixan-

do no berço o filho por amamentar. Na cadeira, jogado como um trapo imprestável, ficou o marido, dor muda que palavra não sabe falar... desespero, vazio! Lá fora, a espatódea crescida apontava para o alto, jeito mudo de consolar.

Havia o filho!... Sob o pranto do pai cresceu a criança. À sombra da espatódea florida aprendeu as primeiras palavras, ensaiou os primeiros passos, os primeiros folguedos... A rotina moldara-se à tristeza, a dor se acalmava, encontrava seu lugar... A velha casa recordava-se como lar.

Tempos depois chegou àquelas bandas uma senhora-doença, vestida de negro; atacava a garganta das crianças, emudecia para sempre lábios inocentes. Os lábios sorridentes do filho do amor fecharam-se com ela, não resistiu à força com que o estrangulou! Houve tempo apenas para ouvir o grito lancinante do pai que sozinho ficou.

Mais morto que vivo era Manoel! Sem saber para que servia o resto de vida em seus membros, membros que, independentemente de seu querer, moviam-se levando-o para lá e para cá, acostumou-se a, ao cair da tarde, sentar-se no banquinho baixo, que fizera para o filho, sob a espatódea, e ali chorar. Chorar e recordar, recordar chorando e chorar recordando até que, sem se dar conta, sorriu com o que de engraçado tinham as lembranças, acendeu-se o olhar com o que de alegria revia em imaginação, acelerou-se o coração ante as mesmas emoções tantas vezes res-sentidas... das cinzas brotou a chama; do passado, o hoje; da morte, a vida... Manoel sobreviveu!

Como o tempo é remédio para toda dor – pois se não apaga a cicatriz, ao menos fecha a ferida –, restou um homem cicatrizado, cultivando na terra os símbolos do seu amor. Todos os anos, na data em que se conheceram, um Manoel vestido na melhor roupa sai para o parque próximo levando em pequenos vasos de argila que fabrica com as próprias mãos, viçosas mudas

de espatódea, prontas para serem transplantadas. Com um sorriso simpático no olhar bondoso, ele as oferece aos transeuntes com um pedido pungente a que ninguém resiste: “Senhor, plante-a em seu jardim!”, “Senhora, plante-a à sua porta!”. Como as pessoas que passam por ali são moradoras da redondeza, com o passar dos anos o bairro floriu!

Um prefeito encantou-se com vias tão belamente arborizadas e floridas de espatódeas... Em cerimônia de gala, com banda, discursos, foguetório e desfile de crianças, num dia de primavera afixou em placa de bronze, num monumento recém construído, o novo nome da rua: – em substituição ao nome de um ilustre qualquer, da oposição – “Rua das Espatódeas”. A linda e polida placa trazia ainda um esclarecimento histórico: “Via arborizada e inaugurada na primavera de 1986, sendo então Prefeito Sr. Dr. Fulano de Tal.” E como se não bastasse a declaração em bronze para conferir veracidade ao fato, trazia, ainda, gravada, a assinatura do tal.

Dizem que um velhinho magro, a cada ano mais encurvado, com passos trôpegos ainda distribui, no parque e adjacências, em minúsculos vasos de barro, mudas de espatódeas. O bondoso olhar, cada vez mais embaçado, acompanha a voz fraca na súplica: “Senhor, plante-a em seu jardim!...”



## **O *OUTDOOR***

– Boa viagem, querida... procure relaxar e distrair-se um pouco!

– Como relaxar? Você sabe o quanto estou preocupada!

– Sei... mas tente desligar-se um pouco, tudo há de dar certo, com fé em Deus!

– Mantenha-me informada... estarei rezando!

– Não se preocupe!

A última chamada para o embarque obrigou o casal a despedir-se; abraçados, por instantes falaram de si, das saudades que sentiriam um do outro naquele mês que prometia ser longo. Ela entrou na sala de embarque sob o olhar dele que a seguiu, silhueta deformada pela vista cansada por detrás das lentes grossas. Esperou que o avião decolasse e só então voltou ao carro: sentia-se só e abandonado. Faria o percurso de volta para casa amargando o banco vazio ao lado, pela primeira vez separavam-se por tanto tempo. Deu partida ao carro enquanto ainda ressoava em seus ouvidos a recomendação tantas vezes repetida: “Tenha cuidado ao dirigir, lembre-se de que você não enxerga bem... vá devagar!” É que, com os últimos acontecimentos, resolvera adiar a operação de cataratas indicada pelo médico; agora, sem a esposa, teria que assumir o volante e com muita cautela.

Enquanto isso, no avião, Helena tinha lugar marcado junto

a um senhor gordo que sequer acordara durante a escala, acomodando-se e ao nervosismo que com ela embarcara. Na verdade, desde que vira confirmada sua participação naquele curso há tanto tempo esperado, passara a temer o momento da viagem. Sabia da importância de fazê-lo para seu currículo de professora universitária, mas o afastar-se de casa era-lhe quase insuportável, sobretudo naquele momento difícil para todos! Pensara em desistir, mas Afonso convenceu-a – ou não estava de todo convencida? – a ir. Agora estava ali, como uma colegial na agonia de enfrentar o primeiro dia de aula em colégio novo. A lembrança da netinha levou-a às lágrimas e deu graças a Deus pelo senhor ao lado estar dormindo, perdido em paisagem onírica, talvez, pois detestava demonstrar seus sentimentos a estranhos.

Confortava-a a idéia de hospedar-se num convento: teria clima de recolhimento o que lhe permitiria o estudo e a privacidade de que tanto necessitava. Através da amiga de uma amiga tivera a informação daquele lugar recluso, e através de um padre amigo conseguira ser aceita como hóspede; estava no propósito de fazer-se invisível a fim de não perturbar a rotina e o sossego daquele lugar.

Uma aeromoça maquiada que revestira de azul as pálpebras de olhar castanho ofereceu-lhe o lanche convencional, e o fez de forma tão simpática que, sem perceber, ela o aceitou, embora sabendo-se sem condição de deglutir coisa alguma. Percebeu-se trêmula ao abrir um pacote de amendoins encapados e duros, mas tentou distrair-se mastigando-os. Ao vê-los saltarem de suas mãos qual atletas disciplinados correndo em fila, e alojarem-se entre as pernas do senhor nas dobras da enorme calça, Helena corou de vergonha! Agrupados em local de tão difícil acesso, como recolhê-los sem acordar o dorminhoco e sem correr o risco de ser acusada de assédio sexual?... Impossibilitada de fazer qualquer coisa, desistiu de pensar no assunto e optou por dei-

xá-lo imaginar o que bem quisesse ao acordar: ela fingiria nada saber. Logo, logo, esquecida do incidente, voltava às preocupações domésticas.

Ao final do pouso, tendo que passar por sobre as pernas do senhor que roncara por todo o vôo, enrubesceu ao ouvir o barulhinho dos amendoins caindo pelo chão da nave ao tempo em que, despertando, ele descobria ter chegado...

Pernas bambas conduziram-na ao táxi, mas as mãos que empurravam o carrinho de bagagem estavam firmes, sinal de que já reunia as forças despedindo a insegurança que permitira a acompanhasse até ali.

Já era noite quando parou frente a um portão de ferro, alto como o muro que circundava o convento. Esta era uma edificação secular com aparentes sinais de sucessivos reparos através do tempo: tentativas de tapar-lhe rombos nas paredes, rachaduras na estrutura, remendos de pisos que não se encontrava mais, ou de forros que desabavam... tudo limpo e polido como costuma ser em conventos. Um jardim desprezioso, quase nativo, dava à austera fachada um ar de singeleza contrastando com o estilo clássico do casarão.

O perfume das rosas penetrou nas narinas de Helena antes que se abrisse o portão, ao ser acionado por um cordão grosso ligado a um sino sobre a porta. Entrando por uma alameda que dava acesso ao interior, ela aspirou com enlevo a mistura de odores selvagens na noite de lua cheia. A porta larga e pesada, de madeira escura e entalhada, fora aberta por uma freirinha magra e alta de sorriso doce e acolhedor a quem Helena se apresentou como a baiana amiga do padre Tal, que vinha para um curso de especialização na universidade próxima etc., etc. Teria dado informações mais detalhadas não fosse a discreta mão de dedos longos e avermelhados sinalizar um “basta”. Deixada a sós por um instante, aguardou, empertigada em uma cadeira antiga de

espaldar alto, até ver entrar uma velhinha corcunda e baixa, de olhar vigilante e perscrutador, apesar do meio sorriso que mais lhe pregueava a face enrugada. Era a madre superiora com quem falara por telefone, ainda em Salvador. Minutos depois, encaminhada ao quartinho no sub-solo – pequena e despojada “suíte” – onde se alojaria pelos trinta dias seguintes, com boa vontade examinou a quase pobreza do ambiente de parco mobiliário: uma cama patente com colchão de capim – assim lhe pareceu – forrado em lençol azul desbotado, uma cadeira meio bamba, armário que mal se mantinha de pé, e uma mesinha com pretensões a escrivaninha; no minúsculo banheiro conjugado, toalhas ralas e alvas penduradas por prego na parede caíada. Tudo primava pelo asseio e um ar de austera dignidade grudava-se às coisas.

Helena tirava da mala peças de roupa para pendurá-las nos poucos cabides, quando discretas batidas à porta interromperam-lhe o devaneio e os gestos mecânicos: era irmã Fátima – assim se chamava a frágil freirinha que a tinha recebido – convidando-a a subir ao refeitório para jantar com “a comunidade” (o convento funcionava como casa de repouso para as freiras velhas ou doentes da congregação).

No refeitório, servida pela irmã Fátima que exercia entre outras funções a de copeira, Helena ficou conhecendo as demais freiras que ainda se locomoviam, e foi informada que muitas não mais saíam do leito. A refeição frugal permitiu-lhe saborear o gosto do essencial, alimento que, mais que o corpo, fortaleceu-lhe a alma. Sentiu-se, no entanto, desconfortável por ser assistida pela freirinha magra que quase tinha idade de ser sua mãe, e mais uma vez reparou nas mãos finas avermelhadas – mais tarde, notando a água quente que saía com fumaça das torneiras da cozinha onde ela lavava pilhas de pratos, indagou-se: “não será queimadura, a vermelhidão de tão prestimosas mãos?”

O curso começou... Helena acordava cedo, tomava um banho frio, melhor dizendo, gelado, àquela hora, vestia-se escolhendo roupas que pudessem ser descartadas no decorrer do dia quando o calor chegasse, subia as escadas de madeira que, velhas e gastas como tudo ali, rangiam a seus passos que pretendiam ser silenciosos. Mas jamais conseguira antecipar-se a Irmã Fátima que, ao que parecia, acordava mais cedo que o de costume e necessário só para fazer e servir-lhe um café saboroso, coado na hora, com fatias amanteigadas e tostadas como inadvertidamente dissera gostar – um dia ficou sabendo ao acaso que a bondosa irmã, privando-se da ínfima porção de manteiga a que tinha direito, usava-a em dobro no preparo das suas.

Os carinhos e desvelos da irmã Fátima não paravam aí: o caldo quente e perfumado, no jantar retardado... o doce de maçã preparado na hora, fruta colhida por ela para tal fim... o guardanapo velho, nas lavado e passado, dobradinho com esmero, guardando nas dobras o perfume das mãos que o dobraram... o olhar vigilante que a seguia do portão até o dobrar a esquina, nas manhãs frias e enevoadas... as preces ditas em segredo ao Santíssimo diante de quem, nas horas de repouso, se ajoelhava... o ouvido atento que se antecipava ao sino, esperando-a no entardecer...

Uma Helena agradecida procurava retribuir: com tortas deliciosas que trazia da rua, cobertas com morango e *chantilly*; abraços prolongados quando reclinava a cabeça sobre o ombro frágil que se oferecia e... mais nada! Helena fazia experiência da pobreza de nada ter a oferecer a quem tanto se lhe dava! Um dia, estando sozinhas sentadas na varanda em noite estrelada, Helena mais lhe falou da família, do bem-sucedido casamento de trinta e dois anos, dos filhos e, mais que tudo, da preocupação com a Vivi, única netinha e que nascera doente; diziam os médicos existir tratamento nos Estados Unidos mas ainda assim sem

certeza de cura. Para lá já a teriam levado não fosse o enorme prejuízo que sofrera o pai na empresa que gerenciava; quanto a ela e ao marido, além da aposentadoria deste e do seu salário na universidade, dispunham apenas de pequena quantia, reservada que fora para a velhice, mas insuficiente para cobrir os custos de viagem e tratamento. As duas mulheres choraram e juntas entraram na capelinha, rezando e comungando o sofrimento, dali saindo mais unidas e confortadas. A partir daí a freirinha passou a informar-se das notícias que vinham de Salvador e a manter acesa na avó a chama da esperança.

Helena não sabia como conseguia estudar em meio a tudo, mas estudava. A turma de colegas era animada, gente jovem e bonita oriunda de várias partes do país; organizavam passeios turísticos nos fins de semana e chegavam na segunda-feira falando das belezas dos lugares por onde andaram – Helena não os acompanhava, não se permitia alegrar-se.

Naquele sábado a excursão seria para Parati, lugar que ela sempre desejara conhecer com o marido, mas nunca... Durante a semana, por telefone, Afonso tanto a instara a fazer o passeio que ela, meio a contra-gosto, resolvera ir. Ainda estava escuro quando Irmã Fátima abriu-lhe os portões e, abraçando-a, desejou-lhe um feliz passeio ao tempo em que lhe segredou ao ouvido: “Estou com a impressão de que algo maravilhoso vai acontecer hoje...” “Sobre a Vivi?” – ouviu-se Helena, perguntando. “Pode ser...”, respondeu a freira, com ar de mistério.

No ônibus, Helena procurou ocupar um banco individual para continuar pensando: comovera-a a “impressão” da freirinha e o ar de suspense com que fora dito... refletia no que poderia ser um presságio em relação à neta.

O passeio transcorria prazeroso mesmo para Helena. A costa fluminense se revelava linda com suas montanhas rochosas em pleno mar, coisa que ela jamais vira; o céu azul e profundo

e o bafo marinho que entrava pela janela do ônibus, assanhando-lhe os cabelos, afugentavam o temor. Já com entusiasmo no sangue, Helena desabotoou um dos botões da blusa deixando a descoberto o colo alvo e arfante: valia a pena estar viva e, pela vida, tudo valia! Foi uma mulher renascida e rejuvenescida que pisou as pedras antigas e desiguais que cobrem as ruas estreitas e fascinantes, mágicas e cativantes, as ruas de Parati! Encantada, sem perceber, perdeu-se do grupo: gostou de ter-se perdido, ficava mais fácil se achar... Andou a esmo, tolamente, sem objetivo ou direção, sem intenção, conduzida pela leveza que de repente a esvaziava sem o pensamento na Vivi – coisa que a ocupava há mais de um ano –, sentindo-se anônima, desconhecida de si! Gostou de estar assim, como o vento que brincava em seus cabelos e enfunava-lhe a saia. Alçou vôo na manhã dourada com os pés no chão de pedras polidas e negras, passando e repassando pelas mesmas esquinas, esquivando-se, quase sem sentir, no desejo inconsciente de não encontrar o grupo barulhento. Redescobria particularidades há pouco vistas, encantava-se com o revisto como novidade primeira, sentindo “possuir” Parati, a cidadezinha que a seduzia.

Sem noção do tempo – não lembrava-se de olhar o relógio – sentiu fome. Entrou num restaurante àquela hora quase vazio e sentou-se num lugar ao fundo, mais afastado, pedindo um prato exótico sem atentar para as demais opções do cardápio; não sabia o porquê da estranha escolha mas, como tudo ali, ela não sabia e estava bem assim.

Sentiu-se intensamente olhada e instintivamente olhou na direção: desconcertou-se com o olhar fixo e contemplativo com que dois homens a miravam. Desviou a vista mas, de qualquer forma, perdeu o enlevo do vazio que experimentara: os dois pares de olhos pesavam sobre ela, imobilizando-a. Cogitou no motivo de tão grande interesse sobre sua pessoa, tentou ver-se como

alguém fora de si: estava vestida com roupas leves, apropriadas à circunstância, não havia sobre ela nada que chamasse a atenção; não era jovem nem especialmente bela... o que era, então? Considerava não ter mais idade para despertar paixões... mas então, o que era? O desejo de voltar a olhá-los era quase irresistível, mas receava comprometer-se, ou não sabia o que receava mesmo...

Instantes depois, tê-los de pé em sua frente foi como estar diante do inusitado, do não imaginado, coisa diante da qual não se sabe como reagir... olhava-os, mas como se não os visse. Delicadamente um deles, o mais velho, apresentou-se e ao companheiro:

– Bom-dia, senhora! Sou José Antônio, e este é Carl von Krof; somos fotógrafos profissionais e queríamos fazer-lhe uma proposta.

Helena, com um olhar vago, deixava evidente sua obnubilação. Decidido, o homem que falara tomou a iniciativa de sentar-se numa das cadeiras vazias fazendo um sinal para que o outro fizesse o mesmo. O falante retomou o discurso:

– A senhora deve estar surpresa, não? Mas eu vou explicar: eu e meu colega, que é alemão e fala quase nada de português, trabalhamos para uma empresa de publicidade na Alemanha... eu sou correspondente dessa empresa no Brasil... estamos fazendo fotos para uma fábrica de cosméticos... Senhora, a senhora está me ouvindo? – é que o olhar vago de Helena deixava confuso o homem que se explicava.

– Não! – finalmente falou – O que tenho eu a ver com os senhores e com suas fotos? – O corpo, aprumando-se, deixava claro a tomada de consciência e o poder sobre si.

– Explicarei, senhora.

Era noite quando Helena chegou ao ônibus há horas estacionado no local marcado para o embarque de volta ao Rio. Os colegas, entre impacientes e preocupados, perguntaram em

coro o que lhe acontecera, o por quê de se ter atrasado tanto... Mas não podiam partir ainda: uns três mais aflitos com a longa espera haviam decidido ir em busca de informações no posto policial sobre alguma possível tragédia, quem sabe, dispostos a esquadrinhar as estreitas ruas que, cansadas do burburinho do dia, despiam-se em calçadas desertas e lojinhas que, bocejando, se fechavam...

Era madrugada quando finalmente chegaram no Rio, alguns ainda enfezados, todos mais ou menos desconfiados ante a inconsistência das desculpas alinhavadas por aquela de quem, sendo a mais velha, esperavam maior decoro.

No convento, Helena encontrou, em meio ao silêncio e obscuridade na qual dormia a casa, uma freirinha magra e aflita com um terço nas mãos, a esperá-la... Satisfeita em ver aquela que adotara como filha, abraçou-a com júbilo sem nada perguntar, sem pedir explicações: o vê-la sã e salva lhe bastava! Após obrigá-la a engolir um copo de leite, mornando-o no instante, foi dormir sossegada como só os anjos.

Sozinha no quartinho sob as santas que lá em cima sonhavam, Helena no entanto sequer cogitava fechar os olhos: despida sobre o duro colchão, com o olhar escuro sobre o nada, sentia-se pecadora como nunca antes! Passou a noite em claro apesar da densa escuridão fora e dentro de si, pensando o que fizera e o que ainda faltava fazer...

De manhãzinha um sol refulgente esgueirou-se pelas frestas das venezianas de Helena, acordando-a de um sono agitado após a madrugada insone; quem sabe estivesse ela a tecer pesadelos de dromedários gigantes, atualização de horripilantes fantasmas da infância, pois foi com alívio que despertou.

Após a missa dominical celebrada por um padre velhinho que lhe pareceu santo, estando Irmã Fátima a lavar na água fervente a pilha de pratos do café matinal, Helena, não mais supor-

tando a tensão, achegou-se a ela e lhe segredou:

– Por favor, deixe-me ajudar a lavar a louça... preciso falar consigo o quanto antes, não dá para esperar mais...

Preocupada, a freira, ainda assim, com voz calma, asseverou:

– Não é preciso que me ajude; vá caminhar um pouco pelo jardim... dentro em pouco irei ter consigo.

Caminhando por trilhas sombreadas, Helena aspirava o discreto odor das flores, ouvia, sem escutar, o coral dos pássaros que cantavam e, acariciada pela brisa que em sua pele vibrava, iria se beneficiar da sabedoria da freirinha que por certo, tanto a tinha experimentado, pois que aconselhava com tanta precisão. A natureza foi fazendo seu milagre: a mulher já pisava mais levemente, a feição quase se desanuviara, os ombros caíram... descalçou os sapatos, desabotoou o primeiro botão da blusa – teria esse gesto algo a ver com seu estado de espírito? –, jogou os cabelos para trás e, quase num salto, saiu da alameda cimentada para pisar a terra ainda molhada de orvalho. Já então os pensamentos tumultuavam menos na cabeça pesada e os sentidos, acordando, faziam-na sentir nos pés a aspereza da grama maltratada, perceber o brilho do verde nas folhas tremeluzentes ao sol, ser sensível ao grosso e enrugado tronco da mangueira secular convidando-a a parar um pouco sob sua sombra... E foi o que ela fez: deixando escorregar o corpo doído no tronco de tantas marcas onde apoiou corpo e alma, dobrou-se até o chão. O suor, minando de poros que se dilatavam, umedecia a pele onde rugas e flacidez se adivinhavam.

Uma Helena relativamente calma viu, ao longe, o hábito escuro levemente agitado pela brisa e pelo caminhar lento daquela que vinha a seu encontro. As mãos avermelhadas pousaram nas mãos cruzadas sobre os joelhos que abraçava e, com ternura, afagou-as.

– E então, Helena, o que aconteceu?

O silêncio como resposta fez audível o sussurro da natureza, revelando o peso da “urgência” que, mofina ao chegar a hora, fazia-se esperar...

– A senhora se lembra de sua “impressão” de ontem? – finalmente falou, com um ar enigmático.

– Sim...

– Pois é... – e como a mudar de assunto, numa pergunta ilógica: – o que acha da mentira?

Cada vez mais preocupada, Irmã Fátima tentou ganhar tempo ensaiando um tom divertido:

– Onde lhe vem esse interesse repentino por tal assunto?...

– Responda-me, Irmã, por favor! – pediu, enquanto mantinha os olhos baixos e agitava um capim entre os dedos trêmulos.

– Considero ser a mentira uma tentação e, como tal, deve ser evitada.

– Na sua opinião, nada a justifica?

– Nada! Não acredito que do mal possa vir algum bem! – a mansidão da voz quebrava a dureza da declaração radical.

– E não pode um bem justificar o mal? Quero dizer, mentir-se para evitar um mal maior?

– Helena, você é uma mulher culta e madura, experiente e sensata: você não está querendo filosofar comigo, logo comigo que não tenho estudos nem argumentos para sustentar discussão alguma com você.. assim, o que você quer é revelar algo e sentir-se aliviada, não é mesmo?

– É, é verdade... mas antes quero saber o que a senhora acha da mentira...

– Para mim, mentir é manipular a verdade, é querer ser Deus e isso é pecado! Mas pode também ser um resto de criança em nós, não importa a idade que se tenha... – falou, juntando as mãos, quase abençoando, num sorriso de cumplicidade e mi-

sericórdia.

– A senhora nunca mentiu?

– Temo dizer que não, porque pode ser que o tenha feito e não me lembre; mas também dizer que já, pode ser mentira, pois, como disse, não me lembro de jamais tê-lo feito... o que não quer dizer que eu seja melhor que ninguém: pode ser falta de memória, pode ser também porque eu vivo tão na proteção de Deus que não tenho necessidade de mentir. Assim, nenhum mérito tenho nisso!

– A senhora é que é feliz!

– Mas então, Helena, o que a aflige desde ontem?

– Vou contar... preciso aliviar-me! A senhora tem tempo?

– As obrigações esperam; agora, só você importa! Mas será desconfortável ficarmos aqui por mais tempo, logo estaremos sob o sol... – e quase segredando: – há um lugar onde conversaremos sem testemunhas.

Puxando Helena pela mão, com uma agilidade de menina, a freirinha conduziu-a pelos fundos do convento até a rouparia. Lá, entre montanhas de roupas brancas, passadas e dobradas, com cheiro de goma e naftalina, Helena desabafou:

– Ontem fui fotografada semi-nua... ganhei em dólar o que faltava... acho que agora vai dar... Vivi irá aos Estados Unidos e, como a senhora diz, será curada, porque a Deus tudo é possível!

A Irmã olhou as próprias mãos escondendo os olhos que lacrimejavam. Em respeito à mulher que em sua frente desnudava-se – nudez mais verdadeira, porque da alma –, manteve os olhos baixos e todos os sentidos vigiando aquela que falava, acolhendo em si a outra.

Com voz seca e ríspida como a cortar a própria carne com a palavra, Helena foi, sem piedade, demorando-se em detalhes...

Sequer contestara ante a exigência de ser fotografada nua:

o sexo, velado entre as pernas cruzadas; o tronco ligeiramente inclinado deixando ver os seios levemente caídos, ainda belos e sensuais; o rosto voltado para a frente, onde um sorriso de estúdio punha em relevo os olhos negros e rasgados qual duas amêndoas de azeviche, olhos e olhar que tanto impressionaram os fotógrafos... Sem pejo combinara a quantia, exigindo o pagamento em dólar; sem titubear os acompanhara ao estúdio fotográfico improvisado num salão de hotel; deixara-se despír e maquiar pela moça simpática que via televisão enquanto os fotógrafos perambulavam à caça da modelo que se adequasse ao que pretendiam... Não piscara ante os *flashes*, não inquirira sobre pormenores da campanha que seria o lançamento de um produto para o corpo, produto que atenderia às necessidades da pele nas diversas idades (criança, jovem e velha já haviam posado, disseram-lhe, faltando apenas quem representasse a maturidade; já estando cansados de procurar nas multidões aquela que tinham em mente, eis que a vêem chegando num início de tarde, num restaurante vazio...).

– Tenho encontro marcado para amanhã, quando me entregarão os dólares... sei que irão, não desconfiei deles um só instante, apresentaram credenciais e mostraram-se bons profissionais, inclusive tratando-me com respeito todo o tempo...

A tudo ouvira Irmã Fátima em silêncio, até Helena, mais aliviada, declarar:

– Vou precisar de sua ajuda!

– Em que, Helena, posso ajudar?

– Minha preocupação é Afonso: ele não me perdoará! Sempre foi cioso de mim, ciumento muitas vezes, rígido em certas coisas... será que vai entender os motivos para o que fiz? O que teria feito ele, se lhe fosse dada a chance de ter a vida da Vivi nas mãos? Teria tido pudor?... Pensaria em moral?... Refletiria ser isso um ato de infidelidade?... Será que ele *pensaria*, ou *agiria*,

colocando-se a serviço da vida que espera por uma chance?... Eu não pensei: ante a possibilidade de mandar a minha neta para o tratamento, tudo o mais me pareceria relativo... digo *pareceria* porque, na verdade, nada me pareceu, entende, Irmã? Nem parei para avaliar. Nunca menti para ele, mas agora vou ter que fazê-lo e ele jamais poderá saber, seria o caos, o fim de um casamento que até aqui foi feliz! Oh, meu Deus!

Era uma mulher dividida e confusa que se derramava em prantos. A freirinha, dobrando todo o corpo num abraço, estreitou a mulher e aqueceu-lhe a dor...

Horas depois, em meio às roupas cheirosas, testemunhas do drama, as mulheres ainda se debatiam sem solução:

– Vou ter que justificar os dólares – Helena pensava alto – e é aí que a senhora pode me salvar...

– Como, filha de Deus?

– Direi que, apesar de a senhora ter feito voto de pobreza, sua família é rica, e que, condoída com meu drama, a senhora pediu aos seus uma ajuda...

– Helena! Consentir nisso é estar mentindo eu também...

– É verdade... perdoa-me, minha boa amiga, não tenho o direito de pedir-lhe isso!

– E o que dirá, então?

– Não sei, estou perdida! Para tentar salvar minha neta, vou ter que perder meu marido... Oh, meu Deus, como viveremos um sem o outro?

Agora era Irmã Fátima quem se debatia entre rochedos: de um lado, toda uma vida arraigada em princípios religiosos que, até então, traçavam com segurança seus caminhos e lhe garantiam o abrigo de uma consciência tranqüila; de outro lado, o inusitado de sentir-se pressionada a transgredir justamente o que lhe dava segurança para, em nome desses mesmos princípios, salvar uma família... Agora, ela é que, pela primeira vez

perdida em seus valores absolutos, perguntava-se o que fazer.

– Vamos rezar, Helena – disse, enfim, capitulada – vamos pedir a Deus uma luz!

Guiando-o como a um cego, ela o fez sentar-se no banco do carona, assumindo ela a direção. Mais de ano havia se passado... Vivi estava em sua segunda viagem aos Estados Unidos e respondia bem ao tratamento; a vida ia retomando a normalidade e Helena pensava no quanto é boa a normalidade contida na rotina, rotina da qual tantas vezes se queixam aqueles que nunca a tiveram interrompida por problemas sérios. Agora estava a levar Afonso ao hospital para tirar as vendas dos olhos, pois finalmente fizera a cirurgia, e dentro em pouco estaria de volta com ele enxergando.

Uma Helena aliviada via as coisas se encaixando e o riso desocupado retornar aos lábios das pessoas, lugar donde nunca deveria sair.

A gratidão da família à Irmã Fátima era enorme e, embora não a conhecessem pessoalmente, faziam questão de demonstrar-lhe afeto. A Afonso, sobretudo, incomodava o silêncio da freira sempre que lhe falavam da doação... Helena, fazendo experiência do quanto a mentira é parideira, alegava ser modéstia a razão do mutismo; chegou a implorar a todos não mais falarem desse assunto, já que a desagradava tanto. “Mas, como mostrar-lhe nosso reconhecimento – redarguia Afonso –, se ela nunca aceitou vir a Salvador nos visitar, apesar de autorizada pela mãe superiora?... Até parece que nos evita.” Helena sofria pelo distanciamento voluntário da freira que, para não referendar a mentira permitida, renunciava à alegria do reencontro.

A manhã estava nublada e fazia aquele friozinho gostoso no inverno baiano. O sinal fechou nas imediações do hospital, obrigando-a a breicar. Ainda que normalmente Helena nunca

atentasse para *outdoors*, não pôde desviar os olhos que se esbugalharam daquele que estava à sua frente... a palavra, morrendo-lhe nos lábios, deixou incompleta a frase iniciada. De olhos tapados, o marido ao lado percebeu algo de estranho, talvez na alteração da respiração, talvez no pânico estampado na fisionomia da esposa que ele não via, mas “sentia”.

– O que foi, Helena?

– Há?...

– O que foi?

– O quê? – demorou a responder.

O sinal abriu, mas ela não notou... o carro atrás buzinou... automaticamente tirou o pé do freio, engatou a marcha e deu partida... levando na mente a figura da mulher que atravessara o oceano, enorme no *outdoor*, mostrando os seios e escondendo entre as pernas a intimidade indefesa, fingindo estar o corpo besuntado de um creme qualquer...

Um pensamento perfurava-lhe os miolos e lacerava-lhe a alma: “Na volta ele vai estar enxergando!... enxergando!... enxergando!...”



## O NIGHTCLUB

O salão, abarrotado de gente e da fumaça de cigarros e charutos, parecia feérico na sucessão de luzes coloridas, luminosidade bizarra ampliada por esferas de espelhos a girar, dependuradas sob o teto. O ambiente psicodélico tinha o objetivo de explorar os sentidos dos frequentadores, causando-lhes a impressão surrealista de que tudo era permitido na pseudo-privacidade de um lusco-fusco intermitente. Naquele antro de luxo, após um *show* no qual, juntamente com outras meninas, sob acordes musicais, contorcera-se seminua em barras, num palco que emergira como por encanto do chão, Sandra dançaria toda a noite com homens a quem permitiria, por exigência da função, as intimidades mais íntimas de um corpo sem alma.

Após server lentamente alguns goles para dar ao cliente a quem acompanhava a impressão de estar bebendo, por instantes foi deixada a sós; quase que se escondendo por detrás da pilastra, corpo doído expressando dor que era da alma, ela vê aproximar-se um homem alto e forte, belo e quase grisalho, banhado na luminosidade azul do momento. Acercando-se dela, sem palavras e delicadamente, ele tomou-lhe a mão, levando-a a deslizar pelo salão sem chocar-se com os demais casais que, agarrados, dançavam sem ritmo e sem intenção.

Os acordes derramavam música suave no frio salão de granito, propiciando um clima de romance e sedução. Inebriada com a sensação nova ante o jeito inédito de ser tratada, ela logo foi conquistada, aspirando com deleite o odor de limpeza que emanava do homem, além do discreto aroma da loção após barba; deliciava-se com o toque suave da mão em suas costas nuas, da cálida mão segurando a sua; da orelha que de leve roçava sua face, fazendo-lhe cócegas que a relaxavam; do corpo que a aquecia sem ultrapassar a distância regulamentar com que se dança com uma digna dama. O corpo ágil e másculo a conduzia com ritmo e maestria, fazendo-a conhecer o prazer de uma dança!

Estranhamente a troca de luzes não acontecia, tudo imerso no azul que se eternizava, até que se ouviu um estampido e as lâmpadas de repente se apagaram. Um burburinho, então, seguiu-se à escuridão: gritos apavorados, arrastar de mesas e cadeiras, vidro de copos e de garrafas se espatifando no chão, na confusão que se instalou por todos quererem sair ao mesmo tempo. Igualmente estranho foi o som não ter sido interrompido, melodia romântica sobrepujada pelo barulho sem ritmo do alarido; estranho foi o par continuar dançando apesar dos empurrões no escuro, ele sustentando-a e amparando-a, conduzindo-a como se enxergando através da música que sabiam ainda estar tocando.

Passados alguns minutos, após a tumultuada saída de todos os outros, o silêncio, entrando por portas que foram esquecidas escancaradas, em meio à desorganização do ambiente, encontrou um jeito de se acomodar e, silenciando-se, escutou. A canção voltara a ser audível e repetia-se incansavelmente sem que houvesse uma mão para apertar um botão e fazê-la parar, o que poria fim, talvez, ao encantamento que enfeitiçava o casal aparentemente indiferente a tudo, deslizando como se em nuvem negra, apesar de a cadeira, que na confusão viera parar na pista de dança, fazê-los tropeçar, arranhando a alva e feminina perna

que no escuro sangrou. Mas a dança não foi sequer interrompida, braços agora frouxamente enlaçados já que não havia mais o porquê de se apertarem tanto!

Apesar da escuridão quase absoluta – bruxuleante claridade começava a entrar por frestas, anunciando o amanhecer –, Sandra fechou os olhos, pois de olhos fechados sempre se sonha melhor. Pela primeira vez reconhecida sua dignidade por um homem, ela exultava! Imaginou-se amada por aquele que a tinha nos braços, respeitada e resguardada num casamento feliz! Ela seria uma mulher pura como sabia-se ser ainda; recatada, como antes de ter aprendido a deixar de ser; inocente e ingênua, como fora um dia! Aquele desconhecido sem nada pedir, senão o dançar, aquele desconhecido a colocava em seu devido lugar! Por instantes fugidios, ainda que não tivesse divisado bem o seu, rosto, não soubesse seu nome, não lhe conhecesse a história, por instantes fugidios ela o amou! E o fez com tanta intensidade que, no abraço folgado, no hálito pressentido, no cheiro sem cheiro, no sussurro silenciado, ela se entregou.

Quanto tempo ficaram assim a “amar-se”, assistidos pelo silêncio que mesmo no escuro enxerga, ela não saberia dizer; sequer percebia que a música, já fanhosa, perdera o enlevo pela repetição, que gotículas de suor escorriam-lhe pelas costas na falta do ar condicionado, que as pernas tremiam e os pés ardiavam, doloridos: tudo era sinal de cansaço, enfado, consumação; só o coração disparava na corrida louca da paixão! Fora chegada a vez da alma, ela intuía, e esta se regozijava, melando-se qual criança que brinca na enxurrada ou se lambuza com guloseimas achocolatadas, empanturrando-se de afeto! Sentia-se com beicinho de dengo, fazendo birra, querendo mais... a alma celebrava! O corpo cansara-se, é verdade, mas o amor emprestava-lhe asas, alado no descompasso do disco que, sem alma, não tinha porque continuar tocando.

O dia já nascera de todo, parto difícil da noite que não tivera seus gemidos escutados... o sol entrava por corredores, ameaçando invadir o salão onde, agora sem música, eles ainda dançavam. Ele a soltou tão de leve como quando a enlaçara, e sem olhar nos olhos, sem dizer-lhe a palavra a noite toda esperada, saiu para a luz lá fora, escondendo-se na claridade!

Ela ficou só, ela e seus destroços como destroçado estava o *Nightclub* que não se incendiara. Olhou ao redor de si: este era o seu mundo, mundo sem amor, onde o prazer é servido em bandejas humanas! Apesar do riso fácil, dos vistosos adornos que pareciam jóias, dos perfumes, e dos vestidos espalhafatosos a cobrir-lhe as belas formas, ela sabia ter a alma maltrapilha!

Agora fora-se ele, aquele que a vira mulher e não apenas um corpo. Um raio dourado levava quem viera na difusa luz azul, saído sabe-se lá de onde para acender nela o desejo que não conhecia... “Por que fora assim?” – perguntava-se. Sentia-se diferente não mais se reconhecendo em sua pele alva, em suas formas delgadas e sinuosas, em seus cabelos longos e negros sobre as costas desnudas... bastara ser “tocada” para emergir de suas entranhas uma outra identidade! A “Bonequinha de Luxo” – assim era conhecida por todos, deixando oculto seu verdadeiro nome – começava a ler o falso enredo que escrevia, parando nos espaços vazios de uma alma esquecida.

Desarrumada interiormente, como o ambiente agora visto às claras, percebia o caos: dentro e fora dela! Mas, e ele? Por que a escolhera para dançar, e apenas dançar? O que o fizera resistir ao susto sem sequer fazer menção de parar e fugir dali como todos? Por que não fora contaminado pelo pânico, não considerara a possibilidade de estar ali correndo algum risco? Por que a retivera em seus braços, suavemente enlaçada, estreitando-a quando um empurrão a ameaçava no escuro? Por que a protegera escudando-a com o próprio corpo, por que, ó Deus, se iria

abandoná-la logo mais, ao primeiro raio de sol que ali chegasse, desencantando o encantamento que a escuridão resguardara e o silêncio escutara? Ela o amara, Deus seja louvado, ela o amara! Tinha agora um motivo para viver! Aquele momento, eterno na fugacidade de uma noite, haveria de permanecer!

Buscando em si a resposta à vinda daquele que não tinha nome, desenterrava em seus destroços o motivo de sua partida intempestiva. Tudo fora tão de repente... não tivera tempo de perceber, maturar, dar um destino, uma seqüência. Qual criança, encantara-se com o presente, pensando-o eterno, sem cogitar sobre a realidade e suas carências de mulher. Voltará um dia? Ou nunca mais? Quem sabe o “nunca” se canse, como se cansou a música que parou, a noite que findou, o abraço que se soltou... só ela não se cansará de esperar pelo amor que um raio de luz levou.

Na calçada, a claridade do dia ensolarado feriu os olhos notívagos que piscaram, o corpo cedeu e ela lembrou-se de estar cansada e doída. Com passos vacilantes dirigiu-se ao estacionamento onde entrou no velho carrinho e deu partida, indo automaticamente para casa. Àquela hora já se notava discreto movimento nas ruas: eram pessoas “normais” que se dirigiam ao trabalho após noite bem dormida. Apesar da sensação de vazio, reconheceu-se com inveja daqueles que, talvez lamentando mais um dia de jornada, tinham, no entanto, pessoas por quem trabalhar e uma programação doméstica, ainda que rotineira, para a noite, ao voltar: sentar-se em frente à televisão, ler um livro ou jornal, ou, ainda, lavar a louça ou peças de roupa, tudo entremeadado de conversa fácil ou troca de desabafos, vida em família.

Abriu a porta do exíguo apartamento onde morava num prédio modesto e, como se não o conhecesse e não fosse ela a inquilina, pôs-se a examiná-lo: em meio à desordem em que o deixara ante a pressa ao sair, armários abertos deixavam ver

vestidos berrantes e brilhantes, falsos acessórios de luxo, trajas de noite de quem vive em festas; a cama desfeita dividia espaço com a penteadeira onde potes de maquiagem se misturavam a vidros de perfumes; aqui e acolá um pé de sapato, tirado às pressas e com enfado, saltos altos fincados no tapete gasto como a perfurá-lo; na parede em frente, fotos em desordem, sozinha ou com colegas da noite, e em todas o sorriso falso disfarçando o olhar sem brilho; sobre o sofá solitário, uma bolsa esquecida.

De repente, ela se deu conta da falta de vida no lugar em que vivia, melhor dizendo, em que dormia, pois só isso fazia durante o dia: tentar recompor-se da noite para mais uma noite.

A avaria na fiação elétrica do *Nightclub*, motivo do apagão, pôs a descoberto o perigo até então escondido, e agora a Prefeitura exigia consertos daquilo que ela não fiscalizara; por alguns dias a casa se manteria fechada.

Inicialmente sem saber o que fazer do dia, já que não precisava dormir, pois, para isso, teria a noite, Sandra levou tempo sofrendo a desordem de um relógio biológico que insistia em bocejos e sonolência diurna, bem como em insônia noturna. Decidiu que sairia para andar um pouco, mexendo as pernas. Na calçada, os olhos não afeitos à claridade solar, mais uma vez piscavam e marejavam, exigindo lentes escuras para se acomodar; as pernas, graciosas na semi-nudez do palco, reclamavam do ritmo lento da caminhada que se impunha, no encantamento de apreciar vitrines, comprar um sorvete e vê-lo derreter-se, lambendo-o devagar, enquanto esperava o sinal abrir para atravessar a avenida; a novidade de parar numa banca de revistas e folheá-las sem pressa e depois levar alguma para casa para ler *à noite*; a delícia de comprar o peixe fresco na peixaria da esquina e prepará-lo, correndo o risco de salgá-lo, pois não sabia cozinhar.

Sandra descobria, qual criança curiosa para quem tudo é novidade, que cada coisa, por mais simples e banal que seja, tem

seu encanto, prazer escondido no sem sentido da pressa com que muitas vezes se vive. “Oh, que pena... os homens que conheço buscam bebida e sexo como fontes de prazer e aí se empanturram, embrutecendo-se; não conhecem o prazer de ‘degustar’ a vida nas pequenas coisas, o que aguça o apetite de viver mais e melhor!”, pensava, sentindo-se sábia.

Um dia, passando pela porta de uma floricultura, descobriu o óbvio nunca antes atentado: em sua morada não tinha plantas! Deu-se conta da necessidade de verde, de coisas vivas de que precisasse cuidar: comprou vasos e mudas de azaléias e margaridas, crisântemos e violetas. Aguou-as tanto que logo teve de lá voltar para melhor informar-se sobre como delas cuidar.

De outra vez, chegando em casa num final de tarde, após longa caminhada em que se familiarizava com o bairro, enterneceu-se com um gatinho que miava com cara de fome, enroscando-se em suas pernas enquanto buscava na bolsa a chave da porta. Sequer tentando resistir ao desejo e à alegria de estar enternecida, baixou-se e pegou nas mãos de unhas longas e pintadas aquele que, surgido como do nada, chegava para tocá-la – o que a fez associá-lo ao “homem de azul”, como o chamava, ainda que a roupa dele fosse escura e os cabelos prateados –. Ao felino não só alimentou, mas passou a dispensar-lhe carinho e amor como se àquele que a despertara para a vida!

Com o passar dos dias e já acostumada com a “diurnidade” – ela não sabia se essa palavra existia, mas de qualquer forma a empregava de si para consigo nos monólogos a que se acostumava; “se não existe é porque se esqueceram de colocá-la no dicionário ou porque ninguém jamais viveu a experiência que é só minha” –, ela adquiria viço e alegria de viver, ainda que sofrendo de amor por aquele de quem tinha apenas lembrança de sensações: o cálido toque, o perfume sem cheiro, o silêncio e o mistério.

O dia, melhor dizendo, a noite de voltar à função por fim chegara. Após apurada vistoria, já que o incidente tomara vulto na mídia por se tratar de local freqüentado por grã-finos, a Prefeitura concedera ao *Nightclub* autorização para o reinício das atividades. Tudo em Sandra opunha-se a regressar à “antiga vida que não é vida”, mas um sussurro quase inaudível fazia-se ouvir, apesar do vozeirão dentro dela: “Quem sabe ele retorne... só lá será possível”, assim conjecturava.

Uma Sandra estranha, apesar de ser a mesma, entrou no *Nightclub* na noite da reabertura. Aproveitando a parada obrigatória, a casa havia sido remodelada, ostentando mais luxo e brilho, tentativa de apagar a má impressão deixada pelo incidente. Como ela, o local era outro! Murcha e aérea por ali ela circulou, num misto de esperança e revolta; os olhos postos na entrada aguardavam aquele que uma vez enchera-lhe o olhar.

Sandra esperava. Luzes coloridas revezavam-se brilhantes e mágicas, mudando a seu bel-prazer as cores de coisas e pessoas comandadas como se fossem pedaços de vidros coloridos num caleidoscópio que mão invisível fizesse girar; pareciam hipnotizados sob a ordem do prazer que não os deixava pensar. Só ela enxergava, sentia, pulsava. Banhada na mesma fonte multicolor, e, como todos, também ela mudando de cor, não se deixava enganar; sob foco de outra “luz” ela vigiava... e esperava.



## DEZ ANOS!!!

Eron era comprido e mal feito, no dizer de todos. Filho caçula numa prole de três, vivia com a família numa cidadezinha onde o pai tinha um pequeno negócio e a mãe era costureira.

A rotina do menino começava cedo: levantava-se com o sol e fazia a higiene matinal no enorme quintal onde havia uma tora de madeira sobre dois paus fincados. Negra e rachada que nem pele de anciã escrava, a tora tinha, além da secular idade, muita serventia: é que, não dispondo a casa de lavatórios e outros luxos como banheiro e vaso sanitário, a família fazia as necessidades no quintal, utilizando-a como apoio para bacias, toalhas, espelhinho, sabão, pente e muito mais, tudo protegido pela privacidade verde de bananeiras, coqueiros, mangueiras e cajueiros – o que não os impedia de, vez por outra, terem seus atos mais privados devassados por inoportunas galinhas que, moradoras do lugar, sentiam-se no direito de ciscar as fezes ainda quentinhas, ameaçando bicar também o bumbum branco e agachado aos raios de sol que se infiltravam por entre os galhos, iluminando o ritual.

Como o “sanitário” era vasto, as três crianças com frequência o usavam ao mesmo tempo; eram momentos inesquecíveis que mais pareciam recreio sem que a labuta sequer tivesse iniciado.

Logo mais, o menino disputava com os irmãos glutões, ao pé do fogão de lenha – no meio da enorme cozinha enegrecida de fuligem e teias de aranha que se dependuravam do alto telhado de telhas vãs –, uma caneca de café fumegante e uma banda de pão com cheiro de fumaça, aquecido que fora na trempe do fogão que soltava, pelas quatro bocas escancaradas, bafo de nuvens cinzentas.

Vestido em calças curtas e camisa puída sob os suspensórios – geralmente a roupa era feita para o mais velho que não tinha de quem herdar, único a ter direito a vestir novo; esta esperava pelo segundo até chegar ao terceiro, após sucessivas lavagens e remendos –, carregava sob o braço caderno e livro de leitura, levando lápis e borracha amarrados à cintura. Fazia em passos largos o que lhe parecia longo percurso até o Grupo Escolar onde se destacava dos demais, carregando nas costas o peso de ser “obediente e responsável, o melhor da classe”.

Ao meio dia, estando a roncar a barriga, as pernas compridas de joelhos pontiagudos – os joelhos eram o inferno para o menino que não podia protegê-los das gozações; não podendo usar calças compridas antes dos dez anos, pois assim era costume na época, significava ter ainda dois anos de padecimento! – faziam o caminho de volta para casa onde um prato de pirão com galinha o esperava. – Seria esta, aquela que bicou seus excrementos pela manhã, esparramando-os ao ser enxotada com o meneio do bumbum assustado?

À tarde, enquanto os irmãos brincavam no quintal, Eron, sentado aos pés da máquina *Singer* onde a mãe costurava, fazia os deveres de casa. Caderno limpo, com letra bem traçada, ele lambia os beiços de satisfação antevendo a expressão de aprovação da professora que o gabava, conduta que lhe valia inveja e rivalidade dos colegas que, descobrindo seu ponto fraco, o apelidaram de “joelho cara de macaco” pois, olhando bem, os ossos pontudos lembravam a cara assustada de um sagüi.

Deveres feitos, hora da farra: o quintal virava parque de diversões, coisa de que ouvira falar e imaginava! Gangorra feita de corda e pedaço de caixão; montanha russa de íngremes subidas e descidas no escorrego em troncos de árvores; tiro ao alvo com badogues e pedregulhos, balas fatais na fantasia de guerra; corrida de carros feitos de caixões e rolimãs, velozes na imaginação e os melhores na criatividade que satisfaz.

Ao pôr do sol, era preciso apressar-se para, ainda sob os últimos raios de luz, tomar banho na bacia de alumínio no chão do enorme quintal, ao lado da tora. Ali lavava-se o primeiro, servindo a mesma água para molhar o segundo antes de ensaboar-se. Um balde posto ao lado garantia água limpa para o enxágüe, apesar dos respingos que nele caíam no estardalhaço do banho público. Havia apenas uma toalha para os três, e tê-la enxuta era sorte a ser tirada no *par ou ímpar*.

À luz do candeeiro, um caldo ralo era servido, mistura das sobras do dia. O café quente era acompanhado de broas e bolachas, regalos que o pai trazia.

Na varanda enluarada, o pai fumava o cigarro de palha que enrolara com dedos manchados de alcatrão, vagarosamente e com ciência, e com cara séria e voz pausada contava à mulher os fatos do dia. Uma atmosfera de preocupação às vezes era percebida pelas crianças que, perdidas na brincadeira, disputavam corrida de formigas se a parca iluminação permitia, ou, quando não, mergulhavam o olhar na escuridão lá fora, atraídas pelo pisca-pisca dos vaga-lumes que mais salpicavam de estrelas a terra cá em baixo do que lá em cima havia no céu estrelado...

A hora de dormir, sempre seguida de protestos engolidos em silêncio ou, quando muito, sussurrados, era cobrada com rigor pelo olhar autoritário do pai que os inibia. Na larga cama que os três compartilhavam, não raro o sono era interrompido por uma cotovelada na boca do estômago ou na cara, já que o

sonhar nem sempre era tranqüilo.

A casa ficava no fim de uma rua deserta. Após boa caminhada por chão batido, chegava-se à pracinha, lugar onde, no quase nada, tudo acontecia! Árvores seculares de troncos retorcidos sombreavam bancos esparsos onde mendigos e vagabundos descansavam no calor do dia. No centro, um coreto de pilastras e arabescos dava à despreziosa pracinha um ar de requinte, como se estivesse um nobre perdido entre pobretões... Ali apresentava-se a Filarmônica nas tardes de domingo. Eron chegava à comoção diante da tuba, do sax, do trompete, do trombone, da flauta, do clarinete, dos pratos e do bombo, instrumentos de metal flamejante ao sol... Sonhava em um dia ser grande para usar calças compridas e tocar na Filarmônica; não haveria honra maior!

Lembrava-se do dia em que, no colo do pai, vira um filme, o primeiro e, até então, o único! Fora há três anos, quando o alto-falante da praça anunciara que no domingo à noite haveria um grande evento: a projeção de um filme! De ouvir falar muitos sabiam que existia, mas... ver mesmo, só os viajados, que chegavam arrotando vantagem, dizendo terem ido ao cinema!

Antes mesmo do horário marcado, todo o povo engalanado já estava na praça, tendo trazido de suas casas cadeiras e bancos onde se assentavam disputando melhor lugar ante a tela branca armada no coreto. Era um filme de Carlitos; a projeção, cheia de acidentes devido à má qualidade da fita e à total inexperiência do improvisado operador, agradou em cheio, arrancando da platéia entusiasmada aplausos e vivas! Eron nada entendeu, mas impressionou-se com as imagens em movimento. A experiência ficaria gravada na memória da criança que misturou ao real o que o imaginário acrescentava!

Na vidinha pacata da família, a rotina era periodicamente quebrada pela ida do pai à capital, a negócios. Os dois filhos

maiores já o tinham acompanhado; Eron, por ser o menor, nunca fora. Voltando dessas viagens que se revelavam verdadeiras aventuras, os irmãos falavam pelos cotovelos, narrando com olhos esbugalhados o que tinham visto: trem deslizando por trilhos na mata sem fim... navio maior que caminhão, na água, sem afundar... – não mencionavam o enjôo com a marola, mar onde ondas pareciam brincar de picula, correndo umas atrás das outras... cidade grande onde gente se perde e tem casa em cima de casa... luzes coloridas que acendem e apagam sem parar... Eron tentava imaginar essas coisas mas não conseguia; eles exageravam as maravilhas da capital desorganizando a imaginação daquele que tinha a infelicidade de ser pequeno!

Um dia, o pai anunciou: “Amanhã cedo vou à Bahia, e você, Eron, vai comigo!” Uma bomba não teria reboado mais que o coração do menino! Naquele resto de dia não conseguiu sossegar: pulava de excitação atrapalhando a mãe na costura, queria ver a sacola arrumada, não comeu nem dormiu. De manhãzinha, adivinhando o despertar do pai, pôs-se de pé, enfiando-se na roupa que a mãe deixara separada para a viagem. Escovava os dentes e a cara insone já estava lavada quando o pai chegou ao quintal, para aliviar a urgência da bexiga e fazer a toalete.

Na Estação foi difícil conter a necessidade de fazer xixi a toda hora; de mãos dadas com o pai e com o coração na boca, viu, finalmente, o trem chegar... com o ar de triunfo que só os que esperam sabem o que é, subiu os degraus que o levaram ao vagão naquela que seria sua primeira e inesquecível viagem!

O repetitivo resfolegar da máquina e a monótona paisagem sertaneja, acrescida da noite insone, adormeceram a expectativa do viajante que, sem sentir, resvalou a cabeça para o colo do pai, dormindo sono pesado. Mais tarde, acordado aos solavancos, foi instado a correr para pegar o navio. Da estação onde desem-

barcou ao porto de onde zarpou, o menino foi voando, puxado pelo pai que, com a outra mão, sustinha ao mesmo tempo o chapéu na cabeça e a sacola no braço... Eron, impedido de olhar para os lados e de se lastimar pelo que perdera de ver, tinha consciência apenas dos joelhos ossudos que estalavam dobrando-se além da condição. O navio fora alcançado, felizmente; seguiu-se a carreira para conseguir assento, pulando por sobre cachos de bananas e de cocos verdes, sacos de repolho e rolos de corda, escorregando em bagaços de frutas pelo chão e pés de gente... a pressa era misturada à decepção de não ser o navio mais bonito que um caminhão! Conseguindo um lugar estreito para sentar-se, o pai o deixou de pé, ao lado. Ainda esperançoso de descobrir as maravilhas das quais os irmãos falavam, lançou o olhar aos quatro cantos: queria gravar tudo para depois contar. Entretanto, apesar de deslumbrado com o mar pela primeira vez visto, o navio jogava e jogava... e ele vomitava!

Arrependido de o ter trazido, o pai dava sinais de impaciência, o que o levou a engolir o vômito algumas vezes. A certa altura, o desespero de Eron era maior que seus olhos esbugalhados, maior que a onda que escondia a costa, maior que o vento que sibilava cortando o ar... foi um menino amarelo e alquebrado que desembarcou, sustentado por um pai feroz que vociferava: “Nunca mais te trago!... E pensar que ainda tem a volta... teus irmãos não me deram trabalho!...”

Em terra firme, mais refeito, foi içado para o ônibus que os deixou próximo à casa do tio onde se hospedaram. O resto do dia foi passado em brincadeira com os primos, todos mais velhos que ele.

No dia seguinte, era domingo, Eron estranhou os primos não quererem continuar a brincar na rua depois do almoço; ao contrário, como se tivessem combinado, puseram-se sucessivamente a tomar banho e vestir suas roupas domingueiras. Senta-

do a um canto e descartado como carta de baralho, Eron nada entendia; tímido, no entanto, também nada perguntou. Viu quando os primos pediram ao pai o dinheiro para o cinema... a estranheza do tio por não terem convidado o primo visitante... a justificativa dos meninos, reforçando-se mutuamente de que o primo do interior era ainda pequeno e que o filme era impróprio para dez anos... “mas ele é comprido, pode passar como se tivesse”... “mas não pode entrar de calças curtas”, intervinha outro... “e nenhum de vocês tem uma calça comprida que possa emprestar?”, inquiria o tio, preocupado com a cortesia. “Podem ir... amanhã eu o levo ao cinema!”, falou o pai, pondo fim à querela.

No dia seguinte, esquecido das agruras da véspera ante a novidade de sair com o pai e conhecer a cidade, o menino apertava a mão grande que se deixava segurar, no medo de perder-se; andou e andou por ruas estreitas e tortas apinhadas de gente, na via-sacra do pai que comprava mercadorias para o armazém. Apesar do cansaço que bateu pela falta de graça do programa, não deixou de atentar para “as casas em cima das casas”, agora entendendo o porquê de não conseguir imaginá-las antes: é que pensara em casa com quintal grande que nem a sua...

À tarde, já esquecido da promessa feita no dia anterior, o pai, por comodismo, resolveu passar no Cinema que um cunhado gerenciava e com ele deixar Eron; viria buscá-lo ao terminar as compras. Vendo-se a sós com o sobrinho em meio a toda aquela papelada no escritório, o bom homem resolveu proporcionar ao garoto alguma satisfação; chamando-o de lado, disse-lhe ao pé do ouvido: “Vou deixar você ver o filme; mas, caso o fiscal lhe pergunte a idade, diga que tem dez anos, ouviu? Não se esqueça: dez anos!” e, conduzindo-o pelo braço por sob a densa escuridão, deixou-o sentado na última fila.

O receio assentou-se ao lado do menino: “e se eu for desco-

berto?... e essas calças curtas?...” O filme na tela distante não era suficiente para acalmá-lo! O pavor o tomou de assalto quando sentiu-se iluminado por um foco de luz nas pernas nuas... encolheu-se, dobrou-se sobre elas na tentativa inútil de escondê-las... O lanterninha, no entanto, sem de nada se dar conta, seguiu em seu intento de encontrar lugar para um retardatário, e felizmente a luz desapareceu na escuridão que a engoliu!

Mais um tempo... e o infernal jato de luz volta a passar rente por suas pernas trêmulas, gaguejantes, quase gritando nos ossos pontudos que ameaçavam perfurar a pele, denunciando-se. Mais uma vez, e mais outra... Os intervalos na intermitência serviam para o contraventor imaginar-se saindo preso, ladeado por soldados ferozes que o amarrariam num calabouço, como lhe contara um colega perverso... Suando por todos os poros enquanto os invisíveis expectadores do filme riam no escuro, indiferente ao que se passava na tela, o menino era espectador de sua própria agonia, preso à idéia fixa qual eletrocutado em fio de alta tensão...

Era densa a escuridão no cinema e na alma do pequeno fora da lei! Vivenciando a escuridão como imensa capa negra a esconder diabólicos fantasmas, o menino nada via senão os pontiagudos joelhos que brilhavam no escuro como se fluorescentes fossem, a chamar a atenção para suas calças curtas, prova do seu crime! O medo avantajava-se, incentivando a corrida louca da adrenalina por suas entranhas, fazendo encher-se a bexiga que parecia gotejar nas mãos trêmulas e úmidas.

O escuro o pintara de negro e o fizera invisível, é verdade, e assim não fora; assustar-se-iam aqueles que o vissem tão pálido qual cera de vela! No desespero, torcia as mãos e as apertava às coxas, na semiconsciência do fluido que ameaçava romper as frágeis barreiras dos esfíncteres mofinos.

Atolado no desespero fisiológico e nos horrores da alma

submissa acostumada a obedecer, nosso menino, herói e vítima, sentindo no escuro uma mão tocar-lhe o ombro, pulou da cadeira ao tempo em que da garganta saiu, rasgando-a, o grito que o salvaria: “Dez anos!!!”. As calças curtas não tiveram pano suficiente para absorver o líquido morno que, ato contínuo, escorreu-lhe pelas pernas nuas... Assustou-se o tio – e, quiçá, todo o cinema – que vinha trazer-lhe um chocolate!

As mãos suadas e trêmulas, agora também envergonhadas, custaram a desenrolar a guloseima e deixá-la descer goela abaixo, no silêncio à pergunta sussurrada pelo tio desconfiado: “O que foi??? Por que o susto???”

Na tela, indiferente a tudo, o filme passava.



## LILI DA ESTAÇÃO

Era uma estação ferroviária de entroncamento nos arredores de uma pequena cidade, próxima a outros pequenos centros comerciais compostos de vilarejos e grandes fazendas. Por ali escoavam os produtos da região, sobretudo da pecuária e agricultura, além do vai-e-vem dos fazendeiros – alguns eram políticos influentes –, dos habitantes das vilas e da cidadezinha, dos trabalhadores rurais e de todo o povaréu que, pelo movimento diário que se via, não era de muito se acomodar no lugar. Uma estação antiga, tombada como patrimônio histórico, relativamente grande e bela, denunciava, através da má conservação de suas paredes e de toda a sua estrutura do século passado, o descuido com que era tratada e a decadência política da região.

Nesse cenário, misto de reminiscências do fausto – evidente no belo e trabalhado sino centenário que em outros tempos avisava aos desavisados passageiros a partida do trem; no guichê adornado de gradil em florais, obra-prima importada da França, é o que se dizia; nos azulejos portugueses que, resistindo ao tempo, ainda revestiam parte das paredes estragadas... – e o maltrato sofrido ao longo do tempo, estampado no desgaste, no descuido, na sujeira que o varrer indolente de cada dia não removia, nesse cenário circulava Lili.

Ainda menina, viera para a companhia de uma tia velha

que jamais saíra da cidade onde nascera e fora criada. Sendo Lili filha única e tendo perdido prematuramente a mãe, ficou literalmente só, quando, aos treze anos, perdeu também o pai. Recolhida pela tia, mudou-se de mala e cuia, como se diz – ainda que a mala troncha onde trouxera seus pertences mais lembrasse um embrulho mal feito –, vindo habitar, não por opção, mas por pura necessidade, na casa mal-assombrada e em ruínas onde a velha vivia sozinha como alma penada.

Não fora fácil a adaptação à nova condição, ao novo *habitat*, à nova vida. Mas a menina, qual planta confinada que descobre o jeito de crescer em direção ao sol, encontrou um meio de sobreviver ao caos... e o fez através do que de mais doce produz a natureza: o mel.

A tia Filó – assim se chamava a velha – recolhia das colméias que tinha no fundo do enorme quintal, com facilidade e maestria apesar da miopia que a deixava quase cega, o mel com o qual fazia, mais por costume que pelo desejo de adoçar a boca de alguém, balas redondas e uniformes, deliciosas e transparentes em sua cristalinidade de cor âmbar, tão treinada estava ela! Foi num entardecer dourado que, não dispondo de outra guloseima que não fossem as benditas balas para minimizar a amargura dos dias monótonos e solitários, Lili pensou na possibilidade... Consultou a tia que respondeu com um muxoxo descrente, ela que não tinha outro desejo senão a continuidade à qual se acostumara; mas, após uma noite insone, pôs-se a inconformada jovem a caminho...

Uma quase menina em seus quinze anos, sandálias gastas na poeirenta estrada, um saquinho de balas amarrado à cintura delgada e o olhar mirando a esperança, caminhou em direção à Estação... Não sabia mercar, mas inventaria. Onde colocar a vergonha? Na barriga vazia. Como fazer freguesia entre aquela gente pobre? Fazendo-os desejar. Não seria injusto arrancar-lhes

os tostões? Adoçaria suas bocas amargas, em troca...

Chegando à Estação desmontou-se com a falta de jeito, a covardia da coragem que fugiu deixando-a sozinha, a tibiez da voz gaguejante que não convencia ninguém. No fim da tarde, uma Lili fracassada levava pelo caminho de volta o saquinho de balas... meladas como se tivessem suado no calor da tarde ou, talvez, molhadas em lágrimas de frustração por ninguém as ter querido!... Mas a menina inconformada que sonhava aprendera que, para trazer um sonho do mundo imaginário onde habita para o mundo da realidade onde acontece, só a persistência consegue... e paciência é o que não lhe faltava! No dia seguinte, ela fez o mesmo percurso, mais noutro e mais noutros... até a voz já não mais gaguejar, a palavra de convencimento não mais vacilar, o olhar não mais fugir e encarar, o desejo de vender fazer-se desejo de adoçar: a boca desdentada do velho que aguardava o trem para ir ao médico em busca da saúde que perdera nas terras dos coronéis..., a amargura da mulher, que, descobrindo-se traída pelo amante, fugia do casebre onde se amancebara, levando na valise estragada restos da alma entre trapos e lembranças... o bico de manha da criança rica, filho de dono da terra, que não conhecia o gosto de deliciar-se com uma bala melada, comprada a preço de quase nada, mas... o paladar barato da moça do guichê, que, em movimentos rítmicos de lábios pintados, mordía pedaços de palito, hábito oral que talvez lhe saciasse a voraz libido... o apetite proibido do coronel, homem casado, que enviesava o olhar comprido despindo por detrás do guichê o corpo avantajado da moça que exibia, por entre o gradil francês que a separava do público, fartos seios que prometiam saltar do generoso decote a qualquer momento...

A primeira bala vendida foi a uma criança birrenta que, acostumada a mimos e a ter satisfeitas as exigências, berrou e esperneou querendo a bala! Vencida a frágil resistência mater-

na, e vendo a mãe que a mocinha que a vendia era simpática e limpa, comprou para o filho, uma, escolhendo dentre tantas a de melhor aspecto. Derretendo-se fácil na boca gulosa que a chupava, a bala deixou gosto de quero mais, suscitando novas lágrimas e chantagens... À mocinha que sabidamente não se afastara, foi solicitada uma profusão de balas, pois o ditador mirim avisava que queria “um monte!” Como o trem demorasse a chegar, entediada com a espera e, quiçá, com o filho malcriado e guloso, talvez sem mesmo notar, meteu a mulher, na boca, uma bala açucarada... deslumbrada, acordou do torpor percebendo-a saborosa! Comprou de uma vez todo o estoque, pensando em levá-las de presente para os sobrinhos na capital – não contava com a voracidade do pirralho que fez toda a viagem melando-se no melaço que lhe escorria da boca, chegando ao destino sem uma bala para remédio... a disenteria que o acometeu no dia seguinte quiçá o tenha deixado enjoado de mel para o resto da vida!

A partir daí, o consumo de balas de mel cresceu, passando a menina a ser conhecida como “Lili da Estação”. Dos maquinistas aos coronéis, todos compravam as balas que adquiriram fama, chegando a “viciar” alguns, como dona Floripes, a moça do guichê, que substituiu os insossos palitos pelos melosos melados.

A tia Filó, feliz com o sucesso de seu trabalho, passou a comprar mel para complementar a produção de suas colméias, a fim de que não faltasse o produto no mercado. Com o tempo, foi preciso diversificá-lo, adequando-o ao gosto dos fregueses que se tornavam exigentes: uns as queriam com gengibre ou canela, outros com limão ou goiaba...

Na Estação, Lili crescia... em estatura e beleza tanto quanto em esperteza. Morena – se não de nascença, mas pelo quanto de sol apanhava nas idas e vindas para a Estação, único

lugar que freqüentava –, espichara ossos e pele macia na esbelteza de aparência esguia; discretas curvas ocultadas por vestidos ralos de pano barato suscitavam a imaginação de quantos a viam... na cara de tacho, mais destacavam-se os olhos, duas gotas de precioso mel! Olhos de mel tinha a menina, deixando nos lábios o mistério a ser desvendado mais tarde, quando, nas subidas às classes do trem, ela lamberia com o olhar doce um jovem mancebo que de seus lábios provaria...

Antes, no entanto, de ser iniciada na arte do amor, ela tornou-se mestra na arte da vida: com o olhar perspicaz, olhava a aparência e via a alma. De tanto ouvir retalhos de conversa e adivinhar o resto; de tanto ver as pessoas chegando ou partindo e depreender de suas fisionomias seus estados de espírito; de tanto avaliar pela bagagem o motivo e a duração da viagem; de tanto que tanto, aprendera, qual feiticeira ou santa, a desvendar o mistério das coisas e o destino das pessoas. De índole boa, usava de sua “ciência” para ajudar. Assim é que, sem querer imiscuir-se na vida dos outros, ajudou um maquinista a conquistar a cabocla encarregada da limpeza e por quem se apaixonara, levando recados e aconselhando, marcando encontros sob o luar... através de conversa mole e aparentemente sem propósito, suscitou dúvidas na mulher do farmacêutico sobre as freqüentes viagens que este fazia, indo de trem até a estação mais próxima para encontrar-se com uma jovem a quem alugara casa numa ponta de rua... informou ao padre, com a cara mais inocente do mundo, que o sacristão, homem ingênuo e bobo, rondava pela Estação, quem sabe atraído pela negrinha safada que vendia cuscuz e bolo de aipim, e o olhava com olhos de santa... insinuou ao chefe político, homem poderoso e rico, com sutileza que daria inveja a diplomatas, que um partidário o difamava espalhando boatos “verídicos” a seu respeito... Assim, sem sair da Estação, informava-se e informava a quem de direito, completando com suas

deduções o que faltava dos enredos.

Certo dia, Lili descobriria ao acaso um excelente ponto de observação: num passar de olhos percebera, por detrás de uma coluna, uma espécie de degraus, restos de demolição, que dava acesso a um desvão próximo ao telhado, lugar onde, talvez, pudesse descansar e até tirar um cochilo, um refúgio no cansaço do dia. Com a agilidade das pernas jovens acostumadas a vencer distâncias, escalou sem dificuldade os “degraus”, indo aboletar-se lá em cima onde a brisa refrescava através das telhas vãs. Dispunha-se a uma modorra recostada à fria parede, quando um gemido seguido de outro e mais outro a pôs em alerta: bondosa, procurou com o olhar a vítima pensando em socorrê-la... foi quando vislumbrou através de frestas no forro a cena lá em baixo, dando-se conta de estar sobre o sanitário da Estação. Imobilizou-se com o que viu, não só pelo inusitado mas também pela vergonha! Algo de si dizia-lhe para não olhar, que era pecado, que Deus a castigaria... mas outro algo gostava do que via e se excitava. Dona Floripes, descomposta e desabotoada, estando à solta as carnes flácidas de pele alva, balançava-se despudorada na refrega em que era possuída pelo coronel, aquele mesmo a quem tantas vezes Lili vira lambendo-a com o olhar lascivo ao passar, estando ela no guichê a vender bilhetes, com a boca cheia de melaço do caramelo que, ao que parecia, não chupava, deixando-o derreter-se na boca para que os que a comiam com os olhos babassem de desejo pela boca rubra adocicada... A mulher oxigenada deixava escorregarem por suas banhas as mãos ousadas que a apalpavam... Ela gemia, enquanto ele quase urrava!

Imóvel, com os olhos grudados na cena, Lili tinha noção do quanto seu coração disparava. Finda a batalha, o homem abotoou-se e saiu sem sequer olhar para a mulher, sem nem mesmo perceber que levava, nos lábios, manchas do batom carmesim com o qual ela o marcara; ela, sem mais corar de amor

ou de vergonha, ocupou-se em colocar para dentro das roupas estreitas e curtas as avantajadas medidas que não sabiam se encolher e, abrindo uma bolsinha que recolhera de sobre o lavatório, sacou o batom passando-o repetidas vezes sobre os lábios esgarçados...

Lili precisou de tempo para recompor-se e voltar a seu posto de venda; imaginava dona Floripes chorando, a um canto, arrependida. Qual não foi seu espanto quando, ao passar pelo guichê, viu-a sorrindo ao rapaz que comprava bilhete para o próximo trem, ao mesmo tempo em que, recomeçando tudo, lentamente desenrolava uma bala de mel, melada que nem ela, colocando-a na boca num ritual sensual e sem pressa, deixando-a derreter-se enquanto o moço babava.

Aquela não foi a única vez em que, de seu esconderijo, Lili assistiu os arroubos amorosos de dona Floripes, que usava o sanitário público como local de desafogo para suas necessidades, não apenas as usuais. Além do coronel, havia o delegado, o dono da funerária, o vereador, o escrivão, o dono da pensão... Impressionava a Lili não só a quase fúria nas relações mas, sobretudo, a ausência absoluta de palavras e ternura... amassavam-se, excitavam-se, uivavam e gemiam, mas não se comunicavam! Agarados um ao outro sem carinho e sem respeito, mais pareciam estar brigando que fazendo amor! Lili penalizava-se da mulher e prometeu-se guardar segredo: por ela deixaria impunes os sujeitos.

Mas não apenas de sexo era feito naquele sanitário, às escondidas; além das necessidades fisiológicas, é evidente, aquele espaço era também usado para planejar e executar negócios escusos e ações criminosas.

Talvez pelo fato de ser testemunha do que ali se passava – movida pela curiosidade e não por outro motivo qualquer –, Lili foi aguçando sua capacidade de observação e dedução, melhor

compreendendo a natureza humana e sua face oculta, adquirindo um faro quase canino para detectar indícios de perigo. Assim é que, certa feita, impressionada com um estranho que saltara do trem, pôs-se a seguir-lhe os passos. Ele inspecionava o espaço como a procurar por alguém, usando a aba do chapéu arriada para tapar os olhos, capa comprida que lhe ocultava o corpo forte, e botas de bico fino, arrebitado. Lá para as tantas, Lili o percebeu trocando olhares com o jagunço de um Tal que tinha fama de invasor de terras. Sempre alerta, viu quando o sujeito discretamente entrou no sanitário, sendo seguido pelo estranho. Deixando as balas espalhadas – ela agora tinha um tabuleiro onde as expunha, separadas segundo o sabor –, foi espiar do seu esconderijo. O que viu a arrepiou: o homem mal encarado guardava no bolso interno da capa um maço de dinheiro, enquanto o jagunço, passando-lhe uma folha de papel dobrado, dizia: “Aí tem os dados do cabra!”. Sem mais palavras, saiu este, enquanto o forasteiro, deixando passar um tempo no qual mirou-se no espelho parecendo não se enxergar, saiu, dirigindo-se ao guichê onde comprou a passagem de volta sem sequer notar o decote de dona Floripes que endereçou-lhe um olhar de mulher fatal. Desapareceu no trem que apitou, zarpando.

Naquela noite Lili demorou a conciliar o sono! Revolvia-se na cama de colchão duro, ao tempo em que repassavam-lhe na mente perguntas e dúvidas sobre o que fazer. Ao levantar-se antes do sol, já decidira: alertaria o delegado, sim, para um possível crime que iria acontecer! A caminho da Delegacia, no entanto, com passos lentos porque vacilantes ante as dúvidas que retornavam com a luz do dia, Lili, menina simples afeita às leis do campo, receava apelar para as leis dos homens, considerando perigosa a seara policial para a qual se dirigia. Como fazer a denúncia sem se implicar, sem entrar em detalhes, sem revelar o segredo de seu esconderijo? E, revelando-o, como explicar

sua atitude suspeita de testemunha oculta da privacidade dos outros? Não seria isso, também um crime? Como convencê-lo de suas boas intenções? E como falar do assunto bombástico sem levantar suspeitas sobre si? Afinal, ela era apenas uma jovem, moça humilde da periferia, uma João-ninguém... Mas, por outro lado, não denunciando, não se tornaria cúmplice de um crime? Como cruzar os braços sem nada fazer para salvar uma vida?...

Quando percebeu, já estava na Delegacia! Instantes depois saía. Fizera experiência da vantagem de ser insignificante: com poucas palavras e sem explicação dissera ao delegado para estar atento, pois um crime poderia acontecer por aqueles dias... Saiu quase correndo sem ter sido levada em conta e com a consciência tranqüila pelo dever cumprido – o que a autoridade pensou dela, não se sabe; sabe-se apenas que nada fez.

Uma semana depois apareceu morto num matagal um pequeno agricultor, vizinho do Tal que lhe quisera comprar as terras por um punhado de moedas; sendo recusada sua oferta, tramara um meio de comprá-la a preço de nada, da viúva apavorada...

Tardiamente o delegado valorizou as palavras daquela mocinha da Estação. Procurou-a, queria elucidar os fatos, mas, já sendo o mal consumado, ela sentiu-se desobrigada a fornecer detalhes e envolver-se com gente perigosa; disse apenas como resposta: “Tive a impressão...” – impressionado ficou o delegado que passou a considerá-la.

Tempos depois, outra contravenção foi testemunhada pela moça nos escusos limites do sanitário... Desta vez foi uma brincadeira irresponsável de um filhinho do papai que, acostumado ao vandalismo com um grupo da capital, tentava agora tornar excitantes suas férias no interior. Acompanhado de um moço do lugarejo, ingênuo e tímido, mas vaidoso por misturar-se com

o cidadão, o malandro interceptou o malote do correio que chegava pelo trem. Levando-o para o sanitário violaram as correspondências, lendo-as e rasgando-as enquanto faziam piadas com o que liam. Do alto do esconderijo Lili escutava, rubra de revolta e de impotência. A certa altura sua atenção foi aguçada ao ouvir o nome do seu Joaquim, o dono do armazém. Ele era um homem bom, criador de pássaros e alguém por quem ela tinha gratidão: anos atrás, antes das balas, quando às vezes faltava dinheiro para o pão, ele fornecia, dizendo: “Um dia vocês pagam!” Quando começou a ganhar os trocados, Lili foi saldar a dívida, mas o bom homem alegou ter perdido as notas, não sabia o montante da conta... “Um dia eu acho!”. Agora, lá em baixo, o irresponsável e o tolo liam uma carta endereçada a seu Joaquim onde avisavam que alguém, um parente, talvez, falecera, deixando a ele a herança de seus bens... Esta, como as demais, foi parar na lixeira, amarrada e rasgada junto a papéis sujos. Sem esperar o fim da “farrá”, Lili desceu do esconderijo deixando para trás os meliantes; com pernas apressadas chegou ao armazém: “Seu Joaquim, o senhor vai receber uma herança... procure saber!” Avisou de um fôlego e voltou em cima do rastro antes que tivesse que dar explicações. Inquirida dias depois, deu ao novo rico a resposta de sempre: “Foi impressão...”

Ao maquinista dissera um dia, brincando: “Cuidado pra essa máquina velha não descarrilar...”. Meia hora depois chegava a notícia na Estação: um vagão descarrilara; sem vítimas, felizmente.

Tais fatos, comprovantes de deduções, intuições e coincidências, na boca do povo fizeram de Lili adivinha, conferindo-lhe importância e destaque na região. Alguns havia que, sem antes ouvi-la, nada decidiam; uns a respeitavam; outros a temiam... Ela, sabendo ser o que era e de onde vinha sua sabedoria, limitava-se a sorrir e a ajudar quando podia.

Mas os “poderes” de Lili não foram suficientes para preveni-la contra o cupido que, mais sagaz e ardil, surpreendeu-a num final de tarde, momento em que, despedindo-se, o sol asperge no ar o sortilégio da melancolia e da saudade, mandinga escarlate que amolece o corpo e aquece a alma predispondo ao aconchego, prenúncio do sonhar...

Era o último horário do trem. Subindo como todos os dias os degraus que a conduziam aos vagões, Lili, com as mãos cheias de balas, passava por entre os bancos oferecendo-as aos passageiros que prosseguiam viagem, uma vez que nem todos saltavam na Estação para nada, ou para muito pouco, como espichar as pernas, esvaziar a bexiga, beber uma água ou simplesmente espalhar dando um dedo de prosa com alguém – pois nordestino é cabra falador que não precisa conhecer para dirigir a palavra: joga conversa fora, estróina de verbo, que é, e sai despedindo-se do desconhecido como se um grande amigo fosse, com abraço apertado e palmadinhas nas costas, com ar de intimidade –. Estendendo a mão cheia para o rapaz que parecia distraído, olhando lá fora e nada vendo, ela teve que pigarrear e levantar a voz na tentativa de fazê-lo escutar. Recolhendo do além a consciência, ele fixou nela o olhar entre surpreso e irritado, até perceber-lhe a intenção. Um brusco “não” teria posto fim à cena, não fosse o par de olhos cor de mel que, inexplicavelmente, adoçou-lhe o azedume! Atraído, qual abelha esvoaçante, ele estendeu a mão, deixando que as balas redondas caíssem nelas como moedas em cuia de cego, contando-as com o tato, apenas, já que os olhos não se desgrudavam dos “pingos de mel”. Com cara de bobo, perguntou:

– Quanto custa?

A voz melosa, tanto quanto os olhos, informou do irrisório preço de cada uma; não conseguindo, na obnubilação mental que o embotava, fazer o cálculo do quanto devia pagar, esten-

deu-lhe uma cédula para a qual ela não teve troco; prometeu, sem pensar:

– Outro dia eu passo por aqui para pegar o troco.

– Desculpe, senhor, mas eu não fico com o troco dos fregueses... e não vai dar tempo de trocar... o senhor me devolva as balas, por favor... – falou, sem desgrudar dele o olhar, enquanto lhe estendia a cédula.

– Não – respondeu ele, quase alarmado –, eu quero as balas, faça questão de comprá-las! Se você não quer ficar com meu troco, fico eu com suas balas... – e recolheu a cédula.

– Prefiro assim!

Dando as costas, embora deixando um fio de melaço entre os olhares, ia descendo do trem que começava a resfolegar, quando ele perguntou:

– Como é seu nome? Como vou lhe achar?...

– Sou Lili da Estação... estou sempre aqui! – gritou, por sobre o ombro.

A máquina velha, apitando de cansaço, arrastou-se a balançar os vagões qual ancas gordas de matrona em fim de carreira.

Uma Lili diferente saltou, no pulo de última hora! Não sabia o que era, mas perdera a graça na partida do trem... O fio de melaço que a prendera a alguém espichava-se à medida que, afastando-se a máquina, não mais se ouvia o apito ou o resfolegar, sons tão conhecidos e repetidos mas, naquele instante, inéditos, significando partida... pela primeira vez ela os sentia assim! O “fio” se esgarçava e ela, que saltara do trem já em movimento, deixando lá dentro alma, voltava oca para casa, qual saco vazio que não se põe de pé.

A partir daí os dias passaram a arrastar-se na Estação, Estação que também adquiriu outro sentido: garantia de reencontro, possibilidade de voltar a sorrir. Lili esperava por aquele que não tinha nome, mas que lhe levava um punhado de balas... e o co-

ração!

Minada pela espera, murchava no desespero do nada saber: “Por que ele não voltava? Como é possível ir sem que volte jamais? Ele não era da região, por certo que não; em tantos anos nunca o vi! Onde ele saltara, qual o seu destino? Quando voltará?...”

Ferida por Cupido, esvaíra-se o interesse em vender as balas: sem diagnóstico nem prognóstico, vagava a pobre menina pela Estação. A vendagem despencou como se o desejo do freguês dependesse do seu próprio, e desse ela não mais dava conta; perdera-o, talvez, com um troco de poucas moedas que lhe valiam mais que um punhado de ouro! Desinteressada do que se passava ao redor, não mais subia ao esconderijo para espiar, prendendo o olhar na intermitência das chegadas do trem, expectativa doída de reencontro.

Um dia – e não foi tanto tempo quanto lhe pareceu, teve a duração de apenas uma semana –, ele chegou... No calor da tarde, sem alarde, sem a “adivinhação” que a fizera famosa, ele chegou de mansinho, mas decidido, sem que fosse preciso ela ir ao seu encontro. De pé na estação, aguardando que os passageiros descessem, perscrutando as janelas do trem por onde uma e outra cabeça se mostravam, com o coração aos saltos como fora em todo desembarque daqueles dias, com os olhos cor de mel melados qual bala já lambida, ele a viu! Na agilidade dos apaixonados saltou, tendo que apumar nos estreitos degraus os desajeitados pés que queriam impulsionar o corpo como para um vôo. Entre os que saltavam, ela o viu, a ele a quem adivinhara tantas vezes chegar! Como se teleguiados fossem, correram ambos um para o outro, estreitando-se mutuamente num abraço melado, fio que se encorpa e se deixa derramar. Depois, percebido o arroubo, um afastar-se envergonhado sem coragem de se encarar. Conversa iniciada, atrapalhada, sem saber o que

dizer, o que perguntar... mãos vazias no ar que não lhes deu sustento, deixando-as engraçadas, gaguejantes, como assim era a fala... olhos se procurando e se escondendo, na vergonha de se acharem... corpos suados, não do calor da tarde, mas do desejo de se abraçarem.

Uma sombra foi buscada; um banco vazio, encardido e quebrado os acolheu, já que aos braços um do outro não lhes fora permitido, na proibição perversa e sem sentido de se abrigarem no que do outro já era seu... O banco estropiado firmou-se, calando o chiado no desejo de escutar o amor:

– Lili da Estação!... Chupei suas balas que me lembravam seu olhar! – falou ele, finalmente olhando-a com firmeza. – Voltei para pagar o que devo.

– Eu não sei o nome do senhor.

– Não me trate por senhor...

– Eu sei que o senhor é muito moço, mas eu era ainda pequena quando meu pai me ensinou que a um desconhecido sempre se trata por senhor.

Lili ainda falava quando mentalmente se indagou: “se é assim, por que o abracei?” Envergonhada, baixou a cabeça, deixando que se derramassem gotas de mel de seu olhar doce, melando-lhe as faces. Vendo-a assim desprotegida e pura, o mancebo, virando-se de corpo inteiro para ela, puxou-a para si, e forçando-a a encostar a cabeça no seu ombro, suplicou:

– Não chore, por favor... eu a entristeci?

– Oh, não! – respondeu, desesperada, tentando abanar a cabeça que ele, com mãos firmes, mantinha apoiada.

– Então, por que chora?

– Não sei, juro que não sei... – e não sabia mesmo!

Delicadamente ele afastou-a um pouco, o suficiente para olhar em seus olhos que derramavam. Com dedos macios espalhou pelas faces as lágrimas adocicadas que, no percurso, des-

cambavam para a boca entreaberta que as sorvia. Resistindo ao desejo de lambe-lhe a cara melada, cara adoravelmente de tacho que lhe despertava associações de infância, ele tentou brincar:

- Se vai continuar assim, vou embora sem lhe pagar...
- O que importam as moedas?... Não é por elas que choro.
- Por que é, então?
- Já disse que não sei.

Enquanto isso, talvez por ter perdido a trilha, estancara-se o pranto, deixando os olhos qual dois pratos rasos cheios de melação a brilhar...

Sem prévia combinação, levantaram-se ambos, no não saber o que fazer; andando para lá e para cá, as mãos naturalmente se tocavam no movimento do caminhar. Sem saber como, perceberam-se de mãos dadas e, como assim estava bem, assim permaneceram. Horas depois, quase agachados no esconderijo para onde ela o levou – único a agora saber do seu segredo – e que se revelava insuficiente para os dois, forçosamente juntos por falta de espaço e por desejo, trocaram o primeiro beijo. Ele provou dos lábios virgens, lábios de mel... Enfeitiçado, queria lambê-los como se faz com caramelos... enternecida, ela derreteu-se! As moedas, troco devido, espalhadas num canto qualquer por onde caíram, mostravam-se inúteis no acerto de contas onde o que conta é o amor. Mas nem tudo foi dado; algo ficou guardado, promessa a recorrer.

Partir era preciso, e ele partiu. O trem levou o amado, o encantado, o bem-querer... e o coração dela! Ficou um corpo ardente, desperto que fora para o amor... mas era também um corpo vazio no desejo da falta, na falta daquele que, por instantes, a completara! Corpo dividido, corpo carente, ambulante, molambo de gente.

Um dia ele voltou. Envolto em névoa e neblina cinzenta, chegou sem ser por ela percebido ou adivinhado, no desespero

de quem não mais espera! Tendo perdido a noção do tempo, para ela fora eterno o que não passara de intervalo. Agora ali estava ele, trazendo desejo na carne, boca sedenta de beijos, mãos cheias de carícias para dar: troco devido por ter-lhe levado a alma, deixando-a vazia no vagar daqueles dias... Mas, inexplicavelmente, ela que tanto ansiara, decidia agora retardar: não fariam amor no esconderijo e às carreiras; queria espaço e tempo! Fariam amor com requinte e com vagar, nada que lembrasse os embates de dona Floripes com quem aprendera o que não é amar. Com prazer quase perverso protelava o desejo maior, como se com medo de acabar o que tinha urgência por começar...

No meio da tarde, inesperadamente o tempo mudou: como rei, o sol montado em cavalaria de raios perfurou armaduras de nuvens, abateu trovões que, qual canhões, pareciam aguardar a ordem de atacar; dispersou tempestades e reinou. O céu vestiu-se de azul, os pássaros voltaram a cantar, o chão se enxugou.

Ao pôr do sol, após um dia inteiro passado na Estação sem outro afazer que não o de deixar avolumar-se o desejo, tendo o céu já despido as vestes da tarde e se envolvido em véus róseo-dourados com os quais se reveste para dormir e sonhar, já estando corpo e alma a ponto de estourar, foram, como crianças de mãos dadas, caminhando pela estrada em direção ao casarão em ruínas. Próximos, tomaram o atalho que conduzia ao paiol. Então já era noite, e uma lua-cheia quase à altura da mão derramava torrentes de prata pelo chão... Eles acomodaram-se por sobre palhas esparsas; ela, no vestido branco de pano ralo, acanhado e gasto, que mal lhe escondia as ancas estreitas e a cintura fina, os seios emergentes e túrgidos, redondos e inocentes, apesar de provocantes na ingenuidade de quem não sabe... Ele, esguio e elegante, vestia calça e camisa de grife, moço da capital e de posses, que era. Afoito, desatou as rédeas da paixão e os cabelos

dela... mas ela, que mais queria-lhe a alma e não apenas o corpo, deteve-o com mansidão:

– Eu não sei seu nome... esperei-o por todos esses dias sem saber como chamá-lo! Hoje passamos todo o dia juntos, mas você ainda não me disse o nome...

– Não? – inquiriu, surpreso – Por que você não perguntou?

– Eu perguntei, várias vezes, só que você pareceu não escutar...

– Oh, desculpe, então... eu me chamo César Augustus de Andrada e Andrada Albuquerque Neto – era nome e imponência demais para ela!

– Quanto nome! Você deve ser muito importante! Como eu não sabia o seu nome, dei-lhe um apelido, algo com que pudesse nomeá-lo em sonhos...

– E qual foi? – quis saber ele, entre curioso e impaciente.

– Miro.

– Miro? Por que Miro?

– Não sei, foi o nome que me veio... talvez por causa do gatinho que tive na infância, uma das poucas lembranças.

Apesar de ardendo em desejo, o moço sensibilizou-se com a pureza daquela que, apesar de indefesa em seus braços, impedia-o de possuí-la, mantendo nas mãos inexperientes e túbias as rédeas do destino.

A lua incidia sobre o corpo frágil e belo que ele, com o olhar, despia. Mas ela prosseguia na delonga, talvez em busca da estrada real que a levasse ao coração. Queria saber dele mais que o nome, a história. Assim é que, mantendo-se vestida e cerrada a passagem para seu segredo de mulher, ela o fez falar de si:

– Sou médico recém formado. Vim passar uns dias na fazenda de um tio, logo estarei voltando para a capital onde exercerei minha profissão; para isso é que estudei tanto! – após pequena pausa, intrigado, perguntou: – Você se expressa bem...

onde estudou?

– Passei pouco tempo na escola, que me ensinou apenas a ler e escrever... o resto aprendi lendo; leio qualquer coisa que me cai nas mãos! Mas é com a vida que mais aprendo: praticamente sozinha no mundo, aprendi a me defender. – E, outra vez melancólica: – Só não me defendi de você, não sabia que o amor pode fazer sofrer... a falta dele, sim; isso eu já sabia!

O olhar perdeu-se no passado ao qual ele não tinha acesso. Olhos parados no vazio, vitrificados no que só ela via, pareciam duas gotas de mel que se tivessem açucarado, endurecidas. Ele respeitou aquele instante dela. Desconhecendo-se diante daquela moça humilde, ardia de desejos por ela que lhe provocava arroubos, mas, inexplicavelmente, uma quase reverência o fazia titubear... ela era adorável sem ser propriamente bela, uma mulher sensual numa criança ingênua; indefesa, assustava-o; ignorante, fazia-o sentir-se um principiante... Decididamente ela era para ele um mistério, e ele não se entendia.

Após um tempo ensimesmada, com um suspiro fundo vindo das entranhas, ela sussurrou:

– Naquele dia, no trem, você pareceu-me distante; em que pensava?

Distante também agora em suas conjecturas, ele tinha dificuldade em falar. Voltara ali porque ao primeiro olhar sentira-se atraído por aquela mocinha interiorana, não mais conseguindo deixar de pensar nela. Imaginava que, conhecendo-a na intimidade, acabasse com aquele sortilégio, uma vez que não considerava a possibilidade de apaixonar-se por uma tabaroa, não ele, homem de muito saber e filho de uma família importante. Assim, em nada a caipira combinava com suas tradições e projetos de vida.

Ela insistiu na pergunta:

– Em que você pensava?

– Num amor que acabou... era uma garota por quem estive apaixonado desde pirralho; agora, pouco antes da minha formatura, quando todos esperavam que nos casássemos, tudo acabou...

– Então, o amor acaba?

– Sim, tudo acaba!

– Eu preciso de um amor eterno... não gosto do que acaba... não dá segurança. Vivo entre coisas que passam: o trem que chega, mas parte; passageiros que vêm, e que vão; balas de mel que adoçam, mas se derretem... As chegadas e saídas do trem marcam o meu tempo: hora de chegar e hora de voltar para casa... A Estação é o meu mundo e por ela tudo passa... Desejo algo que fique para sempre!

– Só Deus é eterno.

– Então, é a Deus que desejo!

Por instantes o olhar doce voltou-se para o céu, bebendo a luz etérea do luar que, banhando-a em prata, parecia eternizá-la, metalizando-a.

– Você me ama? – perguntou, na inocência do amor primeiro.

– Nesse momento, diria que sim... – respondeu, evasivo.

– Eu o amo! Não fosse assim eu não estaria agora em seus braços, prestes a entregar o pouco que ainda não lhe dei... Sim, porque nesses dias que se passaram desde o momento em que o vi, antes mesmo que você me olhasse eu já me perdera de mim, arrebatada por você que sequer me vira... já não me pertença, entende? – havia tristeza na voz.

Despreparado para tanto, o rapaz quase assustou-se, o que não lhe arrefeceu, no entanto, o desejo que, ao contrário, aumentou.

– Nosso amor vai acabar? – inquiriu, fechando os olhos como a não querer ouvir a resposta.

- Não sei...
- Para mim ele será eterno!
- A eternidade pode caber no agora? Não sei... há coisas que se eternizam como lembranças...
- Não! Não é lembrança! O que sinto por você tem gosto de sempre e... nada mais!

Parecendo esgotada após declarar a impetuosidade do amor, Lili deixou-se possuir. Com cuidado e ternura como com ninguém antes, ele a despiu. Como num ritual lambeu-a com os olhos, misto de desejo e reverência; desvendou-lhe saliências e reentrâncias, passagens secretas, vales e montanhas, fossos e abismos... com mãos sábias, afagava-lhe o corpo e deixava sua enlevada a alma.

No alto, a lua, com seu véu de transparência prateada, cobria a intimidade que se velava... se revelava... e se resguardava!

Arfantes os dois, após longa caminhada, deram-se nos corpos enlaçados o devido conforto e o merecido repouso. Mas, logo mais, a jovem libido que em seus corpos morava acordou do breve sono, renovada. À luz do luar ele dizia, olhando-a face-a-face:

– Seu rosto me parece uma tigela de coalhada com duas gotas de mel...

– Coalhada?... Eu não sou alva!

– A lua a deixa prateada...

– Coalhada é azeda!

– E para que as duas gotas de mel, senão para adoçá-la? O mel de seus olhos a adoça inteira... – e passando de leve os dedos por sobre os lábios dela: são doces suas palavras, porque de mel são seus lábios...

Sorvendo-os, melou-se no melaço que, derretendo-se, derramou em profusão... Enlaçados e entrelaçados amaram-se como da vez primeira, embora gosto tivesse de última, eterna

no que de única tinha.

O dia amanhecia...

Naquela manhã ensolarada, após a enluarada noite de amor, os jovens caminharam pela estrada empoeirada, enxergando mais belo o matagal agreste, mais macia a terra amarelada e seca do sertão, mais azul o céu sem nuvens, mais cantante o zumbido de abelhas que voavam, rasteiras, por suas cabeleiras desfeitas... Mas apenas superficialmente tinham noção disso e de tudo que os cercava, porque olhos tinham mesmo, um para o outro, e nada mais! Caminhavam juntinhos sem muitas palavras, na sensação de vazio e plenitude que compartilhavam. Todas as promessas haviam sido feitas; as juras, juradas; levava cada um dentro de si, o sabor do outro.

Na Estação, o comum: comprar bilhete, sacola aos ombros, trem que apita, despedida, mãos se agitando num adeus, trem parte resfolegando, olhar melado se espicha para além da curva, num fio invisível, dourado e doce como mel... Tudo igual a todos os dias, no entanto...

Tanta felicidade em apenas um dia?... Foi ontem que ele chegou?... Mas ela já não é a mesma!... E ninguém sabe, ninguém nota?... Alguém pergunta pelas balas, quer comprá-las para adoçar a boca: ela vagamente percebe que não as trouxe... passa pelo lugar do tabuleiro, ponto de venda... está vazio... vazia está ela... ele se foi... jurou voltar, um dia... Dona Floripes, menos melada sem as balas, meneia os ombros para o coronel que vai viajar, mas não de trem... Lili não sente pena, nem nada... não sente nada... nada a fazer ali... Quase sem sentir toma o caminho de casa... não se adivinha sendo seguida... estrada deserta àquela hora de sol escaldante... olhos nublados de mel que se derrete em lágrimas... galho se mexe à beira da estrada, mas não há vento!... Lili nada vê nem presente... não é feiticeira nem santa... um estampido, o galho se mexe, um vulto se esconde...

Lili nada sente... um líquido quente escorre-lhe pelas costas, no ponto que seria de encontro das asas, se anjo fosse... Lili tomba, cara de tigela no chão, coalhada manchada de sangue, duas gotas de mel açucaradas... um enxame de abelhas chega zumbindo...

Era mesmo doce que nem mel, o sangue!



Imagino os meus contos sendo lidos ao entardecer... O leitor, a quem amo sem conhecer – amor virtual sem imagem corporal – confortavelmente assentado, tendo à frente, talvez, uma xícara de chá ou de café fumegante, degustando-o lentamente com biscoitos amanteigados, no entardecer frio que pede aconchego e recolhimento. Terá este, enquanto isto, sob os olhos, este livro. Deixar correrem soltas pelas páginas as emoções que forem surgindo a partir do texto, na alma.

Seguindo as pegadas de personagens fictícios, viajar através do imaginário... e encontrar-se no que de si sugere o livro!

Se quente, no entanto, estiver o tempo, sem importar o momento, podem ser lidos em qualquer lugar, contanto que váia esteja a alma para encontrar nas páginas diversão e emoção!

A autora

